

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
CENTRO DE CIÊNCIAS DO AMBIENTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO
AMBIENTE E SUSTENTABILIDADE NA AMAZÔNIA

A PERCEPÇÃO AMBIENTAL E IMAGEM CORPORAL DOS
TRABALHADORES DA FEIRA MANAUS MODERNA:
DESAFIOS E SUPERAÇÕES

JOZILMA BATALHA PINTO DE SOUZA

MANAUS
2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
CENTRO DE CIÊNCIAS DO AMBIENTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO AMBIENTE E
SUSTENTABILIDADE NA AMAZÔNIA

JOZILMA BATALHA PINTO DE SOUZA

A PERCEPÇÃO AMBIENTAL E IMAGEM CORPORAL DOS
TRABALHADORES DA FEIRA MANAUS MODERNA:
DESAFIOS E SUPERAÇÕES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia do Centro de Ciências do Ambiente da Universidade Federal do Amazonas, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências do Ambiente área de concentração Política Pública Ambiental.

Orientadora: Dra. Sandra do Nascimento Noda

MANAUS
2008

JOZILMA BATALHA PINTO DE SOUZA

A PERCEPÇÃO AMBIENTAL E IMAGEM CORPORAL DOS
TRABALHADORES DA FEIRA MANAUS MODERNA:
DESAFIOS E SUPERAÇÕES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia do Centro de Ciências do Ambiente da Universidade Federal do Amazonas, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências do Ambiente área de concentração Política Pública Ambiental.

Aprovada em 01 de abril de 2008.

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Sandra do Nascimento Noda.
Universidade Federal do Amazonas

Profa. Dra. Rita Maria dos Santos Puga Barbosa – FEF/UFAM
Universidade Federal do Amazonas

Profa. Dra. Therezinha de Jesus Pinto Fraxe – FCA/UFAM
Universidade Federal do Amazonas

OFEREÇO

Ao meu pai que aos 8 de idade já vendia cheiro-verde na porta da feira produzido na fazenda de seu avô (meu bisavô) José Maria Pinto, para comprar sua “baladeira”, o “chumbinho”, o calção para usar... Sendo o início de uma vida dedicada a Ser um exímio “trabalhador da feira” e com isso sustentar junto com sua “guerreira mulher” (minha mãe) seus nove filhos.

DEDICO

Aos meus pais, Antônio e Edna, pois, sem os seus esforços para nos dar educação, hoje não se realizaria este trabalho.

Ao meu amor Thomas Lemke, pelo apoio incondicional nesta caminhada, sempre com incentivo, compreensão e dedicação na realização de meus sonhos.

As minhas irmãs Cárita, Silvia, Albertina, e irmãos Ramátis, Sebastião e Ismael, que me deram forças e tiveram compreensão nas ausências dos encontros com a família.

Aos acadêmicos e profissionais de Educação Física, para que possam acreditar que quando se caminha com amor e vontade a possibilidade se descortina, basta acreditar, insistir, ter forças para não desistir e sentir o prazer de REALIZAR.

SINCEROS AGRADECIMENTOS

A “Luz Divina” por tudo até aqui.

À minha família, (pais, marido, irmãs e irmãos, sobrinhos, cunhados e cunhadas) pelo amor, compreensão e constante apoio em tudo na minha vida e, neste árduo caminho na busca do conhecimento.

Ao Centro de Ciências do Ambiente, que por seu caráter interdisciplinar, a exemplo de inclusão, me oportunizou adentrar para realizar este curso.

A Professora Dr^a Sandra do Nascimento Noda, por ter acreditado em mim, e por orientar-me no labirinto do conhecimento com a perspicácia de quem, sabiamente, conhece a importância da liberdade do “errar”, para se chegar na saída do labirinto com a certeza de que esta descoberta é um ensino precioso. Sou muito agradecida por esta indispensável lição.

Aos admiráveis professores do Centro de Ciências do Ambiente, que ao acreditarem na educação, não mediram esforços para contribuírem com seus conhecimentos na nossa longa caminhada.

A Dra. Rita Maria dos Santos Puga Barbosa, que se colocou sempre a disposição para diálogos quanto à Imagem Corporal e processo de qualificação. Agradeço sua confiança, paciência e atenção destinada à minha pessoa no caminho de superar este desafio.

Aos professores, Dra. Evelyne Moinbourg e Dr. Antonio Carlos Witkoski, que com paciência, competência e correção me auxiliaram com significativas contribuições no processo de “pré-qualificação” para realização deste trabalho. Agradeço a valiosa contribuição.

Aos estimados “trabalhadores da feira”, pelo entendimento da importância desse estudo e voto de confiança que deram a minha estranha pessoa no seu “mundo” para o cumprimento desta pesquisa. Agradeço por cada minuto de seu precioso tempo em pacientemente terem revelado suas percepções e sentimentos.

Aos senhores Jaques Nascimento, Fábio Albuquerque, Ivo Ribeiro e Marcio Aguiar pelas informações e autorizações da realização deste trabalho no ambiente da feira.

A Silvia Paiva pelo auxílio grandioso no processo estatístico dos dados. Agradeço por toda paciência e disponibilidade do seu tempo em me ajudar sempre que necessário.

Aos Doutores João Bosco Ladislau e Alberto dos Santos Puga Barbosa, por terem elaborado a carta de recomendação necessária na busca da realização deste propósito. Agradeço a confiança depositada à minha pessoa.

A Ivanilce Castro pelo inestimável apoio e palavras de incentivo para realização deste sonho. Agradeço sua predisposição sempre que necessário

As amigas Priscila Freire, Leokeline da Silva, Larissa Romão, Nilza Verônica e Patrícia Góes pelo carinho e amizade durante esta caminhada.

Aos colegas do Centro de Ciências do Ambiente, por me auxiliarem com as dúvidas ao desvendar as minhas, conceitos ao fazerem refletir os meus, atitudes que me estimularam a aperfeiçoar a minha, enfim, que com suas práticas individuais e sociais me ensinaram direta ou indiretamente com suas palavras, gestos e ações.

As secretárias Raimunda e Cleide que em meio as suas atribuladas tarefas estavam dispostas a me ajudar quando necessário.

EPÍGRAFE

Eu ainda acredito num futuro mais bonito,
que o novo é bem-vindo e o **amor** é infinito.

Eu ainda acredito que nem tudo está perdido,
que o **sorriso** é sagrado [...]

Eu ainda acredito no **carinho** invés de grito [...]

Eu ainda acredito nos heróis adormecidos, nessa **força** que revolta e nos faz ficar erguidos
cada vez que nos sentimos derrotados e punidos.

Eu ainda acredito que depois da tempestade sempre vem a calmaria e consigo a **liberdade** [...]

Eu ainda acredito **nas florestas e nos índios**, na bravura das leoas, na alegria dos golfinhos
[...]

Eu ainda acredito na justiça lá de cima, na verdade e na **vida** como o som de uma rima.

E em tudo que é **belo** e em tudo que é **nobre** como as cores do arco-íris quando a chuva se
descobre e agradece iluminada pelo sol de ouro e cobre.

Sei, talvez eu seja visto como ingênuo ou demagogo, inocente ou pervertido, um hipócrita,
um louco.

No entanto eu insisto nesta chama que consome,
eu ainda acredito porque sofro com a fome, porque ainda sou um homem.

Letra: Jorge Vercilio [**grifo nosso**]

Eu ainda acredito na **existência de um mundo melhor...**

homem e natureza VIVOS em harmonia!

Jozilma Batalha

RESUMO

O presente estudo emerge das inquietações a respeito dos problemas sócio-ambientais que comungam as relações homem e ambiente, que não podem ser entendidos isoladamente, pois estão interligados e são interdependentes. Estas inquietações despertam no ambiente urbano da cidade de Manaus, o elo topofílico do amor humano pelo lugar entre a pesquisadora e o ambiente da feira que se concretiza na investigação de temas complexos como a Percepção Ambiental, entendida como processo mental de interação do indivíduo com o meio ambiente que se dá através de mecanismos perceptivos propriamente ditos e, principalmente cognitivos. (Del Rio, 1999). E a Imagem Corporal, proposta por Schilder (1999), que é a configuração de nosso corpo formado em nossa mente, com enfoque tridimensional: fisiológico, libidinal e social. Com base nestas teorias tivemos como propósito analisar a Imagem Corporal e Percepção Ambiental do trabalhador da feira “Manaus Moderna” para constituição de um quadro de possíveis melhorias neste ambiente. Escolhemos o método Estudo de Caso (Yin, 2005) por nos favorecer um estudo profundo dos quinze (15) entrevistados selecionados nesta investigação que nos permitiu o conhecimento sobre este ambiente à luz de sua experiência na realidade do cotidiano de trabalho. Para tanto, utilizamos as técnicas da documentação (Yin, 2005), observação direta (Yin, 2005), entrevista semi-estruturada (Yin, 2005) e a técnica da fotografia proposta por Ferrara (1999) como fontes de evidência na coleta dos dados posteriormente analisados pela estratégia da triangulação de forma qualitativa e quantitativa, que nos revelaram os seguintes resultados: a) na percepção ambiental os trabalhadores da feira perceberam um ambiente péssimo nos aspectos da circulação de ar (100%), do atendimento de primeiros socorros (80%), do estacionamento (73,3%) e dos corredores (66,7%) e, ruim quanto ao esgoto (60%), limpeza (60%) e cobertura (53,3%), sendo percebida boa a localização (53,3%) de suas bancas e a água (53,3%); b) na imagem corporal os trabalhadores da feira se sentem insatisfeitos quanto ao seu descanso corporal e sono (80%), o uniforme (73,4%), a resistência muscular (73,4%), a flexibilidade (73,4%), a postura (66,7%) e o seu peso (66,7%), estando satisfeitos em ser trabalhador da feira (93,3%), popularidade (100%) e vocabulário no atendimento ao cliente (100%). Tendo como sugestões de melhorias: a necessidade de manutenção e /ou reforma quanto ao estacionamento, corredor, ventilação e limpeza da feira “Manaus Moderna”, bem como, as condições do porto do produtor de importância ímpar para a carga e descarga dos produtos. E, oportunizar aos trabalhadores da feira planos de saúde, cursos de capacitação, esclarecimento quanto à previdência e meios de acesso a prática de atividade física e/ ou lazer. Salientamos nesta pesquisa a importância de se pensar nos pontos revelados, quando houver interesses de ações de gestão ambiental no ambiente da feira “Manaus Moderna”, pois nesta realidade é latente a ausência de conservação do ambiente, bem como, a carga horária de trabalho intensa que culmina com a ausência de descanso corporal e o sedentarismo, diminuindo as possibilidades de melhor qualidade de vida e conseqüentemente um desequilíbrio nas relações homem e ambiente urbano na busca de sustentabilidade local. Portanto, há de se pensar em políticas públicas neste cenário, considerada atualmente como a Central de Abastecimento da cidade de extrema relevância à sociedade como um todo.

Palavras-Chaves: Topofilia, Imagem Corporal; Percepção Ambiental; Feira Coberta e Realidade Cotidiana.

ABSTRACT

This paper emerges from the uneasiness of the socio-environmental problems that men and environment share, which cannot be understood separately because they are linked and are interdependent. Such uneasiness are evident in the urban environment of Manaus city, the toponymic link of the human love for the place between the researcher and the environment of the fair that becomes real in the investigation of complex themes, as the environmental perception, understood as the mental process of interaction of the individual person with the environment that is given through the perceptive and mainly cognitive mechanism (Del Rio, 1999). And the Corporal Image, proposed by Schilder (1999), which is the configuration of our body formed on our minds, with tridimensional focus: physiological, libidinal and social. Based on these theories we had as a goal to analyze the Corporal Image and Environmental Perception of the worker of the “Manaus Moderna” fair to constitute a list of possible improvements in this environment. We have chosen the method of study case (Yin, 2005) because it favors a deep study of the fifteen (15) selected interviewed workers in this investigation who granted us the knowledge on this environment and their experience and reality of every day work. For that, we used the techniques of documentation (Yin, 2005), direct observation (Yin, 2005), semi-structured interview (Yin, 2005) and the technique of photograph proposed by Ferrara (1999) as sources of evidence in the collection of data analyzed subsequently by the strategy of triangulation of qualitative and quantitative forms, which revealed the following results: a) in the environmental perception the workers at the fair realized that they have very bad conditions regarding air circulation (100%), first aids (80%), parking lot (73.3%), corridors (66.7%), and bad conditions regarding sewer (60%), cleanness (60%), roof protection (53.3%), a good location of the fair (53.3%), good location of their stands and water (53.3%); b) regarding the corporal image the workers at the fair are unsatisfied about their rest and sleep time (80%), the outfit (73.4%), the muscle resistance (73.4%), the flexibility (73.4%), the posture (66.7%), and the weight (66.7%), satisfied for being a worker at the fair (93.3%), for being popular (100%) and vocabulary while attending the customer (100%). Having as suggestions of improvement: necessity of maintenance and/or reform of the parking lot, corridor, ventilation and cleaning of the “Manaus Moderna” fair, as well as, the conditions of the producer’s port, which is extremely important for the shipping and receiving of the products. And to offer health plans to the workers of the fair, capacitating courses, information about the social security and means of access to practice physical activities and/or leisure. We also point out in this paper the importance of thinking about the revealed points, when there is interest of actions of environmental management at the “Manaus Moderna” fair, because in this reality, it is latent the absence of the environment conservation, as well as, the intense working hours, which culminates with the absence of corporal rest and sedentary behavior, diminishing the possibilities of a better life quality and consequently causing a bad balance in the relation between men and urban environment, searching for a local sustainability. Therefore, it is necessary to think about public policies in this scenery, currently considered as the Supplying Center of the city, which is extremely relevant to the society as a whole.

Key Words: Topofilic, Corporal Image; Environmental Perception; Fair, and Daily Reality.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Justificativa topofílica, o patriarca no cotidiano de trabalho na feira na década de 80.	16
Figura 2 - .Percepção da realidade da vida cotidiana na feira “Manaus Moderna”	30
Figura 3: Esquema teórico do processo perceptivo	38
Figura 4 - Percepção do Ambiente Interno da feira “Manaus Moderna”	44
Figura 5 - Feira Cel. Jorge Teixeira. Zona Sul, Centro da Cidade de Manaus, Amazonas, Brasil.....	51
Figura 6 – A realidade da vida cotidiana do trabalhador da feira “Manaus Moderna”.....	63
Figura 7 - Mapa da cidade de Manaus com distribuição em porcentagem das feiras por zona da cidade.	66
Figura 8 - Percepção do trabalhador da feira que destaca a variedade e a beleza como atração da feira.	76
Figura 9 - Percepção do trabalhador da feira sobre qualidade e variedade do produto.....	77
Figura 10 - Percepção do trabalhador da feira sobre a importância de pequenos reparos na feira.....	80
Figura 11 - Percepção do trabalhador da feira sobre a dificuldade de passagem dentro dos boxes.....	86
Figura 12 - Percepção do trabalhador da feira sobre o tamanho do box ser pequeno para variedade do produto.	86
Figura 13 - Percepção do trabalhador da feira sobre a ausência de circulação de ar na feira ..	93
Figura 14 - Percepção do trabalhador da feira sobre a ausência de segurança quanto ao produto nas pedras.	97
Figura 15 - Percepção do trabalhador da feira para que se discuta a melhor maneira para coleta de lixo na feira.....	101
Figura 16 - Percepção do trabalhador da feira sobre o mal-cheiro do lixo no ambiente externo.	101
Figura 17 - Percepção do trabalhador da feira sobre a importância do atendimento ao cliente e amizade.....	113
Figura 18 - Percepção do trabalhador da feira sobre a ausência de porto para escoamento do produto.....	116
Figura 19 - Percepção sobre estacionamento, porto do produtor e limpeza ao redor da feira.	119
Figura 20 - Percepção da trabalhadora da feira sobre os movimentos do barco como terapia e relaxamento.	122
Figura 21 - Dia das crianças organizado pelos trabalhadores da feira na parte externa do ambiente.	130

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Característica Geral da densidade populacional da feira “Manaus Moderna”.....	53
Quadro 2 - Divisão espacial interna da feira “Manaus Moderna” por setores.	83
Quadro 3 - Fluxo de funcionamento dos boxes, dinâmica de compra e venda e transporte dos produtos.	83
Quadro 4 - Pontos relevantes levantados com a triangulação dos dados.	123
Quadro 5 - Sugestão de melhorias no contexto sócio-ambiental da feira “Manaus Moderna”.	128

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Distribuição em porcentagem das feiras por zona da cidade.....	65
Gráfico 2 - Tipos de feiras em porcentagem por zona da cidade.	65
Gráfico 3 - Gênero do trabalhador da feira.....	70
Gráfico 4 - Estado civil do trabalhador da feira	71
Gráfico 5 - Local de origem do trabalhador da feira	71
Gráfico 6 - Nível escolar do trabalhador da feira	72
Gráfico 7 - Faixa etária do trabalhador da feira.....	73
Gráfico 8 - Tempo como trabalhador da feira	73
Gráfico 9 - Percepção e sentimento sobre a importância da feira “Manaus Moderna”.....	74
Gráfico 10 - Percepção e sentimento sobre a permanência da feira “Manaus Moderna”.	75
Gráfico 11 - Reconhecimento da função dos órgão de gestão da feira “Manaus Moderna”....	78
Gráfico 12 - Perspectiva futura da feira “Manaus Moderna”	79
Gráfico 13 - Perspectiva futura da imagem do trabalhador da feira “Manaus Moderna”	81
Gráfico 14 – Percepção Ambiental da infra-estrutura interna (box) em porcentagem.....	87
Gráfico 15 – Percepção Ambiental da infra-estrutura interna geral em porcentagem (%).	90
Gráfico 16 – Percepção Ambiental da infra-estrutura interna geral em porcentagem (%).	92
Gráfico 17 - Percepção Ambiental da infra-estrutura externa em porcentagem (%).	96
Gráfico 18 - Imagem Corporal geral dos trabalhadores da feira quanto a aptidão física em porcentagem.....	105
Gráfico 19 - Imagem Corporal dos trabalhadores da feira no aspecto da aparência física em porcentagem.....	107
Gráfico 20 - Imagem Corporal dos trabalhadores da feira no aspecto da saúde física em porcentagem.....	111
Gráfico 21 - Percepção Ambiental geral da feira “Manaus Moderna”.....	124
Gráfico 22 - Imagem Corporal Geral do grau de insatisfação do trabalhador da feira “Manaus Moderna”.....	126
Gráfico 23 - Imagem Corporal Geral do grau de satisfação do trabalhador da feira “Manaus Moderna”.....	128

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Análise do ambiente interno específico (box).....	85
Tabela 2 – Análise do ambiente interno geral da feira “Manaus Moderna”.....	89
Tabela 3 – Análise do ambiente externo da feira “Manaus Moderna”.....	95
Tabela 4 - Análise da aptidão física da Imagem Corporal em graus de satisfação à insatisfação.	103
Tabela 5 - Análise da aparência física da Imagem Corporal em graus de satisfação à insatisfação.	106
Tabela 6 - Análise da saúde física quanto a Imagem Corporal em graus de satisfação à insatisfação.	109
Tabela 7 - Análise da Imagem Corporal quanto as relações sociais em graus de satisfação à insatisfação.	111
Tabela 8 - Percepção ambiental geral da infra-estrutura do ambiente da feira, em porcentagem (%).....	118
Tabela 9 - Imagem Corporal geral do trabalhador da feira, em porcentagem (%).	120

LISTA DE SIGLAS

PMM	Prefeitura Municipal de Manaus
SEMAGA	Secretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento
CEP	Conselho de Ética em Pesquisa
SEMULSP	Secretaria Municipal de Limpeza e Serviços Públicos .
CVisa	Coordenadoria de Vigilância em saúde de Manaus.
E.M.T.U.	Empresa Municipal de Transportes Urbanos.
SEMMA	Secretaria Municipal de Meio Ambiente
INTRANS	Instituto Municipal de Trânsito de Manaus
SEMSA	Secretaria Municipal de Saúde

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	17
1.1 Apresentação do tema ao problema.....	18
1.2 Importância e relevância da pesquisa.....	23
1.3 Perspectiva, objetivos e designer da pesquisa.....	26
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	31
2.1 Corpo e ambiente na realidade da vida cotidiana.....	32
2.2 Topofilia, espaço e lugar.....	34
2.3 Percepção Ambiental e Imagem Corporal.....	37
3. ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS.....	45
3.1 Planejamento da pesquisa.....	46
3.1.1 <i>O projeto de pesquisa</i>	46
3.1.2 <i>A Caracterização da pesquisa</i>	47
3.3 Operacionalização da pesquisa.....	50
3.3.1 <i>Procedimento sistemático do trabalho de campo</i>	50
3.3.2 <i>Procedimentos sistemático na análise e tratamento dos dados</i>	61
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	64
4.1 O ambiente da feira “Manaus Moderna” e o trabalhador da feira: história e perspectiva futura.....	64
4.1.1 <i>O processo de construção da feira “Manaus Moderna”</i>	64
4.1.2 <i>A perspectiva futura da feira “Manaus Moderna”</i>	79
4.2 O ambiente da feira “Manaus Moderna” e o trabalhador da feira: a imagem corporal e a percepção ambiental.....	82
4.2.1 <i>A Percepção Ambiental interna e externa da feira “Manaus Moderna”</i>	82
4.2.2 <i>A Imagem Corporal do trabalhador da feira nas relações com o ambiente da feira “Manaus Moderna”</i>	102
4.3 O ambiente da feira “Manaus Moderna” como espaço urbano de desafios e superações.....	114
4.3.1 <i>Pontos relevantes na percepção do trabalhador da feira sobre o histórico do processo de ocupação da feira</i>	115
4.3.2 <i>Pontos relevantes da percepção ambiental do trabalhador da feira sobre o ambiente interno e geral da feira “Manaus Moderna”</i>	117
4.3.3 <i>Pontos relevantes da imagem corporal sentida pelo trabalhador da feira no cotidiano de trabalho</i>	119
4.3.4 <i>As relações existentes entre os pontos relevantes para constituição do quadro de sugestões de melhorias no ambiente da feira “Manaus Moderna”</i>	122
5. CONCLUSÃO.....	131
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES.....	135
REFERENCIAS.....	138
APÊNDICE.....	143
ANEXO.....	152

CAPÍTULO I



Figura 1 - Justificativa topofílica, o patriarca no cotidiano de trabalho na feira na década de 80.

FONTE: Álbum da família.

Ao assumir o passado, realizo no presente e consigo imaginar o futuro.

A esperança é que possamos assumir responsabilidades, perceber possibilidades, imaginar e realizar melhorias na “doce e dura” realidade que os trabalhadores da feira revelam na existência do seu cotidiano de trabalho no ambiente socioeconômico, político, social e cultural das feiras na cidade.

Jozilma Batalha

INTRODUÇÃO

Neste capítulo inicialmente, apresentaremos o assunto por meio de uma visão global da relação Homem-Natureza, com o esforço de se pensar a importância das articulações da ciência para a resolução dos problemas sócio-ambientais. Problemas estes que caminham a passos lentos em suas soluções, já que se faz uso da racionalização dos recursos naturais, por cálculos econômicos que guiam as ações políticas na realidade condicionada por ideologias em muito determinada pelo modelo de desenvolvimento vigente.

Posteriormente, “sem a pretensão de ecologizar o conhecimento e nem refuncionalizar o ambiente, [mas] para pensar o saber ambiental na ordem da diversidade e da diferença” (Leff, 2002, p.18); problematizamos o cenário global em nível local, à medida que escolhemos investigar a realidade cotidiana do trabalhador da feira (nosso homem, visto à luz do inseparável corpo/mente) na feira “Manaus Moderna” (nosso ambiente). Salientamos que esta escolha emerge do vínculo familiar (o patriarca foi exímio feirante); do contato corporal (infância vivificada) e da apreciação pelo lugar “feira” enquanto campo de pesquisa.

Assim, nos embasamos na teoria da Percepção Ambiental e Imagem Corporal tendo como eixo norteador a perspectiva da abordagem sistêmica de Morin (2005) e o materialismo-histórico de Marx (*apud* Triviños, 2006), à luz de seu conceito de *forças produtivas*, especificamente hábitos de trabalho que, culminam na estrutura da pesquisa em três eixos centrais: características históricas, percepção ambiental e imagem corporal nas relações econômicas, políticas e sócio-culturais do trabalhador da feira no cotidiano de trabalho no ambiente da “Feira Manaus Moderna”.

1.1 Apresentação do tema ao problema

Ao reconhecermos a *ecodestruição*¹ do ambiente - não considerado aqui como a “ecologia, mas [como] a complexidade do mundo” (Leff, 2001) -, que compreende a totalidade dos fatores *abióticos*, *bióticos* e a própria *cultura humana*² -, em princípio, atingindo com maior intensidade os países “em desenvolvimento”. Tomamos como nossas, as inquietações que se instalam como problemática ambiental global (crescimento demográfico e do consumo per capita, urbanização crescente sem planejamento, contaminação do solo, da água e do ar, mudanças climáticas, desmatamento etc.), nas relações do homem com a natureza.

Desta forma, abrimos mão de um arcabouço de idéias tradicionais sobre estas relações (homem-natureza) baseadas na *autoridade* e *utilidade*³ que enfocam uma interpretação mecanicista da realidade, face ao modelo de “desenvolvimento” que produz dois lados: um da concentração de renda (consumo exacerbado e conseqüente desperdício) e, do outro lado, a exclusão social (miséria, violência e desemprego) como destino planetário.

Diante deste cenário, temos visto certo esforço na busca de soluções para esta problemática. Tais esforços iniciaram em 16 de junho de 1972 na Suécia, com a realização da Conferência de Estocolmo, que reuniu representantes de 130 Nações, promovida pela Organização das Nações Unidas (ONU), destacando-se a Educação Ambiental como um instrumento essencial no intuito das transformações necessárias.

¹ Terminologia utilizada por Enrique Leff (2002) em sua obra: Epistemologia Ambiental.

² Genebaldo Freire Dias (2002) em seu livro Iniciação à temática ambiental, nos assinala que o meio ambiente contempla uma constante interação evolucionária entre os fatores: *abióticos* - a água, ar, solo, energia etc. *bióticos* - flora e fauna e da *cultura humana* - paradigmas, valores filosóficos, políticos, morais, científicos, artísticos, sociais, econômicos, religiosos e outros.

³ Trivinho (2006) afirma que sem dúvida alguma, o “Critério da Verdade” mais importante através da história tem sido o da *autoridade*, o qual desenvolveu-se nos povos primitivos em que a opinião do chefe era, geralmente lei, que os anciãos tinham sobre o povoado, os pais sobre os filhos, as Escrituras Sagradas como livros portadores da verdade etc. Estes pensamentos se impuseram durante quinze séculos paralisando o progresso do pensamento humano. Já o outro “Critério da Verdade” - a utilidade - desenvolvido pela corrente filosófica denominada pragmatismo, afirma que o verdadeiro é o “útil”, que acaba por conduzir a um individualismo exagerado, que objetiva o lucro grosseiro, o êxito e o sucesso.

Outro esforço foi a Conferência das Nações Unidas para o Meio Ambiente e Desenvolvimento (conhecida como “Rio 92”), realizada em 14 de junho de 1992 no Rio de Janeiro, na busca de avançar no processo de estabelecimento de diretrizes pertinentes ao cenário ambiental em crise, em que se reuniram representantes de 170 países reafirmando a Declaração da Conferência das Nações Unidas adotada em Estocolmo. Surge nesse debate a elaboração de um importante documento internacional que adota compromissos ambientais com o intuito de contribuir para a melhoria da qualidade de vida, a Agenda 21.

Entretanto, a *crise ambiental*⁴ no mundo ainda se agrava. Por isto, salientamos a urgência de se olhar à realidade com uma perspectiva global, desde que estes problemas sejam vistos,

[...] exatamente, como diferentes facetas de uma única crise, que, é, em grande medida, uma **crise de percepção**. Ela deriva do fato de que a maioria de nós, e em especial nossas grandes instituições sociais, concordam com os conceitos de uma visão de mundo obsoleta, uma percepção da realidade inadequada para lidarmos com nosso mundo superpovoado e globalmente interligado [...] Há soluções para os principais problemas de nosso tempo, algumas delas até mesmo simples. Mas requerem uma mudança radical em nossas percepções, no nosso pensamento e nos nossos valores (CAPRA, 1996, p. 23, grifo nosso)

Assim, torna-se essencial que o *homo sapiens sapiens*⁵ esteja atento à supressão das percepções, valores e atitudes, dada a ênfase na educação lógico-racional que, favorece o hemisfério esquerdo (racional, dedutivo, temporal, verbal etc.) do cérebro - visão mecanicista dominante em nossa cultura-, deixando em segundo plano, o hemisfério direito (emocional, intuitivo, espacial, não-verbal etc.). Pois, esta educação afirma os cálculos da ciência econômica, considerada o “guia” das ações políticas na inversão desta crise ambiental.

⁴ Leff (2001) nos faz alusão que a crise ambiental anuncia o limite do projeto economicista que tem desencadeado uma “mania de crescimento”, de uma produção sem limite.

⁵ Pensados aqui como iniciadores da civilização - das grandes invenções (forja de metais, agricultura, linguagem falada e escrita, primeiras edificações das cidades etc) à criação de uma sociedade industrial com a Revolução Industrial e, conseqüentemente sua intensa mineração, migração em massa do rural para as cidades, novas formas de produção que desembocam nos muitos problemas ambientais que hoje persistem em escala mundial e regional.

No Brasil, esta crise ambiental - que emerge a necessidade de se articular as ciências a uma *complexidade ambiental*⁶-, se apresenta com diferentes realidades construídas socialmente, tais como: desigualdade social *versus* crescimento econômico; uso do patrimônio natural *versus* esgotamento e degradação desse patrimônio, dentre outros. Tal realidade de degradação do patrimônio natural tem sido na atualidade o foco das discussões ambientais sobre a Amazônia, região que em seu processo histórico de transformação, é estimulante por deter capital ecológico que vislumbra a oportunidades de trabalho.

É importante salientar o que nos alude Fleischfresser (2006) sobre este processo histórico de transformação, quando critica a evolução da ocupação na Amazônia, mediante o que denomina *kit ilegalidade*⁷ que atrai aventureiros e segmentos empresariais oportunistas, que ocupam a região de forma fraudulenta, motivados pela possibilidade de acumular grandes espaços de terras e/ou explorar seus recursos naturais de forma ilegal.

Mediante este cenário de crise ambiental - global e local-, tomamos por base em nossa investigação o âmbito urbano da Cidade de Manaus, no estado do Amazonas. A razão da escolha pelo urbano (não pelo rural), é por considerarmos que, a “cidade de Manaus [é] um dos principais pontos de aglutinação de migrante na região Norte, com seus habitantes movidos pela esperança de dias melhores, atraídos pela ilusão, pelo fascínio ou pelo fausto da cidade grande; e de qualquer maneira, marcados pelas frustrações e decepções do universo urbano” (OLIVEIRA, 2003, p.106).

Evidenciamos neste contexto de migração uma constante degradação ambiental, seja pelas ocupações irregulares, seja pela elevada demanda do setor imobiliário na cidade de Manaus, que traz em seu bojo uma crise ambiental que não poderíamos deixar de reluzir, a

⁶ Segundo Leff (2002, p. 195).a complexidade ambiental incorpora o limite do conhecimento e da incompletude do ser. Implica saber que a incerteza, o caos e o risco são, ao mesmo tempo, efeito da aplicação do conhecimento que pretendia anula-los e condição intrínseca do ser e do saber.

⁷ Para Fleischfresser (2006) kit ilegalidade é em síntese, um composto de grilagem de terras, desmatamento ilegal, suborno, corrupção, desvios de recursos públicos, trabalho escravo, não cumprimento das contribuições tributárias, fiscais e previdenciárias.

construção da realidade de desigualdade social em sua periferia, tais como: a miséria, as precárias condições de saúde e bem-estar dos (também) cidadãos manauenses.

Assim, ao considerarmos o sistema ambiental e infra-estrutural do urbano na cidade de Manaus, centralizamos nossa investigação no Centro desta cidade, tendo como área de estudo o ambiente da feira *Manaus Moderna*⁸ e o sujeito de estudo o *permissionário*⁹, conhecido como feirante, aqui denominado de *trabalhador da feira*¹⁰ no seu cotidiano de trabalho.

Nosso sujeito da pesquisa (o trabalhador da feira) será abordado na concepção do corpo/mente inseparável na interdependência com o ambiente, à medida que percebe, possui valores, sentimentos e toma atitudes nas relações cotidianas de trabalho, com base no elo do humano pelo lugar, ou, *topofilia*¹¹.

E nossa área de estudo será compreendida pela concepção de *espaço e lugar*¹², que atualmente é considerada como a feira que abastece a cidade de Manaus, funcionando como feira comercial varejista e atacadista. Tendo com isto, ao mesmo tempo, um fluxo dinâmico de consumidores diários e, de importação (produtos regionais, como farinha, goma, tapioca, banana, cheiro-verde, cebolinha, couve et.) e exportação (principalmente os produtos de hortifrutigranjeiros) para o interior do Estado, além do fluxo de tráfego tumultuado aos redores deste ambiente.

É, portanto, neste cenário das relações entre o trabalhador da feira e seu ambiente de trabalho, a feira “Manaus Moderna” que apontamos para o problema de nossa pesquisa:

⁸ Nome derivado do Projeto “Manaus Moderna, em meados de 1986 criado com a finalidade de escoamento da carga e descarga do Distrito para o Porto de Manaus e vice-versa.

⁹ De acordo com a Lei 123 de 25 de novembro de 2004, art.3º. inciso VIII, permissionário é aquele que detém permissão concedida pelo Poder Público, para a prática de atividade comercial nos mercados e feiras.

¹⁰ Na feira estes sujeitos são denominados burocraticamente como permissionários - àquele que detém permissão concedida pelo Poder Público, para a prática de atividade comercial nos mercados e feiras. Mas o intuito é destaca-lo como trabalhador do ambiente ora escolhido, em sua labuta diária, daí o neologismo.

¹¹ Yi-Fu-Tuan (1980, p. 107) nos revela esse neologismo, útil quando pode ser definida em sentido amplo, incluindo todos os laços afetivos dos seres humanos com o meio ambiente material, pois suas respostas a se diferem em intensidade, sutileza e modo de expressão pela existência deste elo, por ser o lar, o lócus de reminiscências e o meio de se ganhar a vida.

¹² O lugar é a segurança – atribuímos valor e são satisfeitas as necessidades básicas e o espaço é a liberdade – sensação de amplidão, infinito, um horizonte sem limite-, estamos ligados ao primeiro e desejamos o segundo (YI-FU-TUAN, 1983, p. 3-8).

Como a Imagem Corporal e Percepção Ambiental dos trabalhadores da feira podem revelar sugestões que possibilitem melhorias no ambiente da feira “Manaus Moderna”? E, pensamos na hipótese de que a percepção do ambiente e os sentimentos sobre si mesmo do trabalhador da feira na *realidade da vida cotidiana*¹³ de trabalho, podem revelar pontos relevantes que possibilitem sugestões de melhorias neste ambiente(apêndice 1- marco lógico).

Ao conduzir esta pesquisa com o propósito de convergir à percepção e imagem do trabalhador da feira nas relações face à realidade do seu cotidiano de trabalho, acreditamos que o método mais conveniente que julgamos para esclarecer esta busca é a abordagem sistêmica proposta por Morin (2005). E a concepção de Marx (*apud* Triviños 2006), expressa na perspectiva do materialismo histórico dialético no delinear da resposta ao problema de nossa investigação.

Certamente que, as teorias da Percepção Ambiental, entendida como processo mental de interação do indivíduo com o meio ambiente que se dá através de mecanismos perceptivos propriamente ditos e, principalmente cognitivos (Del Rio, 1999). E, da Imagem Corporal, proposta por Schilder (1999), como a configuração de nosso corpo formado em nossa mente, com enfoque tridimensional: fisiológico, libidinal e social. Serão enfocadas com uma visão ecológica que concebe o mundo como um todo integrado, “havendo uma interdependência que possibilita o relacionar das partes ao todo e o todo a nós” (MORIN, 2004, p. 33).

Descortinar a Imagem Corporal e Percepção Ambiental dos trabalhadores da feira “Manaus Moderna” nesta convergência do olhar à realidade, se exige uma grande abertura da forma de ver a própria realidade na relação do sujeito social com o ambiente no cotidiano de trabalho.

¹³ Beger & Luckmann (2005, p. 40) assinalam que a realidade da vida cotidiana apresenta-se como um mundo de que se participa juntamente com outros homens. Se estar sozinho no mundo dos sonhos, mas o mundo da vida cotidiana é tão real para os outros quanto para si mesmo. Em que não se pode existir na vida cotidiana sem estar continuamente em interação e comunicação com os outros e o ambiente.

Portanto, é nesta realidade da vida cotidiana que se pensa revelar a “experiência que guarda relação com a esfera do mundo vivido, resultado da produção da vida material e simbólica, isto é, o trabalho diário, as fadigas do corpo, os sonhos, as esperanças, as desventuras, as alegrias, enfim, todas as dimensões que envolvem a vida do ser”. (FRAXE, *et all*, 2006, p. 237).

1.2 Importância e relevância da pesquisa

Ao observarmos o cenário de crise ambiental, tanto em âmbito global como local, nas relações entre o homem e a natureza. Propomos investigar por meio das teorias da Imagem Corporal e Percepção Ambiental, as relações dos trabalhadores da feira (homem) com a feira “Manaus Moderna” (ambiente) em sua realidade de vida cotidiana de trabalho, com o propósito de sugerir melhorias neste ambiente.

Para tanto, nos embasamos no conceito topofilia, proposto por Tuan (1980) que associa sentimento com o lugar, isto é, o homem em sua manifestação específica de amor (ou não) ao lugar, faz uso de seus sentimentos nas relações com o ambiente, respondendo a este, com diferentes atitudes e concepções de valores. Sendo medido pela intensidade, expressão, percepção e sutileza, tanto, no seu contato corporal, apreciação estética, visual, familiar e de saúde, como, em sua afeição, patriotismo, lealdade para com o urbano e/ou rural.

Assim, corpo/mente (representado aqui pelo trabalhador da feira) é o sentimento da topofilia e, o ambiente (representado aqui pela feira “Manaus Moderna”) é o produtor de imagens, que culminam com a escolha desta temática, bem como, o elo entre a pesquisadora e o espaço e lugar (ambiente de feira), sentido e percebido pela experiência vivificada na infância (patriarca foi um exímio feirante) e o aprendizado que vem se desenvolvendo ainda na vida adulta, sobre as relações do homem (corpo/mente) com a natureza (ambiente urbano e/ou rural).

Neste contexto topofílico como razão de nossa escolha pelo tema, salientamos três pontos que nos orienta no desenrolar da pesquisa. O primeiro emerge do vínculo familiar, que engendra uma consciência do passado que têm sua essência no meio de ganhar a vida para sustentar a família (patriarca enquanto feirante). Esta consciência do passado - elemento principal do elo entre a pesquisadora (corpo/mente) e o lugar (ambiente de feira)-, nos faz perceber uma requintada alimentação física e precária alimentação emocional, sobreposta na luta diária de subsistência do trabalhador da feira, consigo mesmo, com os outros e com o ambiente que o rodeia.

Acreditamos que ao buscarmos a consciência do passado, descortinamos a história, isto culminou na busca do entendimento do processo de ocupação do ambiente da feira “Manaus Moderna” revelado pelo perceber e sentir do trabalhador da feira em sua realidade da vida cotidiana desde sua importância às perspectivas futuras deste ambiente no urbano de nossa cidade.

O segundo ponto que percebemos foi à apreciação pelo lugar (ambiente de feira) da pesquisadora e, provavelmente do trabalhador da feira, que em sua tenra idade manteve contatos corporais inesquecíveis com este ambiente que fluíam ao sentir o cheiro inconfundível do pitiú à fruta madura. O escutar do barulho ritmado do assovio ao rádio. O azedo da pitomba ao doce do mingau de banana com canela. E, da recreação, sem os meandros da vida moderna, num singelo brincar de “esconde-esconde” por debaixo das bancas ou atrás dos caixotes de madeira cheios de tomate que reluziam sua vermelhidão.

Ao incorporarmos nesta apreciação aspectos estético, visual e tátil que culminam com atitudes, sensações físicas e valores, gerados pelo contato corpo/mente com o ambiente, observamos que pela imagem mental das atitudes, sentidas e percebidas em tenra infância; hoje, na vida adulta, se vislumbra revelar esta apreciação pelo lugar por meio da percepção do trabalhador da feira seja positiva ou negativa quanto ao ambiente interno e externo da

feira, bem como, por meio da sua satisfação ou insatisfação sobre seu corpo na realidade cotidiana de trabalho.

E, por fim nosso terceiro ponto observado foi à lealdade pelo lugar (ambiente da feira) à medida que o processo urbano (aqui lembrado pela construção de um terminal na frente do ambiente que o patriarca trabalhava, que em suma culminou na perda de seu trabalho) estimulado pela crise ambiental (pensada como projeto economicista) nos faz buscar a realidade orientada pelo “perceber que as coisas só são evidentes aos olhos dos que a estão vendo” (GEERTZ, 2006, p. 136).

Por isto, pensamos como propósito final relacionar os dados estabelecidos à luz da consciência do passado (história) e da apreciação pelo lugar (percepção e imagem), como pontos topofílicos que podem nos levar a sugerir melhorias ao lugar, em que se expressa um sentimento forte de lealdade (incentivada pela crise ambiental).

Salientamos que mesmo sendo um ambiente urbano que possui um fluxo dinâmico no espaço-tempo da cidade, à medida que funciona como comércio varejista e atacadista, de relevância sócio-ambiental, política e econômica. Pouco se tem visto estudos que contemplem este ambiente e, muito menos a contemplação das teorias Imagem Corporal e Percepção Ambiental conjugadas para investigação neste ambiente.

Portanto, não é somente sentimento de terra idade, empirismo, é acima de tudo uma investigação que aprofunda o olhar no sujeito (trabalhador da feira) em seu lócus (feira), apreendidos na visão ecológica que articula ambiente urbano e sociedade, ecologia e capital determinados por processos de modo de produção que requer energia da força de trabalho (do trabalhador da feira) em condições sócio-ambientais (ambiente interno e externo da feira) ainda não reveladas, mas que aqui se pretende fazê-la.

1.3 Perspectiva, objetivos e designer da pesquisa

Ao pressupormos que esta pesquisa poderá nos revelar a realidade do cotidiano de trabalho, percebida e sentida no ambiente da feira “Manaus Moderna” pelo trabalhador da feira, à luz das teorias da Imagem Corporal – como configuração da mente do trabalhador da feira sobre o seu próprio corpo no cotidiano de trabalho - e, da Percepção Ambiental – como configuração mental e cognitiva do trabalhador da feira sobre o ambiente no cotidiano de trabalho.

Temos como propósito final nesta pesquisa, analisar a Imagem Corporal e Percepção Ambiental do trabalhador da feira, com o intuito de constituir um quadro de sugestões de possíveis melhorias no ambiente da “Feira Manaus Moderna”.

Assim, convergirmos um novo olhar à realidade do cotidiano dos trabalhadores da feira, em que não se pretende uma competição, mas há uma integração das abordagens do materialismo histórico-dialético proposta por Marx (*apud* Triviños, 2005) e a sistêmica proposta por Morin (2005).

Para tanto, fizemos uso das técnicas de documentação (Yin, 2005), entrevista semi-estruturada (Yin, 2005), observação direta (Yin, 2005) e aplicação da técnica fotográfica (Ferrara, 1999) aos trabalhadores da feira na pesquisa de campo, com a pretensão de que os dados adquiridos, após análise e interpretação possam alcançar nossos objetivos específicos-conforme marco lógico (apêndice 01), que direcionam o designer da pesquisa descritos a seguir:

a) O ambiente da feira “Manaus Moderna” e o trabalhador da feira: história e perspectiva futura.

Neste tópico trataremos de caracterizar a história da ocupação da “Feira Manaus Moderna”, norteadas pela busca de saber: como os trabalhadores da feira percebem a história

da construção da Feira Manaus Moderna? Que culminam na organização de dois sub-tópicos, que são:

- O processo de construção da feira “Manaus Moderna” - que nos traz informações gerais sobre a localização das feiras e mercados na cidade de Manaus, sendo destacadas as *feiras comunitária*, caracterizadas por não serem de responsabilidade da Prefeitura Municipal de Manaus (PMM) e sendo em sua maioria nas zonas Leste e Norte da cidade. E, as *feiras municipais*, caracterizadas por serem de responsabilidade da Prefeitura Municipal de Manaus (PMM) sendo localizada sua maioria na zona Sul que também concentra a maioria dos Mercados Municipais, sendo seis dos oito existentes na cidade de Manaus.

Neste contexto da história da construção da feira “Manaus Moderna” trazemos uma visão global da história das feiras geral até a local, que no processo de ocupação deste espaço- lugar nos revela uma crise ambiental neste ambiente.

Destaca-se que a maior importância da feira é a sua facilidade de escoamento do produto pela beira rio e a facilidade de acesso tanto para o consumidor como para os comerciantes, além de sua permanência neste ambiente ser uma oportunidade de trabalho direto para mais de três mil trabalhadores, bem como, se possuir um vínculo afetivo pelo ambiente por todos os trabalhadores entrevistados que nos faz pensar no valor ambiental para estes trabalhadores que ultrapassam o viés econômico.

- A perspectiva futura da feira “Manaus Moderna” - que nos traz informações a respeito da vontade de se ampliar o ambiente e fazer pequenas reformas como pintá-la, bem como, a busca de melhorar a aparência física e se ter padrões de uniforme e educação no atendimento aos clientes.

b) O ambiente da feira “Manaus Moderna” e o trabalhador da feira: a imagem corporal e a percepção ambiental.

Neste tópico avançamos com o objetivo tanto de descrever a Percepção Ambiental do trabalhador da feira sobre o ambiente da “Feira Manaus Moderna”, quanto de identificar a Imagem Corporal deste trabalhador nas relações corpo/mente neste ambiente, nos direcionando a seguinte questão norteadora: Como os trabalhadores da feira percebem o ambiente interno e geral da feira “Manaus Moderna” e, sentem seu corpo nas relações cotidianas com este ambiente? Que abrem uma discussão sobre os resultados destas temáticas reveladas em dois subtópicos:

- A Percepção Ambiental interna e geral da feira “Manaus Moderna” que nos traz informações sobre os conceitos que variam em graus de ótimo a péssimo, tanto quanto à localização, tamanho, quantidade de bancas, portões, corredores, piso, paredes e banheiros, como quanto à ventilação, iluminação, cobertura, estacionamento, segurança, posto de saúde, água, limpeza e esgoto do ambiente da feira “Manaus Moderna” percebido pelos trabalhadores da feira.

- A Imagem Corporal do trabalhador da feira “Manaus Moderna” que nos traz informações sobre o nível de satisfação e insatisfação do trabalhador da feira no cotidiano de trabalho do ambiente da feira “Manaus Moderna” quanto à aptidão física (força, resistência muscular, velocidade, flexibilidade e habilidade motora); aparência física (cabelo, unha, dente, uniforme, peso, postura); saúde física (alimentação, atividade física, respiração, descanso corporal e sono) e as relações sócio-culturais (popularidade, vocabulário e em ser trabalhador da feira).no ambiente da feira.

c) O ambiente da feira “Manaus Moderna” e o trabalhador da feira: desafios e superações na realidade do cotidiano de trabalho.

Neste tópico abrimos um diálogo com os resultados e discussões revelados nos subtópicos acima descritos, destacando pontos relevantes entre eles para o favorecimento da organização do quadro de sugestões de melhorias no ambiente da feira "Manaus Moderna".

Para tanto, elaboramos tópicos em forma de perguntas na busca de respostas dos resultados encontrados, que em nosso entender facilita a compreensão dos passos para o alcance do desafiante objetivo.

- Pontos relevantes na percepção do trabalhador da feira sobre o histórico do processo de ocupação da feira.

- Pontos relevantes da percepção ambiental do trabalhador da feira sobre o ambiente interno e geral da feira “Manaus Moderna”.

- Pontos relevantes da imagem corporal sentida pelo trabalhador da feira no cotidiano de trabalho.

- As relações existentes entre os pontos relevantes revelados pela percepção ambiental e imagem corporal dos trabalhadores da feira para constituição do quadro de sugestões de melhorias no ambiente da feira “Manaus Moderna”, nos trouxe uma visão surpreendente do que nos pode revelar tanto a percepção ambiental quanto a imagem corporal no que se refere ao ambiente da feira “Manaus Moderna”, favorecendo ações futuras quanto à gestão ambiental e aos planejamentos de políticas públicas ambientais e de saúde no local.

CAPÍTULO II



Figura 2 - .Percepção da realidade da vida cotidiana na feira “ Manaus Moderna”

FONTE: Pesquisa de Campo, 2007

*"Se não podemos modificar o nosso comportamento, como esperar
que os outros o façam? "*

Dalai Lama.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Em nossa fundamentação teórica nos preocupamos em apresentar um encadeamento lógico das idéias essenciais delineadas nesta pesquisa, que envolve primariamente um cenário global a respeito das relações homem-natureza que culminam com a crise ambiental, proposta como eixo norteador para se pensar o espaço e lugar urbano em que se encontra nossa área de estudo, a feira “Manaus Moderna”.

Em seguida descrevemos sobre a concepção corpo/mente inseparável com ênfase nas relações deste corpo com o meio ambiente na realidade da vida cotidiana de trabalho, no intuito de propormos um pensar sobre nosso sujeito de estudo, o trabalhador da feira.

E finalmente, sustentar a evolução das teorias sobre a Imagem Corporal e Percepção Ambiental, situando alguns conceitos, proposições, limites e trabalhos realizados com estas temáticas centrais de nossa investigação.

Importante esclarecer que anteriormente a seção sobre a fundamentação que foca nosso tema e problema da pesquisa (Imagem Corporal e Percepção Ambiental), ressaltamos a base que nos possibilitou estruturar a conjugação da área de estudo (a feira pensada como o ambiente) com o sujeito da pesquisa (o trabalhador da feira pensado como corpo/mente) que foi o conceito proposto por Tuan (1980) a topofilia, reforçando a razão primária da escolha dessa temática, o elo entre a pesquisadora e o lugar de investigação.

2.1 Corpo e ambiente na realidade da vida cotidiana

Acreditamos que a crise ambiental global é, de fato, a expressão de uma produção e consumo sem limite, permeada pela busca mesquinha de interesses egoístas que ameaçam a todos, tanto que, mas décadas muito se têm realizado nas reflexões sobre este caos com conferências, debates, discussões e declarações, tais como : a Conferência de Estocolmo, Rio-92, criação da Agenda 21 e etc., todas com intuito de solucionar a crise ambiental que assola o mundo.

Mediante esta crise ambiental pensamos nas relações do corpo e ambiente interdependente em sua prática social e individual na realidade do cotidiano impregnado pelo modelo capitalista utilitarista e imediatista, que desconsidera o corpo como o “lugar do contato privilegiado com o mundo ” (LE BRETON, 2006, p. 10) isolando-o dentro de uma tremenda máquina permeada por uma sociedade individualistas que “ deixa de ser uma comunidade de indivíduos unidos por um objetivo comum e se torna um tumulto caótico de mônadas isoladas e sem objetivo” (DRUKER, 2002, p.413).

Pensar o corpo e ambiente nas relações cotidianas com a realidade do modelo capitalista vigente, nos remete ao cotidiano refletido por Oliveira (2006) que o considera como o conjunto de atividades com aparências modestas, que abrange as coisas e o dia a dia das pessoas E, tentar compreendê-lo é buscar o desvendamento da realidade, mas ao mesmo tempo, esse cotidiano pode esconder a realidade e, a realidade não pode ser compreendida apenas desvendando-se o cotidiano, mas numa dimensão em que este se inclui na totalidade.

Totalidade esta, que considera que “o mundo global é mais que o contexto, é o conjunto das diversas partes ligadas a ele de modo inter-retroativo ou organizacional, sendo preciso recompor o todo para conhecer as partes” (MORIN, 2005, p.37). Ou seja, é preciso investigar o passado, para que se possa analisar o presente e traçar perspectivas para o futuro, isto é, inter-relacionar a análise entre o todo e as partes.

Para tanto, na perspectiva do corpo no tempo, salientamos alguns marcos da história por diversos autores, tais como Grando (1996), Medina (2005), Marx (2005), Foucault (1991), Merleau-Ponty (1999), Le Breton (2006), Moreira (2006), dentre outros, que descrevem o corpo sacralizado; marginalizado; orgânico e inorgânico; dócil e disciplinado; subjetivo; sociológico e ativo respectivamente.

Posto isto, acreditamos que, “não há cultura que não manifeste idéias próprias sobre o corpo [...] o corpo do ser humano é extremamente importante, repercutindo profundamente nas proposições teóricas sobre meio ambiente, ecologia, economia etc. [...] a idéia de corpo foi e é socialmente constituída, interferindo em quase todos os domínios do pensamento”. (ALMEIDA JUNIOR *apud* CAVALCANTI, 2003, p.139).

Assim, o cotidiano aqui pensado é compreendido no contexto social, não apenas o cálculo mecânico das suas partes, mas, sim a totalidade que o engloba e determina a interdependência do seu corpo na produção e reprodução do espaço, pois é neste espaço da “realidade da vida cotidiana organizada em termo do “aqui” de meu corpo e do “agora” do meu presente” (BERGER & LUCKMANN, 2005, p. 39) que representamos o lugar, onde as pessoas vivem (pensado aqui como espaço urbano da cidade), em condições miseráveis ou confortáveis, felizes ou tristes, com qualidade de vida ou não.

Este espaço urbano “aparece como movimento historicamente determinado num processo social, [à medida que] o homem muda o ciclo da natureza, desvia rios, derruba montanhas, faz o mar recuar nessa intervenção, realiza uma construção humana com outros ritmos, tempos e leis” (CARLOS, 2005, p.51). Certamente que em todas estas ações, o homem toma atitude consciente (ou não) e revela valores (Percepção Ambiental), não somente por possuir uma personalidade, mas também, por viver constantemente com o saber de seu corpo (Imagem Corporal), pois é com este que experienciamos e desejamos modificar a relação espacial do modelo postural na vida cotidiana, pensada aqui como:

a vida de todo homem, sem nenhuma exceção qualquer que seja seu posto na divisão do trabalho intelectual e físico[...] é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se ‘em funcionamento’ todos os sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias. [Mas], não pode nem de longe realizá-la em toda sua intensidade, [pois] não tem tempo nem possibilidade de se absorver inteiramente em nenhum desses aspectos; por isso, não pode aguçá-los em toda sua intensidade. (HELLER, 2004, p. 17-18).

Neste panorama, se pensa que não existe homem sem cotidiano e cotidianidade, bem como é “impossível que o homem se desenvolva como homem no isolamento, igualmente é impossível que o homem isolado produza um ambiente humano” (BEGER & LUCKMANN, 2005, p. 75). Por tudo isto, tendemos nesta investigação revelar a percepção e imagem do trabalhador da feira “Manaus Moderna” na realidade de sua vida cotidiana que é interdependente do espaço e lugar que é ao mesmo tempo um ambiente urbano e humano.

2.2 Topofilia, espaço e lugar

Pensar em topofilia e meio ambiente sugere a exploração de tentarmos primeiramente compreendermos a nós mesmo, pois “sem a auto-compreensão não podemos esperar por soluções duradouras para os problemas ambientais que, fundamentalmente, são problemas humanos. E os problemas humanos, querem sejam econômicos, políticos ou sociais, dependem do centro psicológico da motivação, dos valores e atitudes que dirigem as energias para os objetivos” (TUAN, 1980, p.1). Descortinar na realidade da vida cotidiana como estes problemas ambientais se apresentam no espaço e lugar será nosso desafio com base na topofilia.

Topofilia é um conceito proposto por Tuan (1980, p. 5) que significa “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico. Difuso como conceito, vivido e concreto como experiência pessoal”. Tanto que, a examinamos aqui com base nas experiências vivificadas

pelos trabalhadores da feira no seu próprio ambiente de trabalho, que se concretiza nas interações com o cotidiano que moldam a cultura, o meio ambiente e a visão de mundo, determinando atitudes, julgamentos e valores, sentidos e percebidos pelo corpo no espaço e lugar da realidade de sua vida cotidiana.

Para tanto neste cotidiano se torna necessário uma organização do espaço, esta organização é explícita por Tuan (1983) quando coloca que pessoas de diferentes culturas diferem na forma de dividir seu mundo, atribuir valores às suas partes e de medi-las, sendo um termo abstrato para um conjunto complexo de idéias, que permeia a existência íntima do corpo com outras necessidades biológicas e relações sociais no espaço organizado por dois tipos de fatos: a postura e a estrutura do corpo humano e as relações (quer próxima ou distantes) entre as pessoas.

Ao experienciar o espaço, e atribuir valores mediados pela cultura desenvolvida unicamente pelos seres humanos, influenciando intensamente seu comportamento e seus valores; o conhecemos e o modificamos dotando este espaço de valor, tornando-se lugar.

Como nos assinala Tuan (1983, p. 6) “as idéias de ‘espaço’ e ‘lugar’ não podem ser definidas uma sem a outra, a partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplitude, da liberdade e da ameaça do espaço, e vice-versa”. Observamos as relações deste corpo no espaço e lugar, à medida que o corpo organiza o espaço de acordo com os seus lados e, no lugar, quando o corpo organiza os valores resultantes de suas funções fisiológicas e libidinais que se expressam pela emoção e pelas experiências com o outro e com o mundo ao redor de forma mais profunda, abandonar este sentimento pelo lugar é difícil de imaginar.

Carlos (2001) nos revela esta relação do corpo no espaço e lugar como:

um modo de aproximação da realidade, produto modificado pela experiência do espaço, da relação com o mundo, relação múltipla de sensação e de ação, mas também de desejo e, por consequência, de identificação com a projeção sobre o outro. O **lugar** é assim, a porção do **espaço** apropriável para a vida, revelando o plano da microescala: o bairro, a praça, a rua, o pequeno e restrito comércio que pipoca na metrópole, aproximando seus moradores, que podem ser mais do que pontos de troca de mercadorias, pois criam possibilidades de encontro e guardam uma significação como elementos de sociabilidade. (p. 35, grifo nosso)

Assim, é neste espaço e lugar que o corpo se expressa por meio de práticas individuais e sociais, estando intimamente ligadas. Tendo por base a dialética entre o substrato biológico do indivíduo e sua identidade socialmente produzida, isto é, a dialética interna e externa existente entre o animal individual e o mundo social, como nos reporta Berger e Luckmann (2005):

[...] os fatores biológicos limitam a gama das possibilidades sociais abertas a qualquer indivíduo, mas o mundo social, que preexiste a cada indivíduo, por sua vez impõe limites ao que é biologicamente possível para o organismo. A dialética manifesta-se na limitação mútua do organismo e da sociedade. (p. 236-237)

Desta forma, relacionamos estas práticas individuais e sociais no espaço e lugar, com os aspectos topofílicos - razão da escolha desta investigação, abaixo destacados:

a) familiaridade – que se caracterizam sem exagero por uma certa fusão entre o sentimento, as sensações e o apego ao ambiente que se vive a realidade do cotidiano, em que “os músculos e as cicatrizes [reveladas pelo corpo] testemunham a intimidade física do contato com o meio ambiente” (TUAN, 1983, p. 111)

b) apreciação pelo lugar – que se percebe uma apreciação duradoura por determinados espaços que são lembrados “por incidentes humanos e, também perdura além do efêmero, quando se combinam o prazer estético com a curiosidade científica” (TUAN, 1983, p. 110).

c) lealdade pelo lugar – que se caracteriza por atitudes no urbano, seja o lar, a cidade ou nação, com um poderoso sentimento de lealdade que requer sua antítese, como nos cita Tuan (1983, p. 117- 125) a exemplo: “quando uma sociedade alcança um certo nível de

desenvolvimento e complexidade, as pessoas começam a observar e apreciar a relativa simplicidade da natureza”.

2.3 Percepção Ambiental e Imagem Corporal

A Percepção Ambiental e Imagem Corporal aqui abordadas serão fundamentadas pelos estudos de alguns autores que desenvolvem proposições e conceitos mediante uma visão transdisciplinar, revelando estes fenômenos como ponto de importante reflexão para posteriores pesquisas que ousarem compreender a subjetividade da inter-relação entre estas teorias. Para tanto, propomos um referencial mediado pelos autores: Del Rio e Oliveira (1999), Faggionato (1999), Macedo (2000) e Okamoto (2002) na linha da Percepção Ambiental e, Schilder (1999), Tavares (2003), Barbosa (2003) na perspectiva da Imagem Corporal.

Ao tratarmos destas temáticas, pensamos à priori esclarecermos sobre o termo percepção, já que este termo se entrelaça para o revelar da Percepção Ambiental e Imagem Corporal, pois tanto os sentidos, quanto à mente, são representados por um corpo.

Del Rio (1999) nos apresenta o potencial dos estudos da percepção ambiental nas intervenções urbanísticas e áreas portuárias no ensaio realizado na área portuária do Rio de Janeiro (RJ). Este ensaio é investigado por duas vertentes, a primeira investiga a percepção dos leitores de obras de literatura e dos principais jornais da cidade sobre a área do porto e as imagens que estavam sendo vinculadas. E, a segunda investiga as diferentes percepções da população usuária da área portuária, utilizando o instrumento de questionário no campo.

Neste ensaio o autor mostra por meio de um esquema teórico (figura 03) o processo perceptivo, como um processo mental do indivíduo com o meio ambiente que se dá por meio de mecanismos perceptivos propriamente ditos (estímulos externos captados pelos sentidos) e,

principalmente, cognitivos (inteligência como contribuição ativa do sujeito no processo, desde a motivação à decisão e conduta).

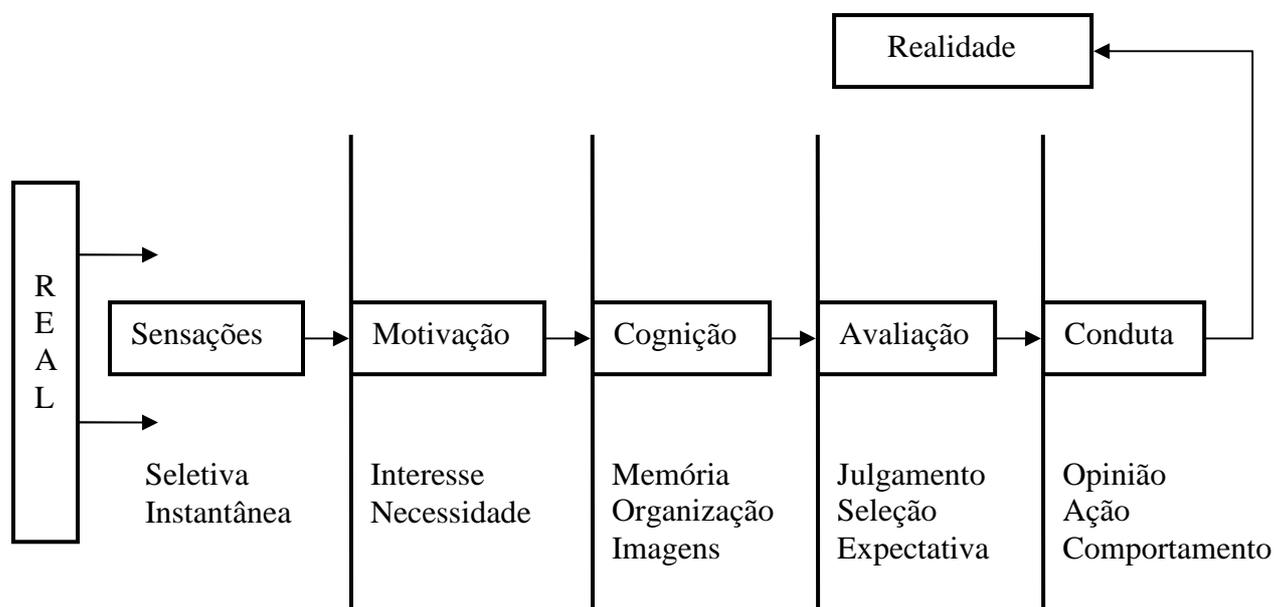


Figura 3 - Esquema teórico do processo perceptivo

FONTE: Del Rio (1999, p. 4).

Nestas sensações necessitam dos sentidos (visão, audição, olfato, paladar, tato) que são estimulados pelo meio externo, sendo que a cognição não funciona apenas a partir dos sentidos, mas pelas ações do indivíduo. Del Rio (ibidem, p. 4) ainda ressalta que “nossa mente organiza e representa essa realidade percebida através de esquemas perceptivos e imagens mentais, com atributos específicos” .

A percepção é “um processo mental de interação do indivíduo com o meio ambiente que se dá através de mecanismos perceptivos, propriamente ditos e, principalmente, cognitivos”. (DEL RIO, 1999, p. 3).

Okamoto (2002, p.234) nos afirma que toda percepção consciente envolve um sentimento chamado impressão, fornecida pelo complexo límbico. Quando temos a impressão de prazer, tornamo-nos, conscientes do fato ou evento que a causou. Se a impressão é de dor ou desprazer, evitamos torna-la consciente. Se indiferente nem a enxergamos.

Ainda ao pensar os conceitos acima descritos sobre a percepção, pensamos ser importante destacar dois fatores que podem interferir na organização do campo perceptivo de acordo com Penna (1993, p. 71) que são: “os fatores *objetivos*, representados pela natureza e modo de apresentação dos estímulos, e os fatores *subjetivos*, representados pela personalidade, motivos e atitudes do perceptor”.

Quando nos referimos a Percepção Ambiental, Del Rio e Oliveira (1999) nos assinala, como um processo mental de interação do indivíduo com o meio ambiente que se dá por meio de mecanismos perceptivos propriamente ditos e, principalmente, cognitivos. Confirma também, que no Brasil a corrente que emprega a percepção ambiental, na busca da compreensão das relações comportamento-ambiente, tem sido suscitado com maior atenção a partir da década de 80 e, seu emprego vem crescendo nas análises e projeções ambientais com ênfase no campo urbanístico.

Para Macedo (2000, p.8) a percepção ambiental são as diferentes maneiras sensitivas, percebidas através dos sentidos que os seres humanos captam, percebem e se sensibilizam pelas realidades, ocorrências, manifestações, fatos, fenômenos, processos ou mecanismos ambientais observados “in loco”.

Cada indivíduo percebe, reage e responde diferentemente às ações sobre o ambiente em que vive. As respostas ou manifestações daí decorrentes são resultado das percepções (individuais e coletivas), dos processos cognitivos, julgamentos e expectativas de cada pessoa. O estudo da percepção ambiental é de fundamental importância para que possamos compreender melhor as inter-relações entre o homem e o ambiente, suas expectativas, anseios, satisfações e insatisfações, julgamentos e condutas. (FAGGIONATO, 2006).

Neste pensar, Del Rio e Oliveira (Op.Cit., p. 24.) esclarece a importância em considerarmos os “aspectos intangíveis ou não quantificáveis da mente humana, tais como a

percepção de seu entorno e a maneira de conceber a qualidade de vida, baseado nos quais o homem toma decisões e altera o ambiente”

Okamoto (2002, p. 111) a define como “o caminho para conhecer a realidade do meio ambiente, com a participação direta e intensa do corpo e mente como um todo”.

Para Faggionato (2006) cada indivíduo percebe, reage e responde diferentemente às ações sobre o ambiente em que vive. As respostas ou manifestações daí decorrentes são resultado das percepções (individuais e coletivas), dos processos cognitivos, julgamentos e expectativas de cada pessoa.

Desta forma, o estudo da percepção ambiental é de fundamental importância para que possamos compreender melhor, as inter-relações entre o homem e o ambiente, suas expectativas, anseios, satisfações e insatisfações, julgamentos e condutas.

Okamoto (Op.Cit, p.226) além de fazer referência sobre a Percepção Ambiental, também nos leva a refletir sobre Imagem Corporal quando nos afirma que a conjugação entre o conhecimento que temos de nosso corpo e a preocupação com o seu bem-estar – mesmo que de forma inconsciente – leva-nos a projetar nossa imagem corporal em nossas criações.

A Imagem Corporal têm sua origem com o médico cirurgião francês do século XVI Ambroise Pare, ao caracterizar o membro fantasma, fenômeno da sensação do membro que não está ali pelo paciente amputado. Desde então, esta temática tem sido estudado por neurologistas, psicanalistas, psicólogos, geneticistas, educadores físicos, fenomenologistas, dentre outros.

O termo Imagem Corporal vem sendo usado freqüentemente de maneira permutável com a terminologia Esquema do Corpo, em estudos neurológicos e psicológicos, onde ocorrem também resistências a determinadas definições e muitas confusões metodológicas e conceituais (PAILLARD, [2001] *apud* MATARUNA 2004).

Mediante uma variedade de autores que conceituam e definem a Imagem Corporal, tomamos por base nesta pesquisa às proposições abordadas por Shilder (1999), Tavares (2003) e Barbosa (2003).

Para Shilder (1999) a imagem corporal é a figuração de nosso corpo formada em nossa mente, ou seja, o modo pelo qual o corpo se apresenta para nós, sendo constituída por três estruturas que se inter-relacionam continuamente: a fisiológica, a libidinal e a sociológica.

A estrutura fisiológica seria a responsável pelas organizações anatomofisiológicas que dispõem de um arcabouço ósseo, muscular, nervoso e hormonal em suas inter-relações particulares a cada indivíduo. Incluem-se nesta estrutura as contribuições geneticamente herdadas e as modificações sofridas pelas funções somáticas durante fases anteriores da vida do sujeito.

Já a estrutura libidinal é considerada como o conjunto das experiências emocionais, vivenciadas nos relacionamentos, desde a gestação. Aqui o conceito de libido refere-se à quantidade de energia investida em determinado órgão ou função e liga-se indiretamente com o grau de satisfação que o indivíduo tem consigo mesmo.

E por fim, a estrutura sociológica, derivando-se parcialmente dos intercâmbios pessoais, a imagem corporal está formada também à base da aprendizagem dos valores culturais e sociais. Esta estrutura aborda especialmente os motivos pelos quais as pessoas de um grupo tendem a valorizar certas áreas ou funções, o papel das vestes e dos adornos na comunicação social, assim como do olhar e dos gestos.

Tavares (2003, p.19 -21) revela a Imagem Corporal como um fenômeno complexo, que deve ser visto sob múltiplas perspectivas, processo em constante transformação, que integra múltiplas dimensões vulnerável aos processos dinâmicos internos e externos que se encontram em relação a cada instante, reconhecendo, no entanto, seu caráter singular e indivisível.

Esta autora salienta que este fenômeno reflete a história de uma vida, o percurso de um corpo, cujas percepções integram sua unidade e marcam sua existência no mundo a cada instante.

E, para Barbosa (2003, p. 44-49) é um fenômeno multifacetado inerente ao ser humano. Abrange aspectos sensoriais e perceptivos do indivíduo. Inclui mecanismos conscientes e inconscientes. São as relações do sujeito consigo e com o mundo se refletem no dinamismo da Imagem Corporal. Ela é singular, individual, mas precisa do mundo e dos outros para se estruturar.

Assim, acreditamos que a Imagem Corporal ao se inter-relacionar com as estruturas fisiológicas, libidinais e sociais, se configura como um fenômeno complexo, que em sua subjetividade aborda a interdependência das figurações da mente sobre o próprio corpo com os outros corpos que se apresentam no ambiente da vida cotidiana do indivíduo. E, no contato com a realidade construída socialmente, se molda na dinâmica dos contatos corporais necessários e vitais que se conjugam a cada nova apresentação a si, ao outro e ao mundo, nunca é estática.

Shilder (1999) nos assinala que "nossa imagem corporal só adquire suas possibilidades e existência porque nosso corpo não é isolado, um corpo é, necessariamente, um corpo entre corpos, precisamos ter outros à nossa volta" (Op. Cit., p. 311). Ainda nos afirma que possuímos a capacidade de mudar nossa imagem continuamente. E essa multiplicidade de imagens só pode ser conseguida pelas forças emocionais.

Tavares (2003) ao fazer alusão a Paul Shilder (1999), nos ressalta que a Imagem Corporal não se baseia apenas em associações, memórias e experiências, mas também em intenções, aspirações e tendências. Ela é construída de um corpo em contato com a realidade externa. Esse contato é uma experiência ativa em que partes são aceitas e outras partes, rejeitadas.

Balestra (2002) assinala em sua pesquisa a sutileza com que Schilder (1999) trata este fenômeno ao relacionar o modelo postural sem a rigidez definida pelos neurologistas, dando à vida afetiva uma importância até então nunca vista. Sendo possível incorporar à nossa imagem corporal parte do corpo de outras pessoas, podendo alterar completamente a sua percepção, copiando a “imagem dos outros”, identificando com eles, induzindo-nos a uma atitude particular a respeito de certas partes deste corpo.

Assim sendo, as imagens corporais ligam-se por meio de uma proximidade espacial que favorece o contato entre corpos e suas experiências. Sua construção torna-se mais fácil e rica e as trocas de vivências entre duas ou mais pessoas são maiores. Isso se deve à incorporação de diversas partes das imagens corporais dos outros e à doação de nossas próprias imagens a eles. Aliado a isso, o fator emocional aparece como peça-chave neste processo, pois podemos estabelecer uma relação íntima com determinada pessoa. Trocamos nossas imagens corporais.

Salientamos uma feita por Schilder (1999) *apud* Barros (2001), que nos interessa nesta pesquisa, que é a de que sempre temos uma forte tendência em observar nosso próprio corpo, tanto quanto o corpo dos outros, e que, além de observar, existe o desejo de conhecê-lo através do tato, da tendência de gostarmos de sermos vistos pelas outras pessoas, confirmando mais uma vez ser a imagem corporal um fenômeno social.

Neste cenário de Percepção Ambiental e Imagem Corporal, pensamos nas relações do corpo do trabalhador da feira interdependente das condições do seu ambiente de trabalho (limpeza, ventilação, condições básicas de higiene etc.), que se influenciam na construção e desconstrução diária da Imagem Corporal deste trabalhador (vocabulário, roupa, cuidados corporais, posturas etc.) mediadas pela realidade da vida cotidiana a cada instante.

CAPÍTULO III



Figura 4 - Percepção do Ambiente Interno da feira “Manaus Moderna”

FONTE: Pesquisa de Campo, 2007.

O motivo básico que conduz a humanidade à investigação científica está em sua curiosidade intelectual, na necessidade de compreender o mundo em que se insere e na de se compreender a si mesma. Tão grande é essa necessidade que, onde não há ciência, o homem cria mitos.

KÖCHE (1997, p.44)

3. ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

Ao acreditarmos que o terceiro milênio revela-se por uma sociedade do conhecimento, que em muito se baseia em pesquisas científicas motivadas por um caráter prático regidas pelo poder, força e riqueza.

Salientamos nosso ponto de vista quanto à ciência não como uma atividade que se reduz a este controle prático sobre o fenômeno da natureza, mais uma ciência que é “apenas uma forma de expressão dessa busca [conhecimento da realidade], não exclusiva, não conclusiva, não definitiva” (MINAYO , 2007, p.9).

Assim, orientamos nossa pesquisa por uma visão de ciência acima comentada, em que abordaremos nossas estratégias metodológicas à partir de dois tópicos centrais, que são:

3.1 Planejamento da pesquisa.

3.1.1 O projeto de pesquisa

3.1.2 A caracterização da pesquisa

- O enfoque da pesquisa
- As técnicas e instrumentos da pesquisa

3.2 Operacionalização da pesquisa

3.2.1 Procedimento sistemático do trabalho de campo.

- a área de estudo
- o sujeito da pesquisa
- a aplicação das várias fontes de evidências

3.2.2 Procedimentos sistemático na análise e tratamento dos dados.

3.1 Planejamento da pesquisa

3.1.1 O projeto de pesquisa

Ao apresentarmos a temática, a Imagem Corporal e Percepção Ambiental dos trabalhadores da feira “Manaus Moderna”: desafios e superações no cotidiano de trabalho. Formulamos o seguinte problema: Como a Imagem Corporal e Percepção Ambiental dos trabalhadores da feira podem revelar sugestões que possibilitem melhorias no ambiente da “Feira Manaus Moderna”?

Mediante esta problemática pensamos na hipótese de que, a percepção do ambiente e os sentimentos sobre si mesmo do trabalhador da feira na realidade da vida cotidiana de trabalho, podem revelar pontos relevantes que possibilitem sugestões de melhorias neste ambiente. Para tanto, nos direcionamos ao propósito final de analisar a Imagem Corporal e Percepção Ambiental dos trabalhadores da feira, no cotidiano de trabalho, para a constituição do quadro de sugestões de possíveis melhorias do ambiente da “Feira Manaus Moderna”.

Este propósito nos direcionou a objetivos específicos, suas proposições, técnicas de coletas e análise das mesmas, que nos orientaram as evidências relevantes para o alcance de nosso propósito (Apêndice 1 - marco lógico), que são:

a) Caracterizar a história da ocupação da feira “Manaus Moderna”, por pressupormos que a caracterização da história da construção da feira revela pontos relevantes sobre o vínculo topofílico com o ambiente da feira. Sendo coletados por dados secundários (fontes documentais) e dados primários (entrevista semi-estruturada).

b) Descrever a percepção ambiental dos trabalhadores da feira sobre o ambiente da “Feira Manaus Moderna”, por pressupormos que a percepção do trabalhador da feira sobre o ambiente interno e externo, revelam pontos relevantes em forma de conceitos que variam de ótimo a péssimo. Sendo coletados por dados primários (entrevista semi-estruturada, observação direta e técnica da fotografia).

c) Identificar a Imagem Corporal dos trabalhadores da feira, por pressupormos que a imagem que o trabalhador da feira tem de si mesmo nas relações interdependentes com outras imagens corporais e objetos, revelam pontos relevantes em nível de satisfação (ou não). Sendo coletados por dados primários (entrevista semi-estruturada, observação direta e técnica da fotografia).

d) Relacionar os dados da Imagem Corporal e Percepção Ambiental dos trabalhadores da feira, por pressupormos que a análise dos dados da relação entre as teorias da Imagem Corporal e Percepção Ambiental revelam pontos relevantes sobre a realidade da vida cotidiana, que possibilitam a composição do quadro de sugestões de melhorias para o ambiente da feira “Manaus Moderna”

Salientamos que ao abordarmos as *teorias*¹⁴, Percepção Ambiental e Imagem Corporal partimos do pressuposto de que estas se revelam na sua essência com a perspectiva transdisciplinar necessária às nossas expectativas no desenvolver desta pesquisa. Para tanto, buscamos interligá-las na concretização dos objetivos propostos sem pretensão de reduzi-las ou difundi-las como soluções únicas às problemáticas expostas, mas apreendê-las na desafiante investigação que aqui se insere.

Dentre os diversos autores que estudam estas teorias, destacamos Paul Schilder (1999) em relação a Imagem Corporal, que a define como a representação mental do corpo do indivíduo, com enfoque tridimensional: fisiológico, libidinal e social. E, Del Rio e Oliveira (1999) que conceituam a Percepção Ambiental como a investigação das percepções, atitudes e valores envolvidos nas relações do homem com o meio ambiente.

3.1.2 A Caracterização da pesquisa

- O enfoque da pesquisa

¹⁴ Sendo um discurso sistemático que orienta o olhar sobre o problema em pauta, a obtenção de dados e a análise do mesmo, entendida aqui como “por mais bem elaborada que seja, não dá conta de explicar ou interpretar todos os fenômenos e processos” (MINAYO, 2007, p. 17) .

Propomos nesta pesquisa estabelecer uma relação recorrente entre o método e a teoria, tendo por base, não uma competição, mas uma integração entre as abordagens teóricas do materialismo histórico-dialético (MARX *apud* TRIVIÑOS, 2006, p.49-74) que parte da concepção marxista, da natureza como objeto de trabalho que potencializa o processo global de produção capitalista, e nos traz bases dialéticas para uma interpretação dinâmica e totalizante da realidade.

E a abordagem da complexidade sistêmica (MORIN, 2005, p. 174-192) que nos faz pensar na complexidade como um desafio e motivação a pensar, não como uma resposta pronta e acabada, mas com diálogos entre nossas mentes e, suas produções, isto é, uma civilização de nossas mentes, para que não acreditemos que aquilo que não é quantificável e formalizável não exista.

O método será o Estudo de Caso (Yin, 2005) por se caracterizar pelo estudo profundo de um ou de poucos sujeitos, que nos permite o conhecimento amplo e detalhado do que se objetiva. Escolhemos este método para nossa pesquisa por seu grande valor de favorecer a “investigação empírica de um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente, quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos” (ibidem, p. 32).

Segundo Noda (2006) o método Estudo de Caso se apresenta como um estudo profundo, exaustivo de um ou de poucos objetos de maneira a permitir conhecimento amplo e detalhado do caso. Por isto, o abordaremos no decorrer desta pesquisa como um estudo incorporado de caso único, com unidades de análise múltiplas (topofilia; percepção ambiental; imagem corporal e realidade da vida cotidiana), pois se trata do estudo profundo e completo sobre o fenômeno (trabalhador da feira) em seu contexto (a feira “Manaus Moderna”) que recebem atenção explícita na fase analítica desta pesquisa.

- As técnicas e instrumentos da pesquisa

a) Mediante o propósito final desta pesquisa, que direcionou as abordagens teóricas e os métodos acima descritos, pensamos fazer uso de várias fontes de evidências (para triangulação), que serão a seguir descritas:

b) documentação (YIN, 2005) – neste tipo de evidência se contém muitas das informações que envolvem estudos de caso, que podem assumir muitas formas, como instrumento de coleta, tais como: cartas, memorandos, propostas, recortes de jornais e outros artigos que aparecem em mídia de massa e etc.

c) observação direta (YIN, 2005)- entendida como a técnica de coleta em que o pesquisador observa alguns comportamentos ou condições ambientais relevantes, que variam de atividades formais a informais. Tendo como instrumento de coleta um diário de campo que se baseia em nosso marco lógico, que nos orienta em observar as relações entre o corpo do trabalhador da feira e o ambiente.

d) entrevista semi-estruturada (YIN, 2005) – sendo uma das mais importantes fontes de informação para estudo de caso, conduzida com um corpo de questões do qual o entrevistado parte para uma exploração em profundidade. Tendo como instrumento de coleta um roteiro de entrevista – conforme apêndice 02.

e) técnica da fotografia (FERRARA, 1999) - em que se flagra o modo como o entrevistado se relaciona com o meio ambiente e o que nele se consegue perceber e valorizar, uma vez que no tempo e espaço do momento se registrará com a máquina fotográfica por meio do próprio sujeito da pesquisa sua percepção sobre o espaço.

Ferrara (1999) nos revela que a imagem fotográfica tem o poder de reter, fixar, congelar a realidade no espaço e no tempo, porém esse milagre se opera mecanicamente, o emissor dessa mensagem é uma máquina, apenas acionada pelo homem, e seu resultado é algo de que não se pode duvidar, porque realmente existe. Esta autora ressalta que na fotografia é

possível flagrar o modo como o entrevistado se relaciona com o meio ambiente e o que nele se consegue perceber e valorizar.

3.2 Operacionalização da pesquisa

3.2.1 Procedimento sistemático do trabalho de campo

- a área de estudo

Dentre as duas feiras Municipais localizadas no centro da cidade de Manaus, que são: a feira da Banana, sito à rua Pedro Botelho e, a feira Cel. Jorge Teixeira, a escolhida como nossa área de estudo foi esta, popularmente conhecida como feira da “Manaus Moderna” construída em março de 1994, cuja área é de 8.251,84 m², localizada entre as ruas Barão de São Domingos, e Lourenço Braga frente à beira-rio (figura 5).

O critério para escolha deste local foi por nos chamar atenção especificamente por três razões:

a) a primeira por se localizar na mesma zona e no Centro da cidade de Manaus dois Mercados Municipais (Adolpho Lisboa e Senador Cunha Melo) e, duas feiras Municipais (feira da Banana e feira da “Manaus Moderna”), na mesma área. Em que ao tomarmos por base a feira “Manaus Moderna”, temos à oeste o Mercado Adolpho Lisboa (patrimônio histórico da cidade) e à leste a feira da banana (lugar que basicamente se encontra uma grande variedade de bananas regionais) que ínsita nossa curiosidade em compreender a historicidade de sua construção e seu engendramento com o urbano da cidade;

b) segundo por a feira “Manaus Moderna” em nossa observação primária se caracterizar com um fluxo dinâmico de compra e venda tumultuado e aparentemente desorganizado, que nos ínsita ao desafio de investigá-la por um olhar crítico enquanto ambiente que outrora observado parece ser um espaço urbano que se constrói na realidade do cotidiano por uma crise ambiental;

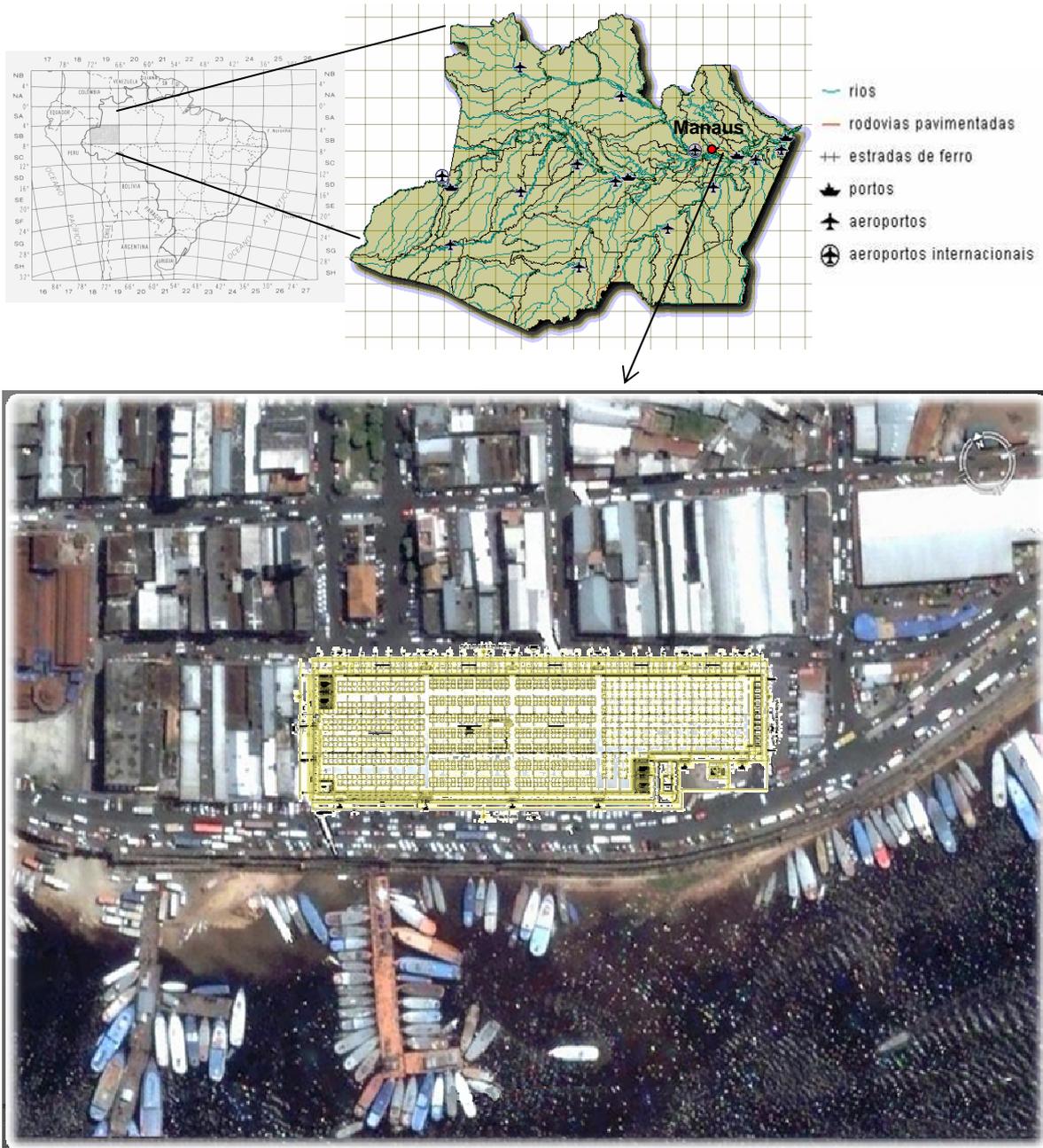


Figura 5 - Feira Cel. Jorge Teixeira. Zona Sul, Centro da Cidade de Manaus, Amazonas, Brasil.

FONTE: Imagem do Google Earth reestruturada com a planta do mercado. 2007.

c) terceiro por se ter uma apreciação pelo lugar enquanto feira, que aflora sentimentos topofílicos de terra infância (a relação entre o feirante e a feira) e, que atualmente se traduz pela lealdade ao lugar urbano (cidade em que se vive). Esta lealdade se intensifica pela antítese existencial das paisagens que circundam a feira “Manaus Moderna”, que se revela pela beleza do rio que abre caminhos para entrada e saída da cidade ao contraste da

deteriorada paisagem urbana do caminho do porto do produtor as vias que abrem para as descobertas (boas ou ruins) na cidade.

Neste cenário acreditamos aprofundar nosso estudo sobre a percepção tanto do espaço, quanto do lugar feira “Manaus Moderna” que primariamente têm demonstrado ausência de preocupação em planejar com eficiência e coerência o centro urbano da cidade em relação a construção deste âmbito (feiras e Mercados) tão necessário na vida cotidiana do cidadão.

- o sujeito da pesquisa

No *locus* da pesquisa acima descrito, encontramos os sujeitos da pesquisa (quadro 1), que são: os trabalhadores da feira “Manaus Moderna”, intitulados como permissionários, totalizando novecentos e oitenta e três trabalhadores (983). E, os não-permissionários, totalizando setecentos e dois trabalhadores (702). Além dos auxiliares dos permissionários, em média, mil novecentos e sessenta e seis trabalhadores (1.966) e dos chamados “sem-terra” em média 48 produtores por mês que trabalham com rotatividade por semana.

Também salientamos a presença dos trabalhadores da feira, localizados à leste (12) e oeste (36) em anexos nas laterais deste ambiente, devido a reforma do Mercado Municipal Adolpho Lisboa, sendo que, após a reforma estes não retornarão por não serem permissionários lá no mercado. Por isto já estão alocados na feira, já com construção na zona oeste externa da mesma. Isto significa uma população de três mil setecentos e quarenta e sete (3.747) trabalhadores que se relacionam na realidade da vida cotidiana no ambiente da feira “Manaus Moderna”.

Assim, dentre os permissionários e não-permissionários, encontrados neste ambiente sócio-econômico, político e cultural, que revela uma ocupação desordenada, optamos por investigar somente o permissionário, por possuírem certo vínculo com o poder público e,

terem uma organização de gestão do ambiente por meio da Comissão Gestora administrada por um trabalhador da feira eleito por voto.

Discriminação	Quantidade	Características Gerais
Permissionários	983	- àquele que detém permissão concedida pelo Poder Público, para a prática de atividade comercial nos mercados e feiras; - pagam um valor pecuniário à Comissão Gestora da Feira.
Não-Permissionário	702	- àquele que possui cadastrado na administração da feira para controle de suas atividades e fluxo de pessoas no ambiente; - não pagam taxas;
Sacoleira	50	Vendem as sacolas na mão, como se fossem ambulantes.
suqueiras e cafeteiras	120	Vendem os sucos e cafés no ambiente geral da feira.
carreteiros	120	Oferecem serviço de transporte das compras do consumidor, localizados nos portões por seu uniforme e carrinho, que são: portão A cor azul França; portão B cor verde; portão C cor laranja; - portão D cor azul mar; portão E cor amarelo e, portão F cor marrom.
carregadores	240	Oferecem sua força física para trazerem os produtos da beira rio e/ou do estacionamento aos feirantes. Existe uma associação de carregadores.
Rifeiras	62	Oferecem 25 números correspondente ao jogo do bicho para posterior rifa do prêmio do dia nos três turnos.
Vendedoras de Cheiro	33	Oferecem cheiro verde aos compradores do setor do pescado.
Manicure	08	Oferecem serviço de pedicure e manicure localizadas em sua maioria nas entradas dos portões D, E e F.
Extra	69	Oferecem serviços diversos, mas são cadastrados para circular em na feira.
Ajudantes de Permissionário	2 em média por boxe 1966	- àquele que presta serviço na banca ou box do permissionário pagos por ele.
Produtores rurais os “sem-terra”	12 a cada semana (rotativo) 48 por mês	- àqueles que não possuem boxes fixos, não possuem carteiras de cadastro para controle e não pagam taxa; - se fixam na frente do banheiro central da feira, abrem os sacos e/ou caixas com seus produtos e vendem ao consumidor no corredor.

Quadro 1 - Característica Geral da densidade populacional da feira “Manaus Moderna”.

Fonte: Pesquisa de Campo, 2007.

No entanto, por termos uma população elevada (983 permissionários) para investigação mediada pela abordagem profunda que aqui sugerimos, utilizamos como critério de inclusão na pesquisa o tempo de experiência como trabalhador na “Feira Manaus Moderna” anterior à sua construção, buscando-se selecionar representantes de cada setor, independente de gênero, origem de nascimento, nível de escolaridade e estado civil. E, como critério de exclusão os trabalhadores da feira (permissionários), com menor tempo de trabalho neste ambiente, isto é, os que começaram a trabalhar neste local em 1995.

Com isto posto, iniciamos o plano de recrutamento do sujeito da pesquisa primariamente com a observação direta e, posteriormente em contatos com setores responsáveis pela feira (Administração e Comissão Gestora da feira) para com que pudessem nos orientar a este perfil. Encontramos fatos que nos impossibilitaram à concretização do primeiro critério de inclusão pensado (tempo anterior à construção) e, nos levou ao tempo a partir da construção (1994), prevalecendo ainda o tempo de experiência em feira do sujeito pesquisado.

Desta forma, tentamos selecionar a partir deste critério, os trabalhadores por setor ficando nossa amostragem com quinze (15) trabalhadores da feira sendo nove (09) do gênero masculino e seis (06) do gênero feminino, assim distribuídos:

a) setor do pescado, dois (2) entrevistados do gênero masculino – que se caracterizam por estarem trabalhando com o pescado um a mais de vinte anos e, o outro a mais de trinta anos.

b) setor do açougue, três (3) entrevistados, sendo um de carne (feminino), um de frango (masculino) e um de vísceras (masculino) – que se caracterizam por estarem trabalhando com o açougue uma a mais de trinta e cinco anos e os outros dois a mais de quinze anos.

c) setor dos produtos regionais, quatro (4) entrevistados do gênero masculino – que se caracterizam por estarem trabalhando com este tipo de atividade em feiras, dois a mais de trinta anos e dois a mais de vinte anos.

d) setor de hortifrutigranjeiro, um (1) entrevistado do gênero masculino – que se caracteriza por ser um dos maiores investidores deste setor na feira “Manaus Moderna” e com experiência de mais de vinte anos.

e) setor do lanche, uma (1) entrevistada do gênero feminino – que se caracteriza por ser feirante desde os oito anos de idade no estado de Roraima, estando na feria “Manaus

Moderna” desde o processo de construção oferecendo o serviço de alimentação no geral, especialmente o café da manhã.

f) setor diverso, quatro (04) entrevistadas do gênero feminino – sendo uma que trabalha com a venda de queijo há mais de vinte anos; outra que trabalha com produtos descartáveis (sacos, copo, prato, colher etc.) há mais de dez anos; uma outra com plantas medicinais que acompanhou seu pai na feira desde criança com este tipo de venda no Adolpho Lisboa e após seu falecimento investiu numa banca na feira “Manaus Moderna”. E, uma trabalhadora da feira que possui uma banca denominada lojinha de confecção, que trabalha com este tipo de atividade em feira a mais de vinte anos, sendo sua principal clientela os próprios trabalhadores da feira.

Estes sujeitos da pesquisa também se caracterizam no ambiente da feira “Manaus Moderna” por terem especificidades de horário de entrada e saída no cotidiano de trabalho, em que os trabalhadores dos setores do pescado, açougue e produtos regionais chegam por volta das 3 horas da manhã e saem às 19 horas em média, por se adaptarem a chegada dos produtos pela beira rio e, os outros setores hortifrutigranjeiros, lanches e diversos funcionam no horário entre as 7 horas 30 minutos às 17 horas e 30 minutos.

Os sujeitos da pesquisa nasceram em sua maioria no Estado do Amazonas (60, 1%) e os demais nos Estados do Pará (13, 3%), Piauí (13,3%) e Maranhão (13,3%) e, residem nas diversas zonas da cidade, sendo na leste (40%), norte (13,3%), sul (13,3%), oeste (13,3%), centro-sul (13,3%) e centro-oeste (13,3%).

Uma outra característica destes sujeitos é que possuem parentes no mesmo ambiente de trabalho em sua grande maioria (93%), que trabalham ou na sua banca auxiliando-o ou possuem banca própria na feira “Manaus Moderna”, constituindo-se quanto ao vínculo da renda da família como um ambiente de trabalho necessário à existência.

A razão da pretensão destas amostragens em diferentes setores no ambiente da feira “Manaus Moderna” foi obter uma percepção ambiental e imagem corporal multifacetada, isto é, a percepção do trabalhador sobre o ambiente e o sentimento sobre si mesmo, mediados pela interdependência com os setores no cotidiano de trabalho.

- a aplicação das várias fontes de evidências

Por o estudo de caso se caracterizar como uma investigação empírica que “investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos (YIN, 2005, p.32) e, por ser um método que abrange tudo, desde a lógica do planejamento, das técnicas de coleta de dados e das abordagens específicas à análise dos mesmos, seguimos um conjunto de procedimentos pré-especificados para o pleno aprofundamento necessário nesta abordagem do método escolhido, que foram:

a) aplicação do teste piloto

Este *teste-piloto* baseado em Yin (2005) foi aplicado segundo os critérios de conveniência, acesso e proximidade geográfica – uma vez que todo recurso destinado a esta pesquisa fora de cunho pessoal.

O primeiro teste-piloto foi realizado com um ex-feirante (meu pai) que labutou no âmbito da feira desde sua tenra idade (oito anos), sendo o Mercado Senador Cunha Melo seu último ponto de trabalho neste âmbito. Tivemos como fonte de evidência uma entrevista semi-estruturada, e instrumento de coleta o gravador e um roteiro de entrevista, com perguntas direcionadas às nossas unidades múltiplas de análises (história, percepção ambiental, imagem corporal e realidade da vida cotidiana).

O segundo teste-piloto foi realizado com um ex-feirante do Mercado Senador Cunha Melo e atual feirante da feira “Manaus Moderna”, sendo utilizado as mesmas fontes, o que nos permitiu aprimorar os planos para coleta de dados tanto em relação ao conteúdo quanto

aos procedimentos na área de estudo de nossa pesquisa. Especificamente, nos forneceu uma reestruturação em nosso roteiro de entrevista, com criação de uma matriz de elementos por unidade de análise, sintetizadas abaixo:

- História do processo de construção da feira - perguntas abertas, sobre a construção, importância, permanência e perspectivas futuras do ambiente da feira e sua gestão atual;

- Percepção Ambiental - perguntas abertas e fechadas (semi-estruturadas) sobre o ambiente interno e externo da feira Manaus Moderna, com classificação de conceitos (ótimo, bom, regular, ruim e péssimo) e posterior justificativa do por quê do conceito escolhido;

- Imagem Corporal - perguntas abertas e fechadas (semi-estruturadas) sobre a imagem de si mesmo a respeito de sua aptidão física, aparência física, saúde física e relações sócio-culturais no cotidiano de trabalho do ambiente da feira “Manaus Moderna”, com classificação de graus que variavam entre satisfação, tanto faz e insatisfação para posterior justificativa do por quê do grau escolhido.

b) realização da coleta de dados

Segundo Yin (2005, p. 126) o uso de várias fontes de evidências em estudos de caso permite que o pesquisador dedique-se a uma ampla diversidade de questões históricas, comportamentais e atitude, que favorece a validade do construto da pesquisa e sua confiabilidade. Para tanto, utilizamos o levantamento bibliográfico, a observação direta, a entrevista semi-estruturada e a técnica da fotografia com este fim, mediante a realização dos seguintes procedimentos metodológicos:

- Apresentação pessoal, enquanto pesquisadora, e da proposta da pesquisa a Secretaria Municipal de Agricultura e Abastecimento (SEMAGA), Administração e Comissão gestora da Feira Manaus moderna, expondo o objetivo do trabalho e sua relevância enquanto pesquisa todos com assinatura de Termo de Concordância (Apêndice 3) para realização da pesquisa neste ambiente;

- Conversa inicial e posterior apresentação pessoal e da proposta da pesquisa, aos trabalhadores da feira, mediante a leitura e assinatura do termo de consentimento (ver anexo) ficando ambos com a cópia deste documento que explicava o objetivo do trabalho, com seus riscos e procedimentos, exigidos pelo CEP (Conselho de Ética em Pesquisa), anteriormente a explicação da aplicação das nossas fontes de evidências (entrevista semi-estruturada e técnica da fotografia);

- Explicação das fontes de evidências: entrevista semi-estruturada e a técnica da fotografia, com detalhes de explicação no item da Imagem Corporal para compreensão de que fosse a imagem do “aqui” e “agora” que o trabalhador estava sentindo naquele dia.

- A aplicação das entrevistas foi entre um atendimento ao consumidor e outros que apareciam (carregador, suqueiras, rifeiras etc.), isto é, aplicadas durante a dinâmica do cotidiano de trabalho do trabalhador da feira, que se disponibilizou com variações nos seus três turnos diários de trabalho, organizando-se um cronograma para esta aplicação.

Ressaltamos o cuidado da pesquisadora em fazer a pergunta somente quando obtinha atenção maior do sujeito. Esta situação nos levou a entrevistar em média duas a três horas cada sujeito da pesquisa. O lado negativo era o tempo prolongado para finalizar uma entrevista e o positivo foi participar naquele instante da vida diária do sujeito, observando suas atitudes, vocabulários e gestos nas relações com o cliente, o fiscal, o carregador, os colegas, os maridos ou esposas, os filhos, enfim, todos que vivificam diariamente este ambiente dinâmico de relações.

As entrevistas seguiram o roteiro pré-estabelecido (Apêndice 2) que incluíram questões abertas e fechadas que abordaram sobre: o reconhecimento pelo trabalhador da feira do processo histórico no espaço-tempo da feira; a percepção do ambiente interno e geral da feira e, a imagem corporal do trabalhador da feira no cotidiano de trabalho, considerando

quatro itens essenciais para posterior análise, que foram: aptidão física, aparência física, saúde física e relações sociais.

- A técnica da fotografia nos revelou o modo como o trabalhador da feira se relaciona com o meio ambiente e com as pessoas no seu cotidiano de trabalho e até familiar, como veremos no decorrer das discussões do resultado.

Esta técnica foi aplicada com dez (07) dos quinze (15) entrevistados que se dispuseram participar do aprofundamento da pesquisa com a aplicação desta fonte de evidência. Para tanto, foram entregues uma máquina fotográfica descartável, de fácil manuseio, com 24 poses, para que registrasse com a foto aquilo que fosse estivesse bom e/ou pudesse ou quisesse melhorar tanto no ambiente interno ou externo, quanto em relação a si mesmo.

Devido ao fluxo do cotidiano de trabalho que não permitiu o tempo necessário para que os trabalhadores da feira saíssem de seus boxes para discutirem sobre as fotos reveladas, tivemos como alternativa mostrá-las individualmente para que as identificassem pelo motivo que os levou a tirá-las e comentassem sobre a mesma. Isto levou em média com cada entrevistado umas duas horas, com o cuidado de anotar todas as observações sobre o registro que outrora o entrevistado havia realizado.

- A observação direta foi organizada com itens direcionados ao espaço-tempo da feira com anotações sobre as condições do ambiente interno e externo, bem como, o comportamento do trabalhador, tanto durante a entrevista como durante o registro e explicação das fotos reveladas.

Anotamos como parte de nossa observação direta alguns comportamentos e acontecimentos durante a entrevista que revelavam as respostas verbais em atitudes, ao atender clientes e outros, sendo que em muito os próprios trabalhadores faziam relação da pergunta elaborada com demonstração imediata da dificuldade de se mudar ou iniciar

determinada situação, principalmente nos elementos limpeza, postura e descanso corporal. (detalhado no item dos resultados e discussão).

Outra anotação de nossa observação direta fora durante o registro fotográfico, quando observamos a responsabilidade e motivação para este registro (apesar de não estarmos presente em todos os registros, pois percebemos que de certa forma os inibia), ao entregamos a máquina para eles com prazo de devolução em uma semana, só recebemos a três semanas depois, por diversas razões: tempo para sair do boxe e fazer o registro com brio sobre os assuntos que os agradava ou os desagradava; também a espera de chegada da seca; ir à sua casa para registrar fotos com a família etc.,.

Também observamos ainda na coleta de evidência com a fotografia, o entusiasmo dos trabalhadores da feira após revelação das mesmas em vê seus registros e logo nos revelar o que pensaram sobre as fotos, dando detalhes sobre as mesmas com posições à favor ou contra o que se tinha registrado.

Por fim, os procedimentos do trabalho de campo, nos revelaram ser como nos diz Minayo (2007, p. 76) uma porta de entrada para o novo, sem, contudo, apresentar-nos essa novidade claramente. São as perguntas que fazemos para a realidade, a partir da teoria que apresentamos e dos conceitos transformados em tópicos de pesquisa que nos fornecerão a grade ou a perspectiva de observação e de compreensão, por isto, seguimos com nossos procedimentos de análise e interpretação que nos levaram ao conjunto de opiniões e representações dos trabalhadores da feira sobre o ambiente do seu cotidiano, dialeticamente descritos nos tópicos de nossos resultados e discussão.

3.2.2 Procedimento sistemático na análise e tratamento dos dados

Neste estudo abordamos os dados tanto pela análise quantitativa, como qualitativa, os quais após aplicação acima descrita realizamos o seguinte tratamento com os mesmo:

a) Criamos um banco de dados que entrelaçam os objetivos específicos e nossas proposições, culminando em narrativas, fotos, gráficos, tabelas e elaboração de quadros explicativos distribuídos nos tópicos sobre: a história do processo de ocupação; a percepção ambiental interna e externa da feira; a imagem corporal do trabalhador da feira e por fim, um tópico que relaciona com maior objetividade todos para o alcance de nosso propósito final.

b) Mantemos o encadeamento das evidências dos dados após organizarmos os registros por número e tipo de setor do entrevistado, em que tivemos o cuidado de transcrever todo o resultado da entrevista e não exibir nossas opiniões sobre os assuntos tratados, e posteriormente, codificarmos e categorizarmos os dados, tabulamos em planilha eletrônica (Excel), para a análise quantitativa da Média Aritmética e Percentagem.

Ao término da análise quantitativa, continuamos com a confrontação dos dados já dispostos em tabelas e gráficos e, posteriormente articulamos com as informações anotadas da observação e as teorias lidas em todo o processo com retorno as literaturas quando necessário à procura de evidências convergentes. Isto nos levou na análise qualitativa dos dados fazermos uso do princípio da triangulação dos dados, pois é o “fundamento lógico para utilizar fontes múltiplas de evidências” (YIN, 2006, p. 125).

Esta triangulação foi organizada à medida que convergirmos os dados quantitativos e qualitativos distribuídos por unidades de análise, entrelaçando estes resultados após leitura compreensiva dos depoimentos expressados pelos entrevistados com a elaboração de estruturas para expor as idéias com coerência permeado por uma postura crítica face aos resultados com articulação teórica que culminava para o revelar do alcance de nosso objetivo (Apêndice 1 - marco lógico).

Evidentemente que, por se ter um vínculo topofílico se direcionou aos procedimentos sem permitir inferência de ordem afetiva, tanto em campo como na análise. Porém, também se evidencia, a possibilidade de aprofundamento característico em estudos de caso com análise qualitativa, uma vez que, se sente capaz de perceber a realidade com um olhar cauteloso às ideologias.

CAPÍTULO IV



Figura 6 – A realidade da vida cotidiana do trabalhador da feira “Manaus Moderna”.

FONTE: Pesquisa de campo, 2007.

*“[...] apenas acredito, que as idéias semeadas com amor são cravadas no coração, inesquecíveis, diferente da memória que arquiva os conteúdos com o tempo e são temporárias. Por isto acredito que devemos eexperienciá-las, realizando-as com convicção, pois a emoção crava no coração.
[...] apenas acredito que ainda existe um VALOR DE SER na vida.
E que este valor da vida não é definido pelo quanto você teve de ambição e conquistou o poder para seu TER”.*
*Mas, pelo quanto você teve de ambição e conquistou significativamente para seu SER,
O resultado deste trabalho foi uma destas realizações não somente para o Ter de um título, mas para o Ser de minha pessoa.*

Jozilma Batalha

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

4.1 O ambiente da feira “Manaus Moderna” e o trabalhador da feira: história e perspectiva futura.

Neste tópico trataremos de caracterizar a história da ocupação da “Feira Manaus Moderna”, norteadas pela busca de saber: como os trabalhadores da feira percebem a história da construção da Feira Manaus Moderna? Que culminam na organização de dois subtópicos: o processo de construção da feira “Manaus Moderna” e, a perspectiva futura da feira “Manaus Moderna”, que serão descritos a seguir:

4.1.1 O processo de construção da feira “Manaus Moderna”

- o engendramento do urbano da cidade e a feira

O engendramento do conteúdo da cidade, mediante o processo dialético entre a espacialidade da cidade, as políticas públicas urbanas e a especificidade do lugar, produzem um espaço urbano com formas e funções modificadoras pelo tempo, em que a estrutura da cidade não está dissociada das práticas sociais e dos conflitos entre os vários agentes produtores do espaço urbano.

Neste engendramento da cidade, localizarmos o *lócus* de nosso estudo, em que primariamente revelamos a organização espacial das feiras no espaço urbano da cidade para com que possamos dialogar com aprofundamento sobre as relações interdependentes entre a historicidade da construção da feira “Manaus Moderna” e o processo urbano da cidade, que por serem ao mesmo espaço e lugar de práticas individuais e sociais se complementam ao se tentar elaborar um estudo profundo dos dados.

A cidade de Manaus possui atualmente, segundo dados do IBGE (2006) uma demografia populacional superior a um milhão, setecentos e treze mil e cento e cinqüenta e seis pessoas (1.713.156) em que se destaca com maior concentração populacional entre as seis zonas existentes na cidade, as zonas Leste, Norte e Sul.

Assim, encontramos um total de noventa e duas (92) feiras na cidade (Anexo 1). Organizamos as informações em planilha eletrônica Excel e elaboramos uma estatística percentual que gerou a distribuição em porcentagem (gráfico 1) por zona da cidade e tipos de feiras (gráfico 2), que são elementos quantitativos dos resultados do levantamento sobre o documento disponibilizado pela SEMAGA (Secretária Municipal de Agricultura e Abastecimento).

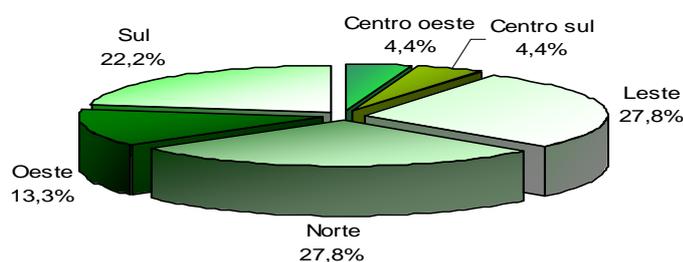


Gráfico 1 – Percentual sobre a distribuição das feiras por zona da cidade.

FONTE: Pesquisa de campo, 2007.

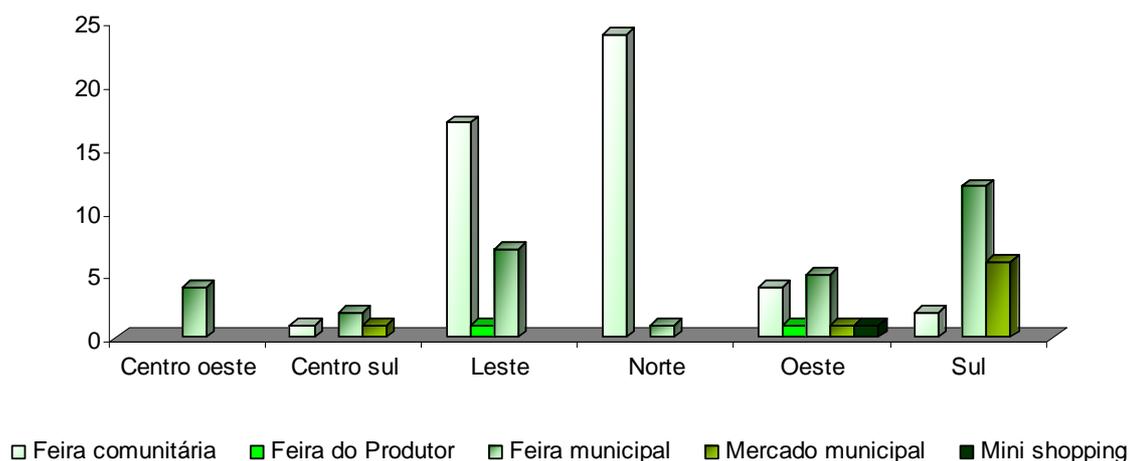


Gráfico 2 – Percentual sobre os tipos de feiras em porcentagem por zona da cidade.

FONTE: Pesquisa de campo, 2007.

O gráfico 2, mostra a caracterização ambígua de quantidade e distribuição de responsabilidades existente em relação as feiras na cidade. Em que destacamos as duas feiras que pontuam com ênfase esta característica, que são:

a) feira comunitária – que não é de responsabilidade da Prefeitura Municipal de Manaus, sendo organizada e estruturada pelos próprios comunitários. E, estão concentradas nas zonas: Leste (dezessete feiras) e Norte (vinte e três feiras) da cidade, que engendram o espaço urbano da cidade com maior densidade populacional. As demais feiras comunitárias se localizam nas zonas Oeste (4), Sul (1) e Centro-Sul (1).

b) feira municipal – de responsabilidade da Prefeitura da cidade de Manaus, estando localizadas em todas as zonas da cidade, sendo o destaque para zona Sul (doze feiras). As demais feiras se distribuem nas zonas Leste-sete feiras, Centro-Oeste -quatro feiras (figura 7).

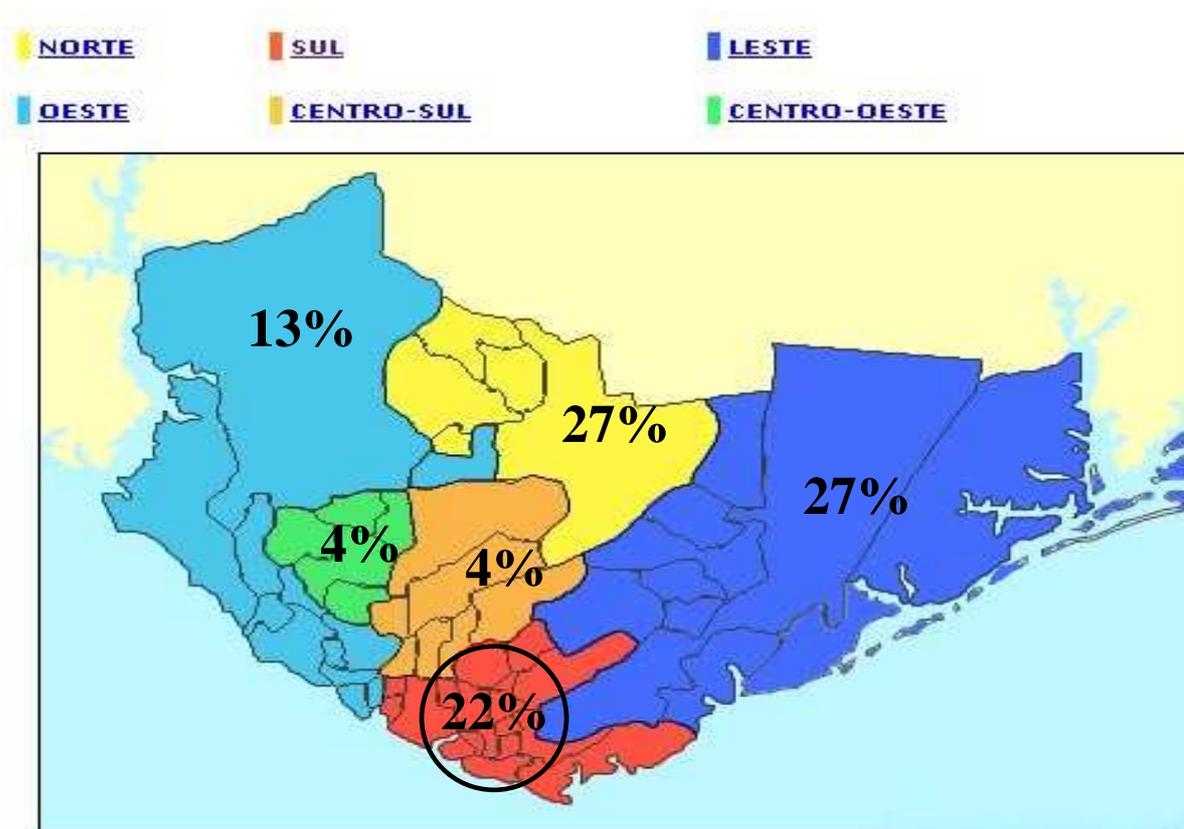


Figura 7 - Mapa da cidade de Manaus com distribuição em porcentagem das feiras por zona da cidade.

Fonte: Pesquisa de campo, 2007.

Concentramos a descrição na zona em que se localiza nossa área de estudo, a zona Sul, em que observamos uma concentração de Mercados Municipais, seis dos oitos existentes e centralizamos nosso foco nas feiras e mercados construídas no centro da cidade, que foram: o Mercado Municipal Senador Cunha Melo e o Mercado Municipal Adolpho Lisboa- símbolo de patrimônio histórico da cidade de Manaus- que atualmente (2007) encontra-se com reforma paralisada, que traz conseqüências para nosso lócus de estudo. E duas feiras, a feira da banana e a feira “Manaus Moderna”.

Evidenciamos a dificuldade de apresentação da imagem mental revelada pelos trabalhadores da feira “Manaus Moderna” quanto ao processo de construção do seu lugar de vida cotidiana, ao perguntarmos sobre se conheciam a zona de localização do seu espaço de trabalho, quando 73% dos entrevistados não souberam responder.

Entretanto, pela experiência de vida, se posicionavam tendo como referência seu corpo, afirmando lados (direita e esquerda) que direcionavam a outros ambientes (O rio Negro, o Mercado Adolpho Lisboa e feira da banana) que sutilmente revelava o espaço da cidade como uma imagem mental dos seus sentidos com a dependência visual do lugar determinado pelo cotidiano de vida no urbano da cidade.

Lynch (1997) reforça este pensar quando considera as ações humanas, para atendimento de necessidades sobre o ambiente, afirmando a promoção de impressões e manifestações psicológicas associadas a uma parcela do contexto onde os seres humanos vivem ou habitam, isto é, cada pessoa tem vastas associações com alguma parte de sua cidade, das áreas urbanas e rurais de seu município,etc. e, a imagem mental de cada uma destas partes está impregnada tanto de lembranças como de significados.

Consideramos aqui a interdependência entre a cidade urbana e a sociedade para com que compreendêssemos que a história de um país ou de uma sociedade, não necessariamente é igual a história de um lugar, exatamente por suas peculiaridades enquanto lugar que se

constitui com características oriundas das necessidades do homem com sua personalidade, atitude, valores, lembranças, sentimentos e percepções que podem conservar ou deteriorar o espaço e lugar na vida cotidiana.

- a construção da feira “Manaus Moderna”.

A existência das feiras foi uma solicitação natural de um ambiente que congregasse todos os produtos que se estivessem disponíveis para outrem; e, neste contexto, seria importante que se trocassem seus excessos em busca de outros produtos que não se houve condições de produzir. Com isto, verifica-se a importância das feiras para os tempos modernos.

Com base em literaturas históricas, especificamente a obra de Souto Maior (1978), a história das feiras aparece misturada com referências ao comércio, às festividades religiosas e aos dias santos, não se sabendo ao certo onde e quando ela apareceu. Entretanto, sua origem é atribuída à Idade Média, em razão da formação excedente de produção, uma vez que no período escravista e no feudalismo a maioria da produção era para o auto-consumo.

Ao pensarmos a história da feira “*Manaus Moderna*”¹⁵ não nos foi possível por meio de levantamento bibliográfico e nem documentos oficiais de ordem institucional, à exceção por meio de entrevistas com alguns feirantes das “antigas” que muito nos auxiliaram com sua *memória*¹⁶ e fotos da época compartilhando conosco um pouco dessa história. No entanto, por terem ocorrido situações alheias à nossa vontade com os mesmos, não pudemos nos aprofundar nessa intrigante história do processo de ocupação, ficando um desafio posterior para os que ousarem continuá-la.

¹⁵ Nome derivado do Projeto Manaus Moderna, em meados de 1986 criado com a finalidade de escoamento da carga e descarga do Distrito para o Porto de Manaus, outros afirmam que era um projeto concebido para organizar o Mercado Municipal com as feiras livres que ocorriam e ocorrem até hoje no cais do porto.

¹⁶ Arcuri (2004) nos ressalta que é na velhice que a memória pode ser de grande valia como processo de desenvolvimento, pois traz toda a experiência de uma vida [...]” .

Anteriormente a esta construção, sua história perpassa por diversas fases, entre as quais destacamos: no final da década de 70, a fase da ocupação do “flutuante da São Domingos” que funcionava para venda dos produtos à beira rio, chegando próximo à Matriz na cheia e, no tempo de seca os feirantes saíam do flutuante e ocupavam a praia.

Outra importante fase foi quando fizeram um aterro na Barão de São Domingos e, construíram um tablado triplicando a ocupação por feirantes, na conhecida feira das “Escadarias dos Remédios” que surgiu com a migração dos feirantes procedentes do Ceasa (Central de Abastecimento) na década de 1980.

Em 25 de novembro de 1991, por motivos de saúde pública a feira foi desativada. Isto gerou um conflito entre o poder público municipal da época e, os mais de trezentos feirantes que trabalhavam no local. Há relatos de tentativas de negociação, mais nada se acordava, até que se determinou a transferência dos feirantes para um galpão na Lagoa Verde no bairro de São Lázaro, a chamada “Feira Municipal da Panair” que resultou na ocupação exacerbada do limitado espaço desta respectiva feira.

Esta situação obriga os feirantes irem em busca de outro espaço para o trabalho, a exemplo a feira Jorge de Moraes no Educando. Os feirantes permaneceram no tumultuado espaço do Ceasa entre 1991 a 1994, quando da construção da feira coberta Cel. Jorge Teixeira, conhecida como feira “Manaus Moderna”.

Assim, a feira “Manaus Moderna”, vira uma cobiça para muitos feirantes e, os que conseguiram um “lugar” no espaço-tempo dela se vislumbravam com seu tamanho, como nos mostra os relatos dos entrevistados na pesquisa de campo.

[...] bonita, grande demais, agradeço a Deus por tá trabalhando aqui na maior feira coberta, parece que da América né!? . (M.S, 60 anos, açougue);

Mediante esta ocupação procuramos em nossa coleta de dados identificar estes trabalhadores da feira, que em muito estão desde seu processo de construção, dos quais serão revelados quinze (15) que foram os nossos entrevistados, descritos sinteticamente a seguir:

a) Quanto ao gênero (gráfico 3)- observamos a predominância do gênero masculino (60%) neste tipo de atividade de comércio atacadista e varejista, em relação a 40% do feminino.



Gráfico 3 – Percentual sobre a relação de gênero do trabalhador da feira

FONTE: Pesquisa de Campo, 2007.

Tendo em vista o contato-corporal necessário nas relações do cotidiano de trabalho, percebemos que esta predominância está ligada aos modelos posturais do corpo incorporados na dinâmica de trabalho no cotidiano da feira necessário à subsistência neste ambiente, tais como, as aptidões de força e resistência muscular.

b) Quanto ao estado civil (gráfico 4) - percebemos que não somente possui laços matrimoniais (73,3%) como também, sua família ou trabalha no mesmo boxe ou possui boxe na feira, sendo que todos os entrevistados possuem um parente na feira, como nos relata um dos trabalhadores

Sim tenho, irmão no açougue, mulher com lojinha de roupa e, sogra na venda de comida. (D.N. 41 anos, açougue)

Este fato nos leva a *topofilia* familiar quando Tuan (1980) nos assinala que a familiaridade engendra afeição ou desprezo, no caso dos relatos dos trabalhadores vimos uma extensão do patriarca a toda família.

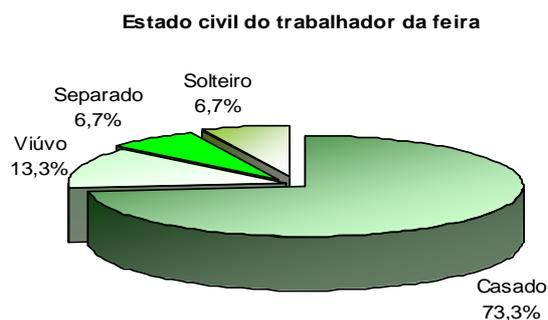


Gráfico 4 - Percentual sobre o estado civil do trabalhador da feira

FONTE: Pesquisa de Campo, 2007

c) Quanto à localidade de origem (gráfico 5) - observamos que dentre os entrevistados, a maioria é do Estado do Amazonas (61%), sendo que do interior, tais como os municípios de Iranduba, Canutama, Carauari, Tapauá, Manacapuru e Juruá.

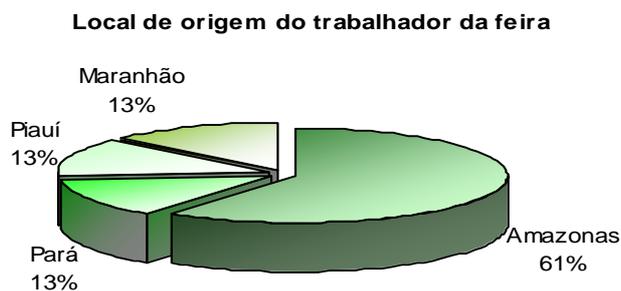


Gráfico 5 - Percentual sobre o local de origem do trabalhador da feira

FONTE: Pesquisa de Campo, 2007.

d) Quanto à escolaridade (gráfico 6) - em relação ao nível escolar, obtivemos os seguintes resultados: Ensino Fundamental I (40%), Ensino Fundamental II (33%), Ensino Médio (20%) e Ensino Superior (7%).

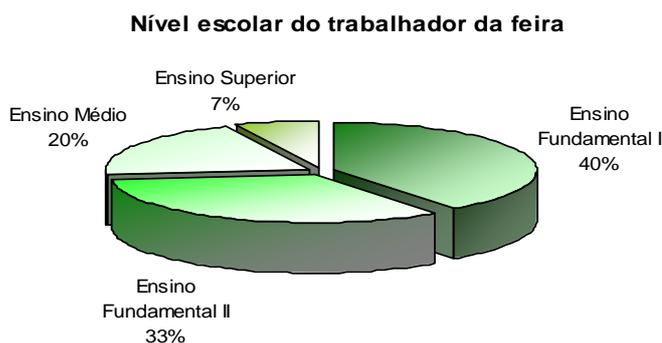


Gráfico 6 - Percentual sobre o nível escolar do trabalhador da feira

FONTE: Pesquisa de Campo, 2007.

Observamos que, a razão da não continuidade do estudo vincula-se em sua maioria tanto à idade, quanto ao tempo de trabalho em feira, independente do espaço-tempo da feira “Manaus Moderna”. Como nos relata um trabalhador da feira:

com 10 anos iniciei na vida do pescador, eu nasci dentro de um barco de pesca em cima de uma caixa onde gela o peixe. me criei na vida da pesca né. quase não fui à escola, só na escola da vida, a feira. (r.g.s. 46 anos, pescador)

No entanto em dois casos, percebemos a superação desta dificuldade em favorecimento ao estudo, como nos relatam os trabalhadores da feira entrevistados:

Tenho o Ensino Médio incompleto, mas não vou desistir pois o estudo pra mim hoje é muito bom. Me esforço pra sair daqui e ainda ter energia pra estudar e voltar de madrugada as vezes pro trabalho e acabo fazendo minhas tarefas aqui pela banca no tempo de folga. (D.F.B, 38 anos, produtos regionais).

e) Quanto à idade (gráficos 7 e 8) e o tempo em ser trabalhador em feira - os trabalhadores aqui selecionados, possuem uma média de 49,4 anos de idade e seu tempo de trabalho é em média de 26,7 anos, isto é, metade da vida de um trabalhador da feira com idade de 50 anos.

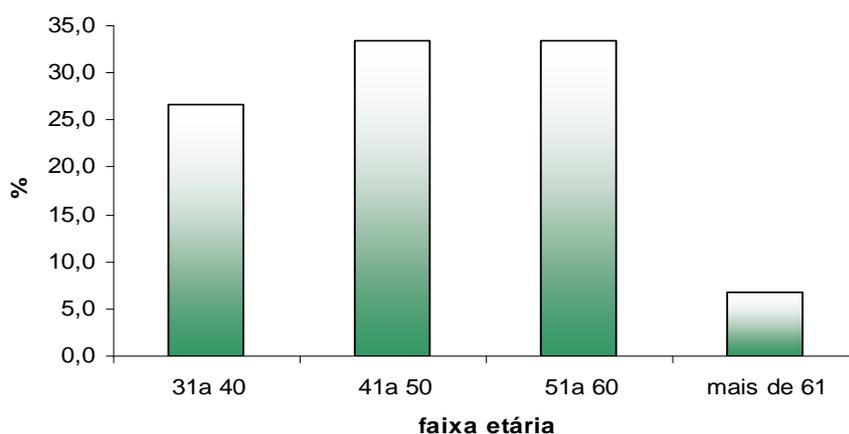


Gráfico 7 - Percentual sobre a faixa etária do trabalhador da feira

FONTE: Pesquisa de Campo, 2007.

A maioria dos entrevistados (mais de 60%) possuíam entre 41 a 60 anos, e desde tenra idade trabalham em feira.

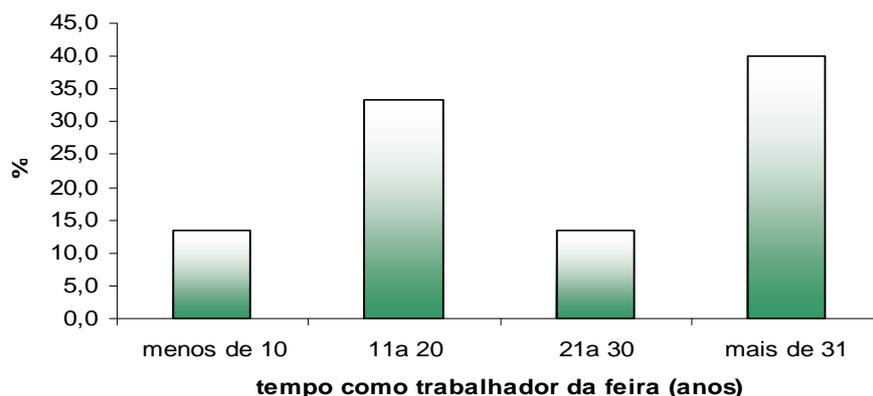


Gráfico 8 - Percentual sobre o tempo como trabalhador da feira

FONTE: Pesquisa de Campo, 2007.

A feira “Manaus Moderna” possui um fluxo contínuo de pessoas, em média dez mil pessoas diárias na dinâmica do comércio deflagrado por sua característica peculiar, esta feira somente passou por três reformas: uma em 1996, outra em 2000 com a colocação do piso especial na área do pescado e, a última em 2001 com a construção do poço, sala de primeiros socorros e a instalação de exaustor.

Assim, a população acima descrita, conjuga com a característica observada de uma ocupação exacerbada que envolve todo o espaço deste lugar. Sendo uma preocupação revelada pelos entrevistados, tanto no item sobre sua importância, quanto no item sobre sua permanência da feira, os quais detalhamos a seguir:

a) importância da feira (gráfico 9) - observamos dois itens preponderantes facilitar o escoamento dos produtos (30,8%) e o acesso (28,2%) tanto para os consumidores como dos envolvidos neste tipo de comércio, como nos relata

É um distrito de trabalho aqui né! Mais de dez mil pessoas trabalham aqui, pais de família que dependem daqui e o porto fica aí na frente se fosse mais longe como pra outras feiras o produtor ia ter que gastar mais pra deixar as mercadoria e o produto ia aumentar pro cliente né. Ainda tem pessoa que vem de longe e compra e traz mercadoria nos barcos pra alimentação dos passageiros e pros bares aí da beira. Ainda tem a vantagem de ter os produtos regionais bem fresquinho como a banana, o cheiro e os peixe que tem de tudo que é jeito aqui, pra turista tirar retrato. Aqui foi muito importante a construção dela eu acho né. (I.F.S, 60 anos, produtos regionais)

No revelar de seus relatos percebemos outros pontos destacados que foram a variedade e a qualidade dos produtos, a feira como ponto de atração turística e, sua importância como ponto de oportunidade de trabalho, que se repete na resposta da pergunta sobre a permanência da feira.

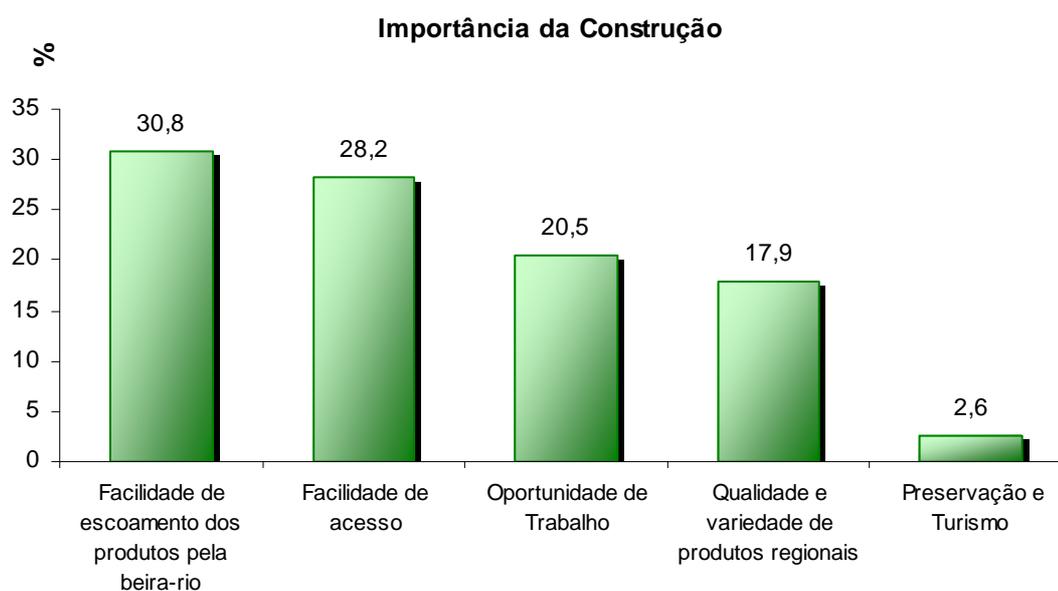


Gráfico 9 - Percentual da Percepção e sentimento sobre a importância da feira "Manaus Moderna".

FONTE: Pesquisa de Campo, 2007.

b) permanência da feira - ao perguntarmos do entrevistado se ele acredita na permanência da feira, a maioria (87%) acredita que sim, justificando esta resposta por salientar a sujeira e a o interesse do poder público somente em período de eleição, como nos relata

eu trabalho aqui e qual é meu dever? É cuidar né. E só vejo um pouco de cuidado na época de campanha até com detetização. Vejo muita reclamação dos próprios clientes da sujeira e do estacionamento, acho que não vai ficar. Tudo é em termo de campanha é só butarem aí um dia que vão vender, ninguém vai poder fazer alguma coisa contra a ordem deles né! (A.L.S., 45 anos, diversos)

De acordo com os dados revelados no gráfico 10, destacamos dois itens que se sobrepõem nos relatos, mediadas pela topofilia, tanto como ponto do seu ganha pão na luta por sua existência, quanto pelo elo afetivo com o lugar, que torna evidente a ligação do seu corpo com o ambiente, seja por sentimento ou por necessidade vital. Como bem nos relata uma trabalhadora.

Eu considero esta feira como uma mãe de todas, ela traz a alimentação em geral para todos é daqui que todo mundo se mantém, vai pras outras feiras, pras indústrias, pras casas das famílias, pras embarcações e até pros supermercados. Ela dá emprego, facilita o poder de compra entendeu! é muito importante sua construção aqui no centro perto da beira, o cliente tem sempre uma opção pelo produto mais fresquinho e barato.(F. P.40 anos, descartável)



Gráfico 10 - Percentual da Percepção e sentimento sobre a permanência da feira “Manaus Moderna”.
Fonte: Pesquisa de Campo, 2007.

Destacamos as figuras 8 e 9, registradas pelos trabalhadores da feira como o valor que a feira têm para os trabalhadores da feira, uma vez que, transcende a prática do cálculo econômico e revela valores subjetivos de afetividade explícita em todas os registros fotográficos e nos relatos dos trabalhadores, tanto como ponto relevante social de oportunidade de trabalho, quanto de lugar de apreciação. Como podemos observar no relato sobre o motivo das fotos a seguir:

a melancia é minha paixão, docinha, sempre nova, gostosa, muito boa, você vê noutros canto por aí tudo velha já, aqui ela é sempre fresquinha[...] Ah, esse peixe é maravilhoso, quando tá tudo inteiro aí em cima é lindo demais, saio de casa com problemas mais chego aqui e vejo isso maravilhoso, e os colega fica tudo bom de novo....” (A.L.S. , 45 anos, diversos)



Figura 8 - Percepção do trabalhador da feira que destaca a variedade e a beleza como atração da feira.

FONTE: A.L.S , 45 anos, produtos regionais

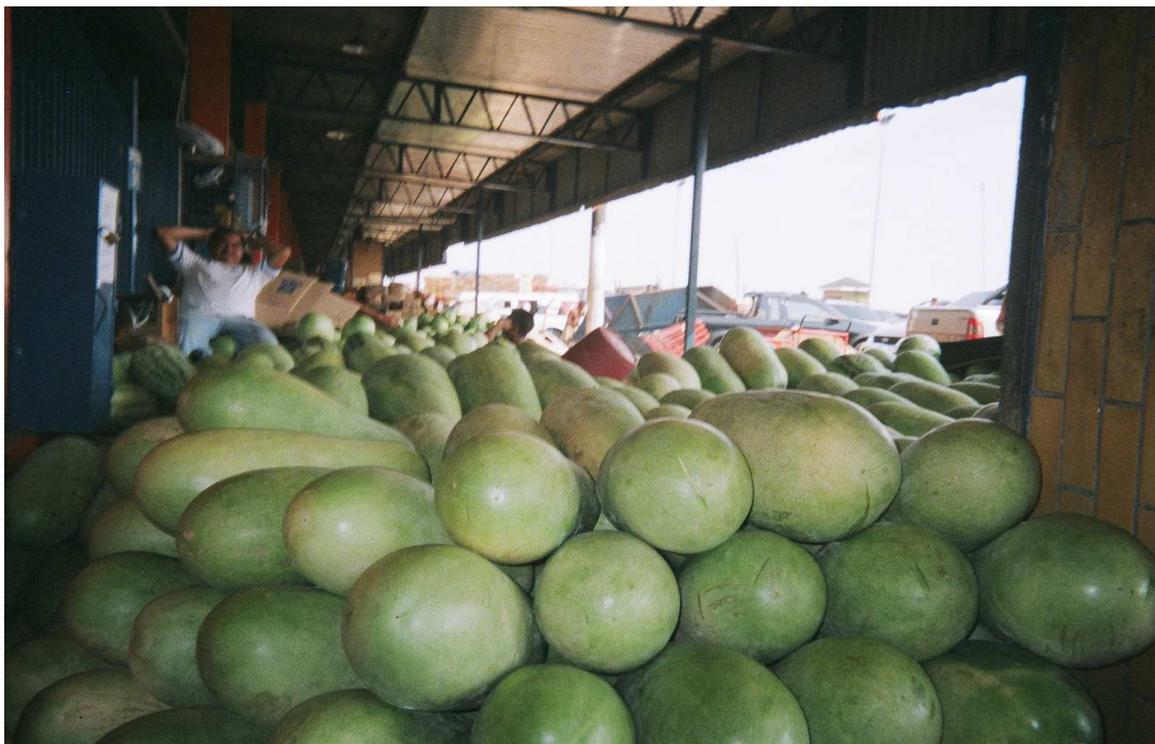


Figura 9 - Percepção do trabalhador da feira sobre qualidade e variedade do produto.

FONTE: A.L.S, 45 anos, produtos regionais

Neste cenário de construção, importância e permanência da feira e seu processo de ocupação, é evidente a necessidade de se gerenciar este espaço. Então, criou-se à partir de 1995 uma comissão de feirante em conjunto com a Secretária de Mercados e Feiras de Manaus para se identificar o “feirante” e, para auxiliar na “triagem” de mais de dois mil (2000) feirantes que esperavam por receber um “cartão” para ocupar a privilegiada feira coberta. Atualmente esta gestão é organizada em três componentes hierárquicos, que são:

- SEMAGA - responsável pela implementação e controle da política de abastecimento em mercados e feiras cobertas e livres. Seleciona o administrador destes locais e, lhes garante o material e pessoal suficiente para o pleno funcionamento e manutenção dos mercados e feiras cobertas e livres;

- Administração - dentre suas atribuições destacamos a orientação, supervisão, fiscalização o controle da permissão de uso dos permissionários e suas atividades; a

coordenação e fiscalização da a limpeza, mantendo-os dentro dos padrões aceitáveis de higiene e asseio; e o controle e fiscalização da carga e a descarga de produtos nos mercados e feiras.

- Comissão Gestora da feira - é a responsável por instituir e arrecadar entre os permissionários um valor pecuniário suficiente para a manutenção dos serviços de vigilância, limpeza e pequenos reparos na estrutura física do respectivo mercado ou feira, contratando e supervisionando diretamente a mão-de-obra necessária para a manutenção destes serviços.

Estes órgãos surgem com a premissa de por em ordem e funcionalidade o ambiente da feira e promover a cidadania à medida que os trabalhadores da feira possam participar da elaboração e condução das políticas públicas planejadas e direcionadas à este ambiente, pois o poder local é o ponto de partida (e de chegada) dos projetos societários mais amplos.

Porém, não observamos uma dialética entre a hierarquia dos três órgãos acima descritos e o trabalhador da feira, sendo que das perguntas direcionadas sobre estes órgãos, em sua maioria obtivemos resultados do não reconhecimento de suas responsabilidades e, muitas das vezes repúdio em tratar deste assunto, vimos o resultados do reconhecimento representado no gráfico 11 a seguir.

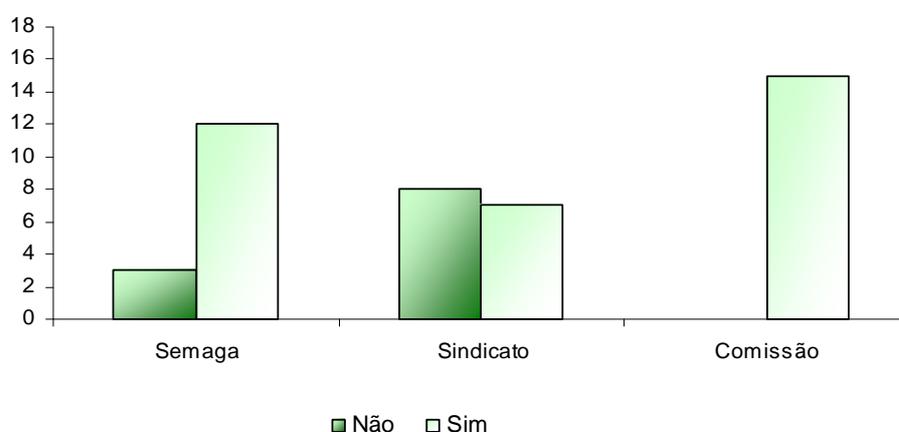


Gráfico 11 - Percentual sobre o reconhecimento da função dos órgão de gestão da feira “Manaus Moderna”.

Fonte: Pesquisa de campo, 2007.

4.1.2 A perspectiva futura da feira “Manaus Moderna”.

Ao caracterizarmos acima a relação entre o trabalhador da feira com o ambiente no cotidiano de trabalho à luz de sua história, percebemos em seu relato a esperança de dias melhores que nos trazem dados quantitativos e qualitativos que demonstram o que se imagina para este ambiente no futuro, quanto:

a) perspectivas futuras do ambiente da feira – observamos o desejo de reforma, não sendo de desconstrução total, mas de uma manutenção possível como pintura, limpeza e organização espacial do local (gráfico 12), que se destaca também no registro fotográfico-conforme figura 10-. E podemos observar no relato de um entrevistado

Se eles pudessem ao menos pintar isso aqui já taria bom. Acho que só falta os home lá decidi dar uma geral nisso aqui, limpar bem, ajeitar as cioisa que falta, se isso acontecer taria bom demais [...] (S.B.F, 60 anos, pescador)

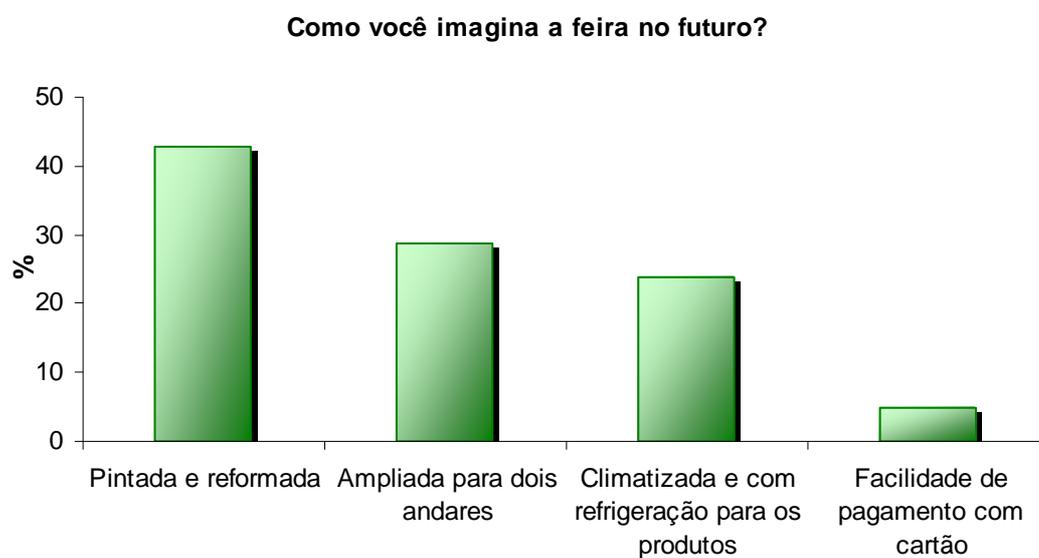


Gráfico 12 - Percentual sobre a Perspectiva futura da feira “Manaus Moderna”

Fonte: Pesquisa de Campo, 2007.



Figura 10 - Percepção do trabalhador da feira sobre a importância de pequenos reparos na feira.

Foto: E.S.F, 42 anos, produtos regionais.

b) perspectivas futuras do trabalhador da feira (gráfico 13) – observamos um desejo de melhorar a aparência física e o vestuário que se repetem nos relatos da maioria dos entrevistados

O feirante é corpo a corpo com o cliente, e se a gente não melhorar nosso físico não agüentamo o dia estressante que vem de ficar em pé aqui e também de ta sempre bem pro cliente, e olha que tem uns que reclamam. Lá [supermercado] o cliente reclama com a moça e as vezes o gerente aparece, aqui tudo é direto, nós não temos chance as vezes nem de lavar a mão e os cliente acham que somos sujos, se tivesse uma torneira aqui no boxe seria bom. A roupa da gente não tem nada a vê deveria ser uma bota, uma bata boa pro causa do calor aqui e tipo um gorro, tudo padrão, ia ficar bonito né.. (V.F., 38 anos, açougue)

Este resultado no mostra uma perspectiva do trabalhador da feira à luz da história de suas experiências perceptivas e emocionais, uma vez que “não agimos meramente como um aparelho perceptivo, existe sempre uma personalidade que experimenta a percepção. A percepção é sempre nosso próprio modo de perceber” (SHILDER, 1999. p. 12).

Assim, o trabalhador da feira ao figurar sua imagem mental hoje, se imagina no futuro com influências que se insere nas possibilidades de mudanças no seu ambiente de trabalho, afirmando em seu relato que quer estar em harmonia com o ambiente reformado, pintado bem estruturado.

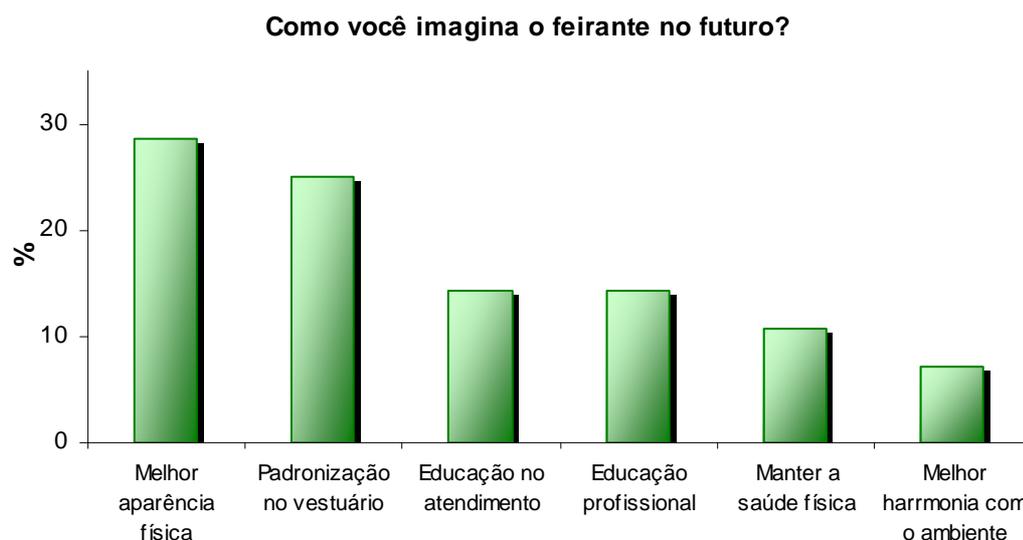


Gráfico 13 - Percentual sobre a Perspectiva futura da imagem do trabalhador da feira “Manaus Moderna”
 FONTE: Pesquisa de Campo, 2007.

Por isto, acreditamos que o trabalhador na construção da sua realidade social no cotidiano de trabalho nos revela por meio da percepção tanto de sua Imagem Corporal, como do ambiente recordando o passado e olhando para o futuro, a história de sua própria vida, o percurso de seu corpo nas relações interdependentes com o ambiente que o circunda. Estas relações com maior aprofundamento serão detalhada nos tópicos sobre Percepção Ambiental e Imagem Corporal que se inter-relacionam, nos sinais marcados ao longo da história da feira “Manaus Moderna”.

4.2 O ambiente da feira “Manaus Moderna” e o trabalhador da feira: a imagem corporal e a percepção ambiental

Ao objetivarmos descrever a Percepção Ambiental do trabalhador da feira sobre o ambiente da “Feira Manaus Moderna” e, identificar a Imagem Corporal deste trabalhador nas relações corpo/mente neste ambiente, nos direcionamos a seguinte questão norteadora: Como os trabalhadores da feira percebem o ambiente interno e externo e, sentem seu corpo nas relações cotidianas com o ambiente da “Feira Manaus Moderna”? Esta questão é primordial para o alcance de nosso objetivo final proposto, pois nos revela julgamentos, percepções, valores e sentimentos relatados pelo trabalhador da feira em suas relações interdependentes na realidade cotidiana de trabalho, descritos a seguir:

4.2.1 A Percepção Ambiental interna e externa da feira “Manaus Moderna”

- a percepção ambiental interna

A Feira Municipal Cel. Jorge Teixeira, mais conhecida como “Feira Manaus Moderna”, com área construída de 8.251,84 m², possui em seu ambiente interno uma construção caracterizada por divisão em setores, conforme quadro 2, com venda no atacado e varejo de diversos produtos. Os setores foram criados com divisões por cores, com o intuito de organizar os tipos de produtos comercializados. Contudo, por a feira hoje, se caracterizar com uma superlotação de seu espaço, esses setores foram ocupados independente do produto que o permissionário interessado pelo boxe pretende-se comercializar.

Considerando o quadro 2 abaixo, destacamos a quantidade e a localização dos boxes por cores, que representam no setor do pescado e açougue cento e sessenta (160) boxes, nos setores azul frança e verde folha trezentos (300) boxes; nos setores laranja, azul mar e amarelo trezentos e quarenta (340) boxes. Entre lanches, pedras e extras temos um total de cento e trinta e quatro (134) setores, além de seis (6) distribuídos entre as zonas leste, oeste e

central da feira e, mais recentemente um acréscimo 48 “feirinhas” criadas pela situação da reforma do Mercado Municipal na parte oeste e leste da feira.

Setores da feira	Quantidade	Tamanho	Localização por portão
Setor do pescado	102	2x1	Portão A
Setor do açougue	58	2x1	Portão A
Setor Azul França	96	2x2	Portão A e B
Setor Verde Folha	205	2x2	Portão B e C
Setor laranja	204	2x2	Portão C e D
Setor Azul Mar	96	2x2	Portão D e E
Setor Amarelo	40	2x2	Portão E e F
Setor de Lanches	31	3x3	Portão A frente para beira rio e também lanches à oeste e leste da feira.
Setor das pedras	17	3x5	C e D pela beira rio
Anexos Leste	12	3 x 3	Corredor ao leste no ambiente externo
Anexos Oeste	36	1,5 x 1,5	Corredor ao oeste da feira no ambiente externo
Extras	86	-	Extensão da feira
Banheiros	06	-	Setor azul mar, setor do pescado e açougue e externo ao leste da feira.

Quadro 2 - Divisão espacial interna da feira “Manaus Moderna” por setores.

FONTE: Pesquisa de Campo, 2007.

Tentamos sintetizar no quadro 3, o fluxo de funcionamento do espaço da feira “Manaus Moderna” na dinâmica sócio-econômica do ambiente da feira “Manaus Moderna”, considerada Central de abastecimento da cidade de Manaus, como estratégia de síntese sobre este complexo mosaico que constitui o ambiente da feira “Manaus Moderna”.

Tipo de serviço Geral por box ou banca	Hora	Dinâmica de compra do produto	Dinâmica de venda do produto	Produto de maior saída	Produto de menor saída	Transporte dos produtos
Pescado	3h às 17h30	4ª e 6ª	Sábado, domingo, feriado e 2ª pela tarde	Pirarucu, tambaqui e sardinha	Aruanã e carauaçu	Fluvial
Açougue	3h às 17h30	3ª e 5ª	6ª e sábado e as vezes no feriado	frango, carne suína, fígado e mocotó	Picadinho, vísceras, cabeça de boi e língua	Terrestre
Hortifrutigranjeiros	8h às 17h30	2ª feira	3ª, 6ª e sábado	cebola, tomate, batata, maçã e uva	chuchu e repolho roxo	Terrestre e Fluvial
Produtos regionais	3h às 17h30	3ª, 5ª e Sábado	5ª, 6ª e sábado.	Cheiro verde, cebolinha, banana maçã, pacovã, cará, farinha (do arini, branca e dágua), tapioca e couve	Quiabo, batata portuguesa, milho branco	Fluvial
Outros	8h às 17h30	Todo dia	Todo dia	Variado	Variado	Terrestre e Fluvial

Quadro 3 - Fluxo de funcionamento dos boxes, dinâmica de compra e venda e transporte dos produtos.

FONTE: Pesquisa de campo, 2007.

Seu funcionamento é basicamente 24h, em que de todos setores o do pescado e dos produtos regionais, são os que abrem cedo, a partir das 3 horas da manhã com fechamento às 17h30, isto se o produto não terminar logo. Os setores dos hortifrutigranjeiros e diversos (roupas, plantas medicinais, descartável etc.) costumam funcionar das 8h às 17h30, mas também dependem do fluxo dinâmico de compra e venda do dia. O tipo de transporte predominante para o fluxo de compra dos produtos é o fluvial.

Neste fluxo dinâmico característico do ambiente da feira “Manaus Moderna”, nos referimos ao que nos diz Tuan (1983, p. 6) quanto a topofilia, destacando que as atitudes e valores dadas ao ambiente ao nosso redor “começa como espaço indiferenciado [e] transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor.” E, que nos complementa Milton Santos (2004, p.160) “o espaço é que reúne a todos, com suas múltiplas possibilidades, que são possibilidades diferentes de uso do espaço (do território) relacionada com possibilidades diferentes de uso do tempo”.

Ao pensarmos no lugar em que o trabalhador passa a maioria do seu tempo, elaboramos perguntas referentes a percepção sobre este lugar que engloba itens sobre os aspectos da localização, quantidade e tamanho (tabela 1).

Observamos que dentre os 640 boxes, os localizados entre os portões “A” e “B” são os mais movimentados, justificados pelos próprios trabalhadores em seu relato sobre a localização de seus boxes, por estarem próximo do pescado e açougue, setor mais movimentado da feira.

devido ao mal planejamento da feira, nós ficamos muito distante da maior movimentação que é o setor do pescado, carnes e víceras. Este setor deveria ficar no meio da feira. E ainda foi distribuído os box e bancas por meio de politicagem e apadrinhamento e os que não tinham foi ficando para o fundo. (E.S.F, 42 anos, produtos regionais).

Conceito (%)	Definição
Localização	
Ótimo	13,3 Proximidade com o setor mais movimentado da feira (pescado), além da popularidade qualidade dos produtos.
Boa	53,4 Posição da banca em bom ponto estratégico para venda.
Regular	13,3 Posição menos estratégica para venda, mas necessária como local de trabalho.
Ruim	13,3 Distante de pontos estratégicos para venda. Aumento de temperatura.
Péssima	6,7 Ausência de planejamento na construção para uma feira coberta
Tamanho da banca ou box	
Bom	33,3 Adequação ao tamanho
Regular	20,0 Conformação com o tamanho
Ruim	20,0 Dimensão restrita para a quantidade de produtos expostos e pessoas trabalhando
Péssimo	26,7 Perspectiva de crescimento econômico limitado
Quantidade de Box e Bancas	
Ótimo	6,7 Oportuniza variedade de produtos e trabalho
Bom	40,0 Oferta de trabalho
Regular	33,3 Espaço reduzido, entretanto, oportuniza trabalho.
Ruim	13,3 Poluição sonora. Ausência de orientação no espaço da feira. Espaço reduzido
Péssimo	6,7 Espaço reduzido com dificuldades para armazenamento e expansão do negócio. Aspecto político como base para construção.

Tabela 1 - Análise do ambiente interno específico (box).

FONTE: Pesquisa de Campo. Dados analisados. 2007.

O tamanho dos boxes fazem relação com a quantidade dos mesmos, à medida que a percepção do trabalhador da feira revela a não oportunidade de ampliação do seu espaço de trabalho com perspectivas de ampliação do negócio, ao mesmo tempo, que percebem a importância da quantidade para a oferta de trabalho em nossa sociedade, como podemos perceber nos relato.

para minha demanda é muito pequena. Não tem como crescer assim. Todo comerciante procura progredir e nós feirante somos comerciante. Eu preciso de uma câmara frigorífica mais não tem espaço, como posso? Vem cobrar eles vem, mais ninguém junta pra vê a solução! (D.N, 40 anos, açougue)

Este fato é ressaltado na percepção ambiental dos trabalhadores quando lhes solicitado o registro de lugares da feira (figuras 11 e 12). Que demonstram o incômodo do espaço, tanto para o dia-dia de compra e venda, como para exposição adequada do produto.



Figura 11 - Percepção do trabalhador da feira sobre a dificuldade de passagem dentro dos boxes.

FONTE: V.F, 38 anos, açougue.



Figura 12 - Percepção do trabalhador da feira sobre o tamanho do box ser pequeno para variedade do produto.
FONTE: R.G.S., 46 anos, pescado

No gráfico 14 podemos observar que dentre os aspectos pesquisados sobre a infra-estrutura interna, especificamente os boxes que os trabalhadores da feira fazem valor de uso diariamente no cotidiano de trabalho, o que recebe melhor conceito é a localização (53,3%) recebem o conceito bom, por se localizarem neste mosaico de diferentes setores entre os mais movimentados da feira.

Em relação ao tamanho, vimos uma variância de conceito entre o bom (33,3%) e o péssimo (26,7%) e uma igualdade de opinião entre o regular e ruim que juntos formam 40% do total de entrevistados. Como também, destacaram uma certa dificuldade em relação à quantidade, ficando entre o conceito de bom (40%) e regular (33%).

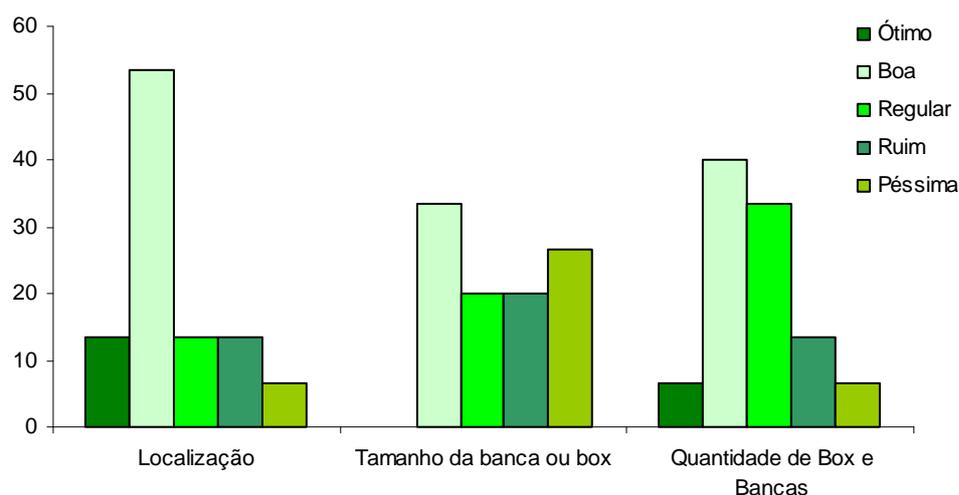


Gráfico 14 – Percentual sobre a Percepção Ambiental da infra-estrutura interna (box) em percentagem.

FONTE: Pesquisa de Campo. Dados analisados, 2007.

Ainda no pensar do espaço específico dos boxes, também perguntamos ao trabalhador da feira se ele gostaria de fazer alguma mudança no seu boxe- conforme roteiro de entrevista em apêndice 01. E, 60% dos entrevistados responderam que sim, sendo que dos quinze (15) entrevistados oito (8) já haviam feito reforma e, dez (10) gostariam de continuar, mas relatam a necessidade de crédito para fazê-lo, como também tentativa de economizar para reiniciar,

E importante salientar a iniciativa coletiva na reforma do boxe e do piso da feira por terem tido impressões de desprazer com piso, após terem o prazer de verem seu boxe reformado como nos relata

[...] fizemos umas benfeitorias de termos nos reunido neste corredor e colocamos cerâmica, tínhamos proposto colocar em toda feira, mas não foi possível por falta de dinheiro. Isto foi quando olhamos nossos boxes todo bonito e o piso não combinava. (E.S.F., 42 anos, produtos regionais)

Estas atitudes são reveladas por Okamoto (2002, p. 234) quando nos assinala sobre a percepção ambiental ser um instrumento de impressão importante nas relações com o ambiente:

toda percepção consciente envolve um sentimento chamado *impressão*, fornecida pelo complexo límbico. Quando temos a impressão de prazer, tornamo-nos, conscientes do fato ou evento que a causou. Se impressão é de dor ou desprazer, evitamos torná-la consciente. Se indiferente, nem a enxergamos [...].

Ainda ao pensarmos no espaço interno, destacamos as relações de entrada e saída do ambiente mediante o fluxo dinâmico, tanto de pessoas, quanto de produtos.

Conceito (%)	Definição
Portões	
Ótimo	40,0 Tamanho favorável a entrada e saída de produtos e pessoas
Bom	13,3 Favorece a entrada e saída por ambos os lados da rua.
Regular	40,0 Dificulta a segurança em razão de muitos portões.
Ruim	6,7 Dificulta a venda com o fechamento dos portões.
Corredores	
Péssimo	66,7 Dificulta a circulação de ar desfavorável para o fluxo dinâmico de pessoas no ambiente da feira é, escuro.
Ruim	33,3 Estreito para o fluxo dinâmico de pessoas no ambiente da feira.
Piso	
Bom	33,3 Favorável ao tipo de material utilizado somente nos corredores do setor do peixe, carne e víscera
Regular	26,7 Esteticamente feio
Péssimo	40,0 Favorece o acúmulo de sujeira e oportuniza o desequilíbrio dos clientes ao percorrer o corredor
Paredes com grade	
Ótimo	6,7 Oferece segurança e oportuniza exposição de produtos pra venda.
Bom	33,2 Oferece segurança
Regular	26,7 Oportuniza a venda neste espaço, entretanto, prejudica a entrada de ar no ambiente.
Péssimo	33,4 Dificulta circulação de ar no ambiente com a exposição de produtos
Iluminação	
Péssima	40,0 Ineficácia na sua função de clarear a feira. Aumento da temperatura no ambiente da feira. Ausência de manutenção.
Regular	20,0 Ausência de manutenção
Ruim	40,0 Aumento da temperatura na feira e ausência de manutenção
Cobertura	
Ruim	53,3 Estrutura baixa sem alternativa para ventilação
Péssima	46,7 Estrutura inadequada tanto para a circulação de ar quanto para a iluminação do ambiente.
Ventilação	
Péssimo	100 Ausência de manutenção dos exaustores com precariedade de circulação de ar no ambiente da feira. Dificulta a busca da qualidade de vida dos feirantes.
Banheiros	
Bom	33,3 Senso de responsabilidade no serviço prestado. Presença de Conservação somente nos localizado no meio da feira, com ressalva para os dos
Regular	33,3 homens
Ruim	33,3 Ausência de responsabilidade e atitude para conservação do banheiro público.

Tabela 2 – Análise do ambiente interno geral da feira “Manaus Moderna”.

FONTE: Pesquisa de Campo. Dados analisados, 2007.

Assim, para uma compreensão geral dos dados da tabela 2 acima, discorreremos os principais pontos revelados pela percepção dos trabalhadores da feira sobre os aspectos a seguir:

a) Portões – foram conceituados entre ótimo (40%) e regular (40%) apresentando uma desarmonia sobre este espaço, uma vez que, ao mesmo tempo que é conceituado como espaçoso e seguro, também o é conceituado como inseguro por se ter uma grande quantidade de entrada e saída, como nos relatam os diálogos à vista destas respostas.

São várias opções para entrar e sair né! Não precisa tó vim lá do começo pra sair ou entrar. E pros carregadores eles também podem escolher melhor né! Pra todo mundo fica bom né! Agora que tão fechando vai ficar mais seguro. Tá ótimo. (T.S.B, 50 anos, diversos)

b) Corredores - dentre os aspectos investigados este é destacado com o conceito péssimo mais elevado (66,7%), gráfico 15a, por ser escuro, estreito e calor excessivo, como bem nos relata

É quente demais! Muito estreito, de início era bom agora é péssimo o feirante não tem limite de espaço, o ideal do corredor era como foi feito para o consumidor, mas pela quantidade de mercadoria que afeira recebe o poder público teve que abrir exceção para se expor a mercadoria e prejudicou o passeio interno da feira. (E. S.F., 42 anos produtos regionais)

Observamos nesta relação o que nos revela Ferrara (1999, p. 153) que “usos e hábitos constituem a manifestação concreta do lugar urbano, na mesma medida em que o lugar é manifestação concreta do espaço”.

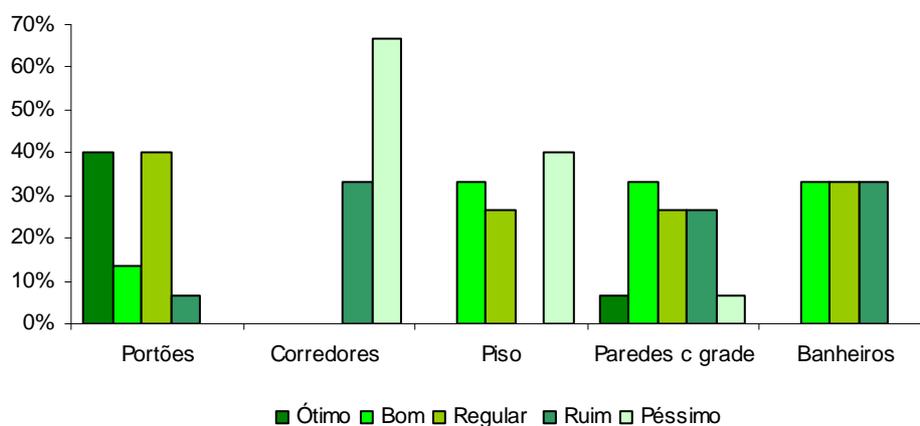


Gráfico 15 – Percentual sobre a Percepção Ambiental da infra-estrutura interna geral em porcentagem (%).

FONTE: Pesquisa de Campo. Dados analisados. 2007.

c) Piso – é conceituado entre bom (33,3%) e péssimo (40%) à medida que houve uma reforma no piso do setor do pescado e açougue - este motivo levou ao percentual de bom para os que ali trabalham - e, péssimo para os que trabalham nos outros setores que revelam a preocupação com a segurança dos que transitam e a limpeza com maior eficiência neste local.

deveria ser um material mais adequado pra feira e desde a construção não houve nenhuma reforma aqui pra esse lado, só do lado dos colega de lá do pescado e de um pessoal que colocou cerâmica, mais não dá certo aqui, tem muito produto pesado sendo descarregado, quebra com o peso e também escorrega. Acho que o material lá da feira dali da colônia é bom. Só sei que tem que mudar, dá uma impressão de desleixo e sujo muito ruim. (R.I.M., 54 anos, hortifrutigranjeiros)

O piso da feira “Manaus Moderna” no geral é uma mistura de cimento com seixo, mas por terem tido uma preocupação especial com esta parte da feira – questão tanto de segurança, quanto de limpeza no lugar-, se buscou algumas soluções tais como: a colocação do piso especial no setor de pescado patrocinado por políticos e, a iniciativa de colocar cerâmica por parte de alguns trabalhadores da feira que se uniram e mudaram parte do corredor do setor amarelo.

Estes elemento do espaço da feira (corredor e piso) fazem relação com os aspectos sobre o tamanho e quantidade de boxes já mencionados pelos trabalhadores da feira como à medida que juntos promovem dificuldades para o aumento do negócio, ao mesmo tempo que, para o fluxo dinâmico de pessoas e produtos que se conjugam para realização plena do comércio.

d) Parede – conceituada como boa (33,2%) dos entrevistados. Apresenta-se com diferenças de opiniões entre todos os graus e conceitos por motivos variados, sendo ótimo (6,7%) e ruim (6,7%) por depender da localização da banca, pois favorece a exposição do produto, ao mesmo tempo que favorece o aumento da temperatura. E, péssimo (26,7%) e

regular (26,7%) por um perceber calor excessivo e outro pela oportunidade de venda também neste espaço.

e) Banheiro – é conceituado entre três dos cinco conceitos apresentados, que foram bom (33,3%), regular (33,3%) e ruim (33,3%). Este aspecto do espaço da feira “Manaus Moderna” é bem peculiar, pois em sua divisão espacial (quadro 3) os banheiros se localizam no centro, e nas zonas oeste e leste.

Este é o motivo de respostas diferenciadas, pois cada banheiro têm um trabalhador da feira responsável pelos cuidados neste ambiente, sendo o serviço pago pelos próprios trabalhadores da feira.

f) Ventilação (circulação de ar) - entre todos os aspectos apresentados tanto sobre o ambiente interno quanto sobre o ambiente externo conceituados pelos trabalhadores da feira, este foi definido com o conceito péssimo (100%) (gráfico 16).

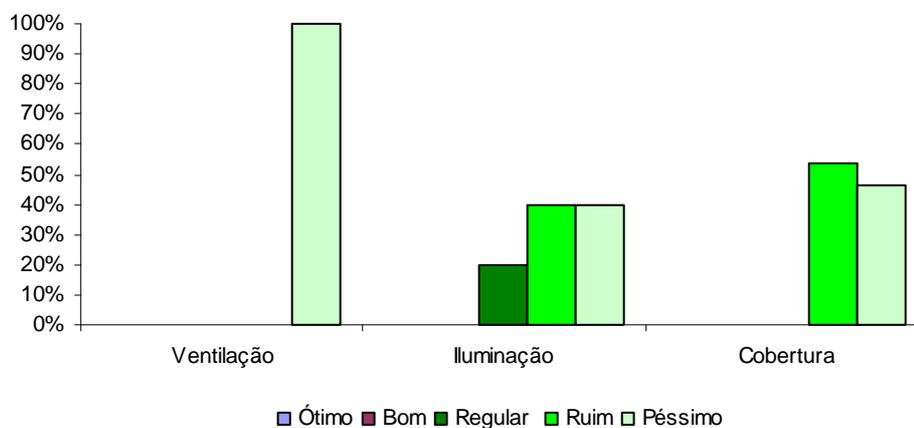


Gráfico 16 – Percentual sobre a Percepção Ambiental da infra-estrutura interna geral em porcentagem (%).

FONTE: Pesquisa de Campo. Dados analisados. 2007

Os trabalhadores da feira justificam este conceito à medida que sentem o calor excessivo, como decorrência do tipo de construção planejada e a não funcionalidade dos

exaustores instalados, além da ausência de manutenção geral dos mesmos como nos mostram em seus registros fotográficos (figura 13) e relatam

o teto é muito baixo e fechado, foi tudo mal construído isso aí. E os ventilador do teto ainda não fucionam. A gente sofre muito aqui, só olham o ruim da sujeira no chão e nem olham pra cima. Fico doente de tanta quentura. (S.O.P, 70 anos, pescador)



Figura 13 - Percepção do trabalhador da feira sobre a ausência de circulação de ar na feira

FONTE: D.N, 41 anos, açougue.

É notória na interpretação de todos os relatos e fotos registrados pelos entrevistados a percepção dos trabalhadores de que a construção fora realizada sem se pensar nos benefícios de a mesma se localizar a beira rio.

Por se repetir 100% em todas as respostas, vimos uma tomada de consciência sobre o espaço, à medida que o trabalhador da feira revela seu interesse na busca de melhorias desta situação.

Neste sentido, Faggionato (2006) nos assinala que a percepção ambiental pode ser definida como sendo uma tomada de consciência do ambiente pelo homem, ou seja, o ato de perceber o ambiente que se está inserido, aprendendo a proteger e a cuidar do mesmo.

g) Iluminação e energia – esta questão espacial na feira é percebida pelo feirante entre péssima (40%) e ruim (40%) por ser ineficaz em sua função de clarear e não ter manutenção planejada. Em decorrência de só funcionar as luzes da feira no final da tarde, obriga com isto o acendimento de lâmpadas nos boxes que ao mesmo tempo precisa iluminar os produtos e contrário a isto, favorece o aumento da temperatura no ambiente.

A energia aqui dentro da feira é muito ruim, a maioria é puxada né e quando dá problema [problema] é o dia todo pra resolver. (T.S.B, 50 anos, diversos)

Salientamos esta questão quanto ao pronunciamento indireto dos feirantes no aspecto da energia reforçando como parte do sistema infra-estrutural da feira de extrema urgência a ser melhorado por os fios serem frágeis e haver ligações ilícitas em todo o ambiente, ocorrendo até incêndios, devido esta situação.

h) Cobertura - apresenta-se com divisões de percepções entre os conceitos péssimo (46,7%) e ruim (53,3%). Este aspecto culmina com as percepções sobre a ventilação acima detalhada, uma vez que nos relatos dos entrevistados os mesmos fazem referência a esta como consequência, entretanto, ressaltam, que o material do telhado é bom.

- a percepção ambiental geral

Salientamos que ao abordarmos as percepções, valores e sentimentos quanto ao ambiente geral da feira “Manaus Moderna”, os trabalhadores da feira relatam seus conceitos sobre as questões que serão descritas abaixo, com muito interesse e, conseqüentemente detalhes em suas respostas (tabela 3)

Conceito (%)	Definição
Estacionamento	
Ruim 26,7	Ausência de segurança e pequeno espaço para o fluxo dinâmico de veículos ao redor da feira.
Péssima 73,3	Dificuldade de estacionar e declaração de ausência de solução do poder público quanto a.
Segurança	
regular 53,3	Ausência de segurança no ambiente externo à feira
Ruim 20	Descontentamento do serviço particular de segurança prestado na feira.
Péssimo 26,7	Descontentamento com o poder público pela não ação contra a violência, prostituição e tráfico existente ao redor do ambiente.
Primeiros Socorros - Posto de Saúde	
Ruim 20,0	Preocupação com a inexistência do serviço
Péssimo 80,0	Sem esperança de possibilidades de melhorias do serviço.
Água	
ótimo 6,7	Qualidade ótima e servi para uma variedade de ações
Bom 53,3	Qualidade boa por ser de poço
Regular 26,7	Ausência de manutenção no local.
Ruim 13,3	Dificuldade de acesso para o uso
Lixo e Limpeza	
Ruim 60	Existência de limpeza diária com precariedade de funcionários e qualidade não muito boa. Lixeiras só na parte externa da feira.
Péssimo 40,0	Inexistência de limpeza com planejamento inadequado à realidade de uma feira. Ausência de lixeiras
Esgoto	
Ruim 60,0	Precária existência de tratamento de limpeza
Péssimo 40,0	Completa inexistência de tratamento de limpeza.

Tabela 3 – Análise do ambiente externo da feira “Manaus Moderna”

FONTE: Pesquisa de Campo. Dados analisados, 2007

a) Estacionamento - é um ponto da percepção dos trabalhadores conceituado como péssimo (73,3%) no gráfico17. Sendo àquele conceito destacado, pela repulsa ao poder público tanto por não solucionar o problema aos redores do ambiente urbano, quanto pela inadequada estrutura e ausência de segurança no ambiente do estacionamento da feira “Manaus Moderna”. O conceito ruim (26,7%) reforça o ponto da inadequada estrutura do estacionamento.

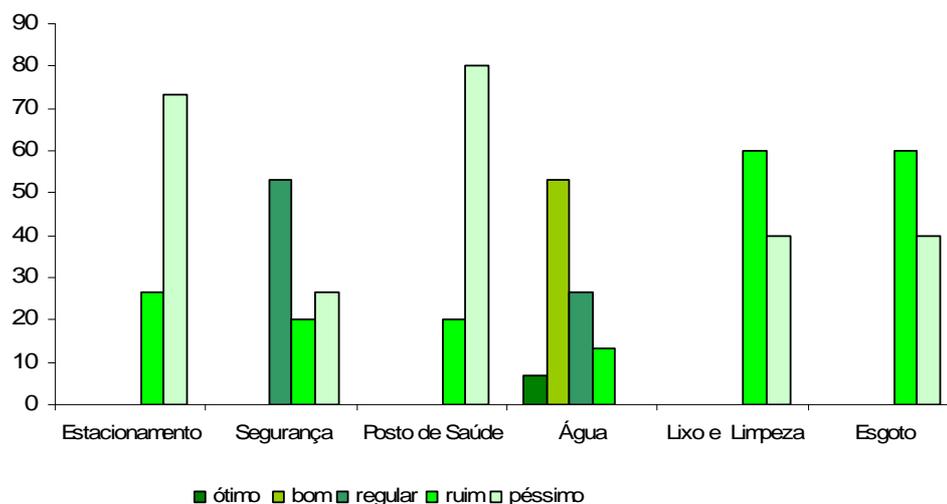


Gráfico 17 - Percentual sobre a Percepção Ambiental da infra-estrutura externa em porcentagem (%).

FONTE: Pesquisa de Campo. Dados analisados. 2007

Este elemento espacial entrelaça as relações existentes tanto em âmbito interno quanto externo, que permeiam, consumidor, trabalhador da feira, *flanelinha*¹⁷, dentre outros, que participam do fluxo sócio-econômico, ecológico, político, social e cultural da realidade do cotidiano neste ambiente, como nos faz pensar o relato

é outro setor que se existir aí uma resposta pior que péssimo eu colocaria, é muito ruim pro fornecedor, pra gente e pro cliente que além de ser obrigado a pagar o “flanelinha” eles não tem segurança nenhuma, riscam o carro quando não roubam mercadoria, a gente não pode confiar. Existe um lá pra banda da feira da banana, pra todos, mais fica longe demais. É por isso que eu digo que é um terror! (F.P., 40 anos, diversos)

b) Segurança - conceituada entre os conceitos de péssimo (26,7%) ruim (20%) e regular (53,3%). É um elemento percebido pelos trabalhadores da feira que já passou por mudanças, como colocação de cadeado nos portões e contratação de vigias.

No entanto, é ressaltada como um ponto difícil de se resolver no ambiente externo que se encontram também mercadorias como a manga e melancia, sendo destacada por duas

¹⁷ Um neologismo que não se sabe ao certo sua origem, mas que é uma maneira de chamar as pessoas que “guardam carro” nas ruas da cidade de Manaus.

razões bem opostas: o prazer e o medo, a antítese revelada por Tuan (1980) em sua proposta sobre apreciação do lugar (figura 14).

c) Posto de saúde - conceituado como péssimo (80%) por não existir uma enfermeira no posto construído para o atendimento de primeiros socorros aos trabalhadores da feira, bem ao lado leste da feira “Manaus Moderna”.

já vi muitos corte do colega, as vezes grave e só tem posto funcionado lá na colônia. Devia funcionar esse daqui né. Acho que é importante a gente abrir de novo aquele posto ali de fora né. (S.O.P, 70 anos, pescado)

d) Água - conceituada como boa (53,3%) sendo um aspecto de característica contraditória, já que é de boa qualidade por ser de poço, mas ruim para todos os entrevistados quando nos relatos revelam a dificuldade de acesso por não ter canalização em seus boxes para diretamente usufruí-la.



Figura 14 - Percepção do trabalhador da feira sobre a ausência de segurança quanto ao produto nas pedras.

FONTE: R.G.S., 46 anos, pescado.

e) Esgoto - conceituado entre péssimo (40%) e ruim (60%), em decorrência da irregularidade da sua manutenção. Como nos relata os trabalhadores da feira

f) Lixo e Limpeza - o trabalhador da feira percebe este aspecto como ruim (60%) e péssimo (40%), a justificativa da escolha do conceito ruim como predominante é por perceberem no seu ambiente interno de trabalho a limpeza diária (varredura dos corredores) e, no ambiente externo a coleta do lixo todos os dias, como nos relata.

A gente procura sempre limpar né. A gente joga o lixo aí na frente que eles sempre passam pra limpar, meu lixo é pouco eles já limpam quando varrem, a gente limpa mais quando chega mercadoria só dá pra limpar depois. O espaço é pequeno pra ficar passando a mercadoria para um lado e outro pra limpar né. A gente puxa o que tá sujo eles limpam a sujeira com a vassoura todo dia [...] (I.F.S, 60 anos, produtos regionais).

Ressaltamos que nas informações reveladas pelos trabalhadores da feira percebemos discursos que são a reprodução daquilo que o mesmo faz *uso*¹⁸ na realidade do seu cotidiano de trabalho. Como na atitude de expor o lixo do seu box no corredor à frente do mesmo, que posteriormente são varridos pelos funcionários da limpeza interna (contratados pela Comissão Gestora) e recolhidos pelos funcionários da limpeza pública (Secretária Municipal de Limpeza e Serviços Públicos - SEMULSP).

Salientamos esta situação, por termos observado que, mesmo sendo um dos deveres do trabalhador da feira, segundo a Lei nº 123 Art. 32, inciso IV quando diz que é dever do permissionário (aqui trabalhador da feira) “usar, no interior de sua banca ou box, recipiente para coleta de lixo em tamanho suficiente para acondicionamento dos dejetos que seu comércio vier a produzir”. Pouquíssimos boxes possuem lixeiras, como reforça o relato do presidente da Comissão Gestora da feira.

¹⁸ O termo *uso* aqui colocado é no sentido do proposto por Ferrara (1999, p.21) como modo de reconhecimento ambiental e a lembrança que dele conserva é, antes de tudo, uma predicação do ambiente, que quando conservada substitui o próprio espaço e confere ao uso um caráter de permanência cotidiana e rotineira.

Existe um trabalho para incentivar a limpeza, fazemos campanha a mais de anos, pedimos para colocarem lixeiras, mais menos de 30% adotaram e faltam muito às reuniões, e é lá onde decidimos as soluções dos problemas aqui, principalmente da limpeza e segurança [...] (M.R, presidente da Comissão Gestora da feira “Manaus Moderna” entrevistado em 13/09/07)

Assim, este aspecto da percepção ambiental geral analisada, nos remete à literatura sobre esta temática quando nos coloca os usos e hábitos como signos do lugar, à medida que “o hábito envolve o uso, que se transforma em usança e condiciona a habitabilidade urbana” (FERRARA , 1999, p. 21).

A limpeza e a destinação do lixo na feira “Manaus Moderna” tem sido um tema muito delicado no cotidiano dos trabalhadores da feira, já que tem sido alvo de críticas e poucas soluções por todas as partes envolvidas: SEMAGA, Comissão Gestora e Permissionário e, até dos consumidores, como nos ressalta as reportagem do Jornal Diário do Amazonas datado em 03 de outubro de 2007.(ver anexo 02).

Este documento trata em linhas gerais de uma matéria vinculada pelo Jornal Diário do Amazonas, datado em 03 de outubro de 2007, com o título “Feiras de Manaus são caso de saúde pública”. Esta matéria traz uma discussão entre pessoas responsáveis por órgão do poder público de nossa cidade, SEMAGA e, CVisa (Coordenadoria de Vigilância em saúde de Manaus) que revelam como meio de fonte de evidência à nossa pesquisa, um cenário turbulento de manifestações e poucas soluções.

Os órgãos públicos citados justificam a ausência de ações quanto a problemática da limpeza neste ambiente, sem nenhuma declaração de que tomariam alguma ação, afirmando que não é de responsabilidade das suas funções, este tipo de situação precária a que nos informa a reportagem, como podemos observar nas transcrições abaixo

[...] as condições da feira são assim desde muito tempo, é um problema de cultura A ingerência da Semaga acaba na comissão gestora [...] (F.A, 03.10.07 SEMAGA, entrevista cedida ao Jornal Diário do Amazonas)

[...] é a Semaga que deve fiscalizar [...] nós (da CVisa) não liberamos licença para camelô e feirante porque sabemos que eles não têm condições de cumprir [...] o que podemos fazer é apreender os produtos que colocam em risco a saúde, mas interditar, não cabe a nós. (D.B 03.10.07. C.Visa, entrevista cedida ao Jornal Diário do Amazonas).

[...] na feira da “Manaus Moderna”, ratos disputavam espaço numa balança usada para pesar os alimentos vendidos aos consumidores. No setor de pescado, um feirante colocou um pirarucu numa vala por onde escorre a água suja e ainda pôs os pés sobre o pescado, enquanto trabalhava. Nos boxes de venda de legumes e verduras, as baratas passam sobre os produtos. (reportagem da página Cidade e capa do Jornal Diário do Amazonas, datado em 03/10/07).

Neste cenário é enfatizado (por culminar com o propósito final de relacionar pontos relevantes para melhorias do ambiente da feira “Manaus Moderna”) é possível de observar pelos registros fotográficos (figuras 15 e 16) e pelos relatos da entrevista já mencionados acima. Fizemos uso de mais esta fonte de evidência por ser um documento fidedigno e que retrata a realidade da vida cotidiana do urbano do lugar feira “Manaus Moderna”.



Figura 15 - Percepção do trabalhador da feira para que se discuta a melhor maneira para coleta de lixo na feira.
FONTE: E.S.F, 42 anos, produtos regionais



Figura 16 - Percepção do trabalhador da feira sobre o mal-cheiro do lixo no ambiente externo.
FONTE: T.S.B, 50 anos, diversos.

Faggionato (2003) acrescenta ainda que a percepção ambiental nos possibilita a compreensão das expectativas, satisfações e insatisfações, julgamentos e condutas entre o homem e o ambiente. Desta forma, a percepção torna-se de grande importância para o planejamento do ambiente.

4.2.2 A Imagem Corporal do trabalhador da feira nas relações com o ambiente da feira “Manaus Moderna”.

Ao compreendermos que a Imagem Corporal pressuposta por Shilder (1999, p. 336) na perspectiva social, é nossa própria imagem corporal que não é possível sem as imagens corporais do outros. Por isto, inserimos esta teoria com uma perspectiva transdisciplinar que solicita um olhar amplo e longe de dualismos em sua abordagem na realidade do cotidiano que à inserimos.

É importante ressaltar que os elementos da aptidão física, aparência física, saúde física e das relações sócio-culturais aqui selecionados, serão conceituados pela percepção e sentimento do trabalhador da feira à medida que sua Imagem Corporal a identificará após o grau de satisfação ou insatisfação com uma justificativa do por quê deste sentimento.

Esta estratégia de saber o empirismo desses elementos à luz dos próprios sujeitos da pesquisa se justifica, por ressaltarmos a representação do modo como o corpo do trabalhador se apresenta no aqui e agora do contato corporal consigo, com os outros e o mundo ao seu redor, formada em sua mente, isto é, sua Imagem Corporal naquele contato corporal com o ambiente externo (do aqui e agora).

Assim, apresentamos os dados analisados e interpretados da Imagem Corporal do trabalhador da feira mediante quatro aspectos gerais tematizados em nível de satisfação e insatisfação que foram:

1. aptidão física – mostra maior grau de satisfação, a habilidade motora (100%) e força física (60%) e, grau de insatisfação a Resistência Muscular (60%) e Flexibilidade (60%), sendo a velocidade com (53,3%) de insatisfação e (46,7%) de satisfação (tabela 4) .

Conceito	(%)	Definição
Força Física		
Satisfeito	60,0	Força Muscular percebida como essencial para execução das tarefas motoras no cotidiano de trabalho no ambiente da feira.
Insatisfeito	40,0	Força Muscular percebida com energia limitada para execução das tarefas motoras no cotidiano de trabalho no ambiente da feira
Resistência Muscular		
Satisfeito	26,7	Resistência Muscular sentida como adequada ao cotidiano de trabalho
Insatisfeito	73,3	Resistência Muscular sentida enfraquecida pela fadiga do cotidiano de trabalho
Deslocamento Rápido (Velocidade)		
Satisfeito	46,7	Velocidade de ação percebida como essencial para execução das tarefas motoras no cotidiano do ambiente da feira
Insatisfeito	53,3	Velocidade de ação percebida com dificuldade para execução das tarefas motoras no cotidiano de trabalho na feira.
Flexibilidade (Abaixar-se e Levantar-se)		
Satisfeito	26,7	Flexibilidade corporal sentida como adequada e como profilaxia à lesões no cotidiano do ambiente da feira.
Insatisfeito	73,3	Flexibilidade corporal sentida com amplitude limitada no cotidiano de trabalho no ambiente da feira.
Habilidade Motora Grossa e fina		
Satisfeito	100	Habilidade motora adequada no controle dos pequenos e grandes músculos no cotidiano de trabalho no ambiente da feira.
Insatisfeito	-	

Tabela 4 - Análise da aptidão física da Imagem Corporal em graus de satisfação à insatisfação.

FONTE: Pesquisa de Campo, 2007.

No contexto da aptidão física aqui pensada à luz da Imagem Corporal, já que investigamos sentimentos percebidos pelo trabalhador da feira quanto aos elementos da aptidão física e, não avaliações e medições desses elementos. Iniciamos a transcrição dos dados com um breve conceito apontado por Guiseline (*apud* Guiselini 2004, p. 36) sobre aptidão física inserida no âmbito do bem-estar como:

um estado dinâmico de energia e vitalidade que permite a cada um não apenas a realização das tarefas do cotidiano, das ocupações ativas das horas de lazer e enfrentar emergências imprevisíveis sem fadiga excessiva, mas também evitar o aparecimento das disfunções hipocinéticas, enquanto funcionando no pico da capacidade intelectual e sentindo uma alegria de viver”

Posto isto, analisemos os dados encontrados sob o foco da percepção do próprio corpo quanto a este “estado dinâmico de energia” não somente quando realiza suas tarefas diárias enquanto trabalhador da feira que faz uso de valor de seu corpo, mas também a percepção de si mesmo quanto ao funcionamento de suas capacidades nesta realização. Destacamos os dados relatados por nossos entrevistados dos seguintes elementos:

a) Força Física- apresentadas como essencial à execução das tarefas realizadas no cotidiano, como nos relata

devido eu não pensar no físico, no meu corpo, hoje eu adquiri uma hérnia de disco que só com a hidroginástica é que tem melhorado, muitos de meus colegas sentem dores na costa, mas dizem não ter tempo para isso, um dia eles vão reparar a importância e aí vai ser tarde demais.(E.S.F., 42 anos, produtos regionais)

b) Resistência Muscular- percebemos uma Imagem Corporal Fisiológica mediada na fadiga do cotidiano como hábito na realização da tarefa, em contraponto a ação mediada pelo se movimentar com prazer, como nos relata

Não aguento mais como antes não dói minhas costela e minhas perna as veis dá choque sabe, não tenho resistência mais nos meus músculos, tá difícil. (S.B.I., 60 anos, produtos regionais)

c) Velocidade - apresentada como uma Imagem Corporal com ênfase no âmbito fisiológico que necessita dessa capacidade no cotidiano e a possui com ações satisfatórias na realização da mesma

Aqui nós temos que ser bastante ágil. É tipo "dê flash", se joga na defesa, no meio campo e no ataque. Chega mercadoria de três locais diferentes e tem que receber, mais cliente, mais pagamento... de manhã é uma adrenalina total aqui. (D.N. 41 anos, açougue)

d) Flexibilidade - apresentada com uma Imagem Corporal que se limita na amplitude de seus movimentos, por caracterizar dor, como nos relata

muito do pegar e alevantar dói os osso não aguento, o pior é que não pode sentar e não tem onde sentar e quando a gente senta em cima da banca eles tão de olho.e minhas perna dói muito, sinto muita dor, são mais de 14 horas né. Chego aqui às 3horas e saio depois das 17horas. (R.G.S, 46 anos, pescado)

e) Habilidade - figurada como de todas os elementos apresentados anteriormente a Imagem Corporal com mais alto grau de satisfação (gráfico 18) percebida e realizada com maestria em suas ações diárias, à medida que se estruturou na experiência existencial consigo e com os outros na realização das tarefas diárias com energia equilibrada e portanto, satisfatória.

primeiro tiro a escama, tico, corto a aba, tiro o bucho e se o freguês pedi eu corto em pedaço, tudo rapidinho. O freguês leva tudo no jeito. (S.O.P., 70 anos, pescado)

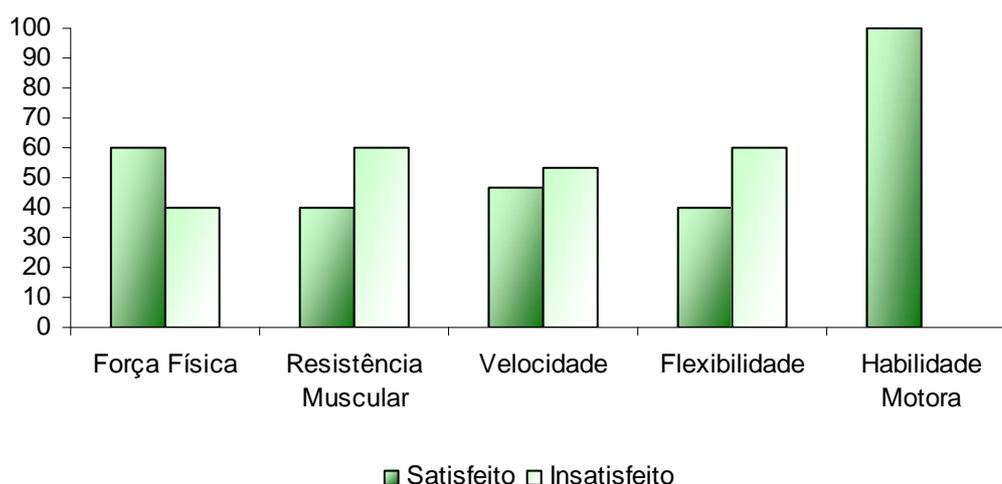


Gráfico 18 - Percentual sobre a Imagem Corporal geral dos trabalhadores da feira quanto a aptidão física em porcentagem.

FONTE: Pesquisa de Campo, 2007.

Observamos nos relatos e resultados expostos acima uma figuração do corpo dos trabalhadores da feira em relação a força física, resistência muscular e flexibilidade, mediada por sensações que vem dos músculos e seus invólucros, indicando sua deformação por meio da dor, simbolizada pelo grau de insatisfação com o próprio corpo na execução de tarefas diárias que necessitam do corpo com aptidão física, pensada como o “estado dinâmico e de vitalidade” (Guisseline, *ibidem*) para sua subsistência no cotidiano de trabalho.

2. aparência física - neste elemento destacam um nível de insatisfação com uniforme (66,7%), peso corporal (66,7%) postura (66,7%). E, satisfação quanto ao cabelo (73,3 %) e unha (100%). Tendo um certo equilíbrio entre satisfação (46,7%) e insatisfação (53,3%) com o elemento corporal sentido, o dente (tabela 5).

Para Shilder (1999) a beleza é um fenômeno social. O corpo humano, seu modelo postural, é o primeiro objeto das artes plásticas e da pintura. O objeto belo provoca os impulsos sexuais sem satisfazê-los, mas ao mesmo tempo permite que todos desfrutem dele (p. 335)

Conceito	(%)	Definição
Cabelo		
Satisfeito	73,3	auto-imagem positiva com atitudes de cuidados permanentes
Insatisfeito	26,7	auto-imagem negativa com ausência de atitude pra se cuidar.
Unha		
Satisfeito	100	auto-imagem positiva com atitudes de cuidados permanentes
Insatisfeito	-	
Dente		
Satisfeito	46,7	auto-confiança ao sorrir e com perspectiva de manter o cuidado.
Insatisfeito	53,3	Baixa auto-confiança a sorrir, mas com tratamentos iniciados.
Tipo de Uniforme usado		
Satisfeito	33,3	auto-imagem positiva por ser por identificar o feirante no ambiente de trabalho.
Insatisfeito	66,7	Auto-Imagem negativa por ser desconfortável e desfavorável ao clima no ambiente da feira.
Peso		
Satisfeito	20,0	auto-estima quanto ao peso corporal com atitudes de transformação.
Insatisfeito	66,6	Baixa auto-estima quanto ao peso corporal com vontade de mudança.
Tanto faz	13,3	baixa auto estima quanto ao peso corporal sem atitude para mudança.
Postura		
Satisfeito	13,3	auto-imagem positiva com atitudes de mudança ao sinal de dor.
Insatisfeito	66,7	auto-imagem negativa com Identificação de problemas na coluna e desconforto na execução das tarefas do cotidiano no ambiente da feira.
Tanto Faz	20,0	Negligência da dor no corpo.

Tabela 5 - Análise da aparência física da Imagem Corporal em graus de satisfação à insatisfação.

FONTE: Pesquisa de Campo. Dados analisados, 2007.

Neste sentido, investigamos a Imagem Corporal do trabalhador da feira à luz do contexto libidinal proposto por Shilder (1999) apud Tavares (2003) quando nos revela a

perspectiva do corpo existencial, afirmando que o que acontece no corpo é o que conta – o que internalizamos (representamos em imagens mentais) são nossas sensações corporais advindas de nossa relação com o mundo.

Posto isto, pressupomos a Imagem Corporal libidinal do trabalhador da feira no relacionar dos elementos (gráfico 19), abordados a seguir:

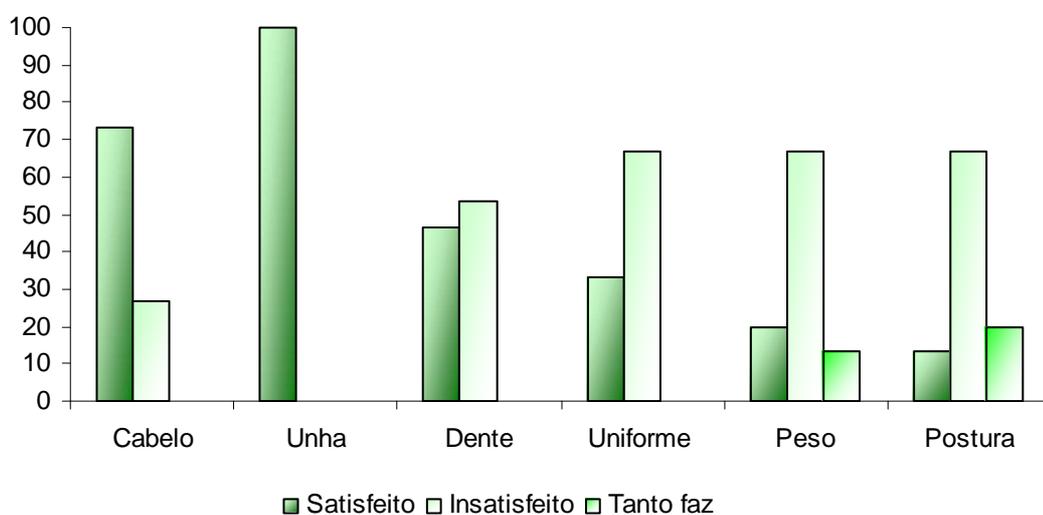


Gráfico 19 - Percentual sobre a Imagem Corporal dos trabalhadores da feira no aspecto da aparência física em porcentagem

FONTE: Pesquisa de Campo, 2007.

a) cabelo, unha e dente – que apresentaram uma atitude positiva com os cuidados do cabelo e unha. Entretanto com os dentes observamos um cuidado um tanto tardio, mais que refletem um grau de satisfação com esta parte do corpo, como nos relata

a gente tem que zelar pois a gente trabalha direto e quase não tem tempo de cuidar, a higiene começa pela gente né. Com agente mermo e com a mercadoria, a gente coloca numa caixa pra não pegar direto no chão né e também cuidar do nosso cabelo e unha né. (R.G.S, 46 anos, pescador)

b) Uniforme, peso e postura – apresentam uma Imagem Corporal em relação ao uniforme com repúdio, quanto ao peso medem as consequências a este fato pelo que come, mas em sua maioria não possuem atitudes para mudanças e, em relação à postura percebem os transtornos posturais, no entanto, inserem nas condições impróprias do ambiente de trabalho a razão da sua insatisfação, como podemos observar nos relatos

é muito quente aqui na feira e esse pano coça na gente e aperta. a bata é melhor e solta mais é padrão a gente tem que usar. E atraí né, aquele cara ali tá bem ajeitadinho, não podemos viver sem camisa na banca, a senhora sabe que o ignorante é apior coisa que tem. eles exige e tão certo nessa parte, eu concordo com eles, só que o pano é ruim como é quente gosto de minha sandália (I.F.S., 60 anos, produtos regionais)

eu tou lutando pra emagrecer mais né! Aqui a gente come tudo adoidado, não tem uma comida leve, uma comida que tivesse saúde mermo. A gente tá no meio da verdura e do peixe e a gente não come isso, tá tudo errado mermo... (F.P., 40 anos, diversos)

sempre tá agitado e quando percebo não sentei nada mas quando o sangue esfria você sente uma dor um pouquinho, aí o sangue esquenta de novo com a agitação e você esquece que tem perna, costa, cabeça e vai embora. Não reclamo é meu trabalho! (F.P, 40 anos, diverso)

Observamos nos elementos acima descritos à luz da Imagem Corporal libidinal do trabalhador da feira as sensações imediatas provenientes das vísceras e sensações que são dadas à estes na ligação da sua Imagem Corporal com a do outro.

Nesta apresentação da Imagem Corporal inserimos nossa análise com maior ênfase na indumentária do trabalhador da feira, por acreditarmos que sua ação contrária a esta disciplina do corpo – são obrigados a usarem um uniforme -, é mediada ao que nos assinala Shilder (1999, p. 222) quando nos diz que “qualquer objeto que se conecte com a superfície do corpo ser, em alguma extensão, incorporado a ele”.

Posto isto, percebemos alterações no corpo do trabalhador que se expandem e se encolhem, dando partes suas ao ambiente externo ou se apoderando de partes deste ambiente, seja quando repudia o uniforme, mas o incorpora por ser parte do ambiente, seja quando se alimenta de forma inadequada, aceitando parte do que lhe oferece o ambiente sem atitude

contrárias, seja quando corta o cabelo, a unha, melhora a postura e cuida dos dentes, na multiplicidade de autoconstrução e desconstrução da Imagem Corporal elaborada na interdependência com o ambiente no cotidiano de trabalho.

3. saúde física - este aspecto salientou o grau de insatisfação do trabalhador da feira com o descanso corporal e sono (80%) e em certo grau de equilíbrio a insatisfação com prática de atividade (53,3%), a respiração (53,3%) e a resistência à doença (53,3 %)

Conceito (%)	Definição
Alimentação	
Satisfeito 73,3	Hábito alimentar com grande quantidade e pouca qualidade
Insatisfeito 26,7	Hábito alimentar no caminho da qualidade
Atividade física	
Satisfeito 46,7	Prevenção ao sedentarismo. Descontração em forma de jogos
Insatisfeito 53,3	Sedentarismo sem vontade de mudança.
Respiração	
Satisfeito 46,7	Percepção positiva da saúde.
Insatisfeito 53,3	Percepção de sintomas desfavorável a boa saúde
Descanso e sono	
Satisfeito 20,0	Hábitos positivos com recuperação do sono.
Insatisfeito 80,0	Hábitos Negativos com horas mínimas de sono.
Resistência à doença e saúde física	
Satisfeito 46,7	auto-conceito de bem estar em razão da ausência de bebida e cigarro no dia-a-dia e hábito de exercício físico.
Insatisfeito 53,3	auto-conceito de mal-estar em razão do trabalho

Tabela 6 - Análise da saúde física quanto a Imagem Corporal em graus de satisfação à insatisfação.

FONTE: Pesquisa de Campo, 2007.

Ao propormos o contexto da saúde física tomamos por base para entender a Imagem Corporal do trabalhador da feira as relações positivas ou não com seu próprio corpo no cotidiano de trabalho.

Assim, a “saúde física, componente da dimensão física, depende principalmente da mudança do estilo de vida” (Guiselini, 2004, p. 110). Por isto, selecionamos os elementos que nos pudesse orientar a este propósito de relação, já que o identificar da Imagem Corporal do trabalhador da feira é com o intuito de sugerir melhorias ao ambiente do cotidiano de trabalho deste trabalhador, a feira “Manaus Moderna”. Com isto posto, analisemos e

interpretamos os seguintes:

a) Alimentação, atividade física e respiração – os dados sobre estes elementos da saúde física se relacionam, pois à medida que relatam sobre a alimentação em quantidade elevada, mas pouca qualidade, fazem ligação a dificuldade de respiração, ao mesmo tempo que a falta de tempo para fazer atividade física. Os entrevistados acreditam que esta é um ponto que pode auxiliar na harmonia dos outros dois (alimentação e respiração), como nos relatam:

eu como muito mais tento não facilitar senão vou pesar mais ainda né! O feirante tem o hábito de começar a se alimentar muito cedo e é comida pesada, carne, macarrão, feijão, geralmente de madrugada eu vejo muitos carregadores e colegas meus comendo um prato enorme de comida e com bebida alcoólica muitas vezes, sempre dizem que no clima quente nada melhor que uma cervejinha bem gelada. Tenho visto colegas com falta de ar, uns até já infartaram, não querem praticar nenhum esporte. (D.F.B. , 38 anos, produtos regionais)

acho que tou precisando esticar meu corpo né, sinto ele muito pesado, como bem a comida da minha mulher é boa. As perna tem doído que só Deus sabe! Faiz tempo que não me mexo pra isso, quando era moleque eu jogava bola, pescava que só, caía o rio pra nadar, vixe era bom demais. (R.G.P., 46 anos, pescado)

b) Descanso, sono e resistência à doença (saúde física) - estes elementos foram destacados nos relatos dos trabalhadores da feira com uma Imagem Corporal insatisfeita (gráfico 19), o que nos revela uma preocupação com o estilo de vida desses cidadãos no cotidiano de trabalho no ambiente da feira, como nos relatam:

sinto meu corpo pesado, pedindo descanso. era bom se pudesse descansar mais né, só que não dá tempo, os motor chega com a mercadoria e temo que tá no batente pra pegar o nosso né, se não ficar esperto eles vende pra outro. Quem trabalha aqui não dá pra dormir direito né, temos que tá acordado já as 3h da manhã e só as 7h é que acalma por aqui e nos dia de movimento já tem cliente e mercadoria junto chegando.(I.F.S., 60 anos, produtos regionais)

a velhice vai chegando , vai dominando nossa força, a senhora vai chegar na idade que eu tou e vai entender. gostaria de tá melhor, se não fosse minha aposentadoria pela agricultura tava mais difícil cuidar da minha saúde. Sou diabético tá com 12 anos, quando aprece essas doenças vem um monte logo né. (S.O.P. 70 anos, pescado)



Gráfico 20 - Percentual sobre a Imagem Corporal dos trabalhadores da feira no aspecto da saúde física em percentagem

Fonte: Pesquisa de Campo, 2007.

4. As relações do corpo sentidas quanto à interação com outros corpos – observamos um bom grau de satisfação neste aspecto de relação corporal consigo e com os outros corpos no ambiente da feira, sendo os três elementos investigados apresentados com grau de satisfação: popularidade (100%), vocabulário, cumprimento e agradecimento (100%) e ser trabalhador (93,3%) (tabela 7):

Conceito (%)	Definição
Sua popularidade	
Satisfeito 100	auto-estima positiva por razão da amizade, acolhimento e integração nas atividades sociais no ambiente da feira
Insatisfeito -	
Seu vocabulário, cumprimento e agradecimento	
Satisfeito 100	Auto-imagem positiva em razão do desempenho criativo na conquista do cliente. Manifestação harmoniosa entre o ambiente, vocabulário e expressão corporal usada, resultando em diversão para ambos (vendedor e cliente)
Insatisfeito -	
Ser trabalhador(a) da feira?	
Satisfeito 93,3	auto-conceito positivo em razão da alegria em ser feirante como propósito de vida.
Insatisfeito 6,7	auto-conceito negativo em razão da mutilação do corpo sentida ao longo da vida.

Tabela 7 - Análise da Imagem Corporal quanto as relações sociais em graus de satisfação à insatisfação.

FONTE: Pesquisa de Campo, 2007.

Com isto, percebemos neste contexto das relações das imagens corporais e suas trocas, “expandidas” e/ ou “encolhidas” nas relações com as imagens corporais de outros corpos, aqui figurados nas mentes dos trabalhadores da feira entrevistados com grau de satisfatório – entre 93.3% à 100%, em todos os elementos investigados (popularidade, vocabulário, cumprimento, agradecimento e, ser trabalhador) o que Shilder (1999, p.334) aponta “uma imagem corporal [que] sempre é de algum modo, a soma das imagens corporais da comunidade, de acordo com os diversos relacionamentos na comunidade”.

Portanto, nossa imagem corporal e a dos outros não são primariamente dependentes entre si – são equivalentes, uma não pode ser explicada pela outra. Existe uma troca constante entre partes de nossa própria imagem corporal e partes das imagens dos outros, podemos observar no relato

as pessoa tem muito conhecimento de mim aqui, eu não tenho dificuldade de fazer amizade é só perguntar "onde é a terezinha da roupa" no portão eles já conhecem. Eu conhece todos aqui, vendo e sei dos gosto deles. Tou satisfeita! (T.S.B., 50 anos, diversos)

A Imagem corporal dos outros, com suas partes pode ser integrada à totalidade de nossa imagem corporal formando uma unidade ou pode, simplesmente, ser acrescentada à nossa própria, formando então apenas uma soma.

Podemos observar a conjugação dos itens analisados quanto as relações sociais no registro fotográfico do trabalhador da feira em seu atendimento à outra colega trabalhadora da feira , figura 17 abaixo:



Figura 17 - Percepção do trabalhador da feira sobre a importância do atendimento ao cliente e amizade.

FONTE: D.N, 41 anos, açougue

Salientamos com estes elementos que cada “ação é dirigida a alguma coisa” (SHIDER, 1999, p. 57) o trabalhador da feira fica atento ao se dirigir aos consumidores seja na esfera visual, tátil auditiva, dentre outros. Como nos relata um trabalhador da feira que se utiliza do seguinte vocabulário na ação dirigida ao cliente:

aceita ticket refeição, vale transporte, carteira de identidade, CPF, título de eleitor, atestado de boa conduta, só não aceita atestado de óbito que defunto não paga conta!.Volte sempre patroa, com dinheiro ou sem dinheiro pode voltar que a firma aguenta uma semana fiado. O freguês sempre sorrir, até os mais carracudo [diz ele sorrindo] (R.G.S. 46 anos, pescado)

Quando pensamos que “um corpo é sempre a expressão de um ego e de uma personalidade, e está num mundo” (SHILDER 1999, p. 337) nos reportamos ao ser trabalhador para o trabalhador da feira que nos relata:

Quando a pessoa pergunta qual é sua profissão, digo eu sou "FEIRANTE" com orgulho! É daqui que eu sobrevivo, tem que falar bem né! Me tratam com carinho, me chamam de morena, eu gosto muito do faço né. Tou satisfeita! (sorriso) (A.C.S., 40 anos, diversos)

Assim, nos complementa Shilder (1999, p. 337) mesmo uma resposta preliminar ao problema do corpo não pode ser dada, a menos que tentemos uma resposta preliminar sobre a personalidade e o mundo. Isto posto o trabalhador da feira apresenta em sua Imagem Corporal, mediante os elementos ora descritos uma afirmação de sua identidade nas relações com as imagens corporais de outros corpos, do seu vocabulário e de ser trabalhador da feira.

4.3 O ambiente da feira “Manaus Moderna” como espaço urbano de desafios e superações

Ao pensarmos em analisar a Imagem Corporal e Percepção Ambiental dos trabalhadores da feira, para composição do quadro de sugestões de melhorias do ambiente da feira "Manaus Moderna". Elaboramos a problemática: Como a Imagem Corporal e a Percepção Ambiental podem revelar melhorias no ambiente da feira “Manaus Moderna”?

Mediante este problema o presente tópico relaciona os dados dos tópicos anteriores, à partir de uma postura que sugere reflexão-ação na busca de alcançar este. Para tanto, propomos um sistema de encadeamento das idéias que primariamente, descreve os pontos relevantes dos dois tópicos anteriores dos resultados e discussões de nossa pesquisa (história de construção; percepção ambiental e imagem corporal), para posteriormente, relacioná-los

na conjugação do quadro de sugestões de melhorias para o ambiente da feira “Manaus Moderna” percebida e sentida pelo trabalhador da feira em sua realidade do cotidiano de trabalho. Detalhamos este panorama de propósitos a seguir.

4.3.1 Pontos relevantes na percepção do trabalhador da feira sobre o histórico do processo de ocupação da feira

Observamos a feira “Manaus Moderna” no seu processo histórico de construção como espaço urbano e lugar percebido e sentido pelo trabalhador da feira, à medida que é um espaço urbano, considerado como a Central de Abastecimento da cidade de Manaus, (apesar de não ter sido esta a finalidade de sua construção) que conjuga uma variedade de gêneros alimentícios, pescado, carne, vísceras, hortaliças, frutas, laticínios, estivas, grãos e cereais, plantas medicinais, vestuário, etc., com as pessoas que ali circulam, trabalham e consomem neste mosaico sistema de comércio de compra e venda.

E, é lugar ao mesmo tempo, privilegiado por ser central e à beira-rio; e esquecido, quando não menosprezado por estereótipos e ideologias difundidas pelo poder e aceitas passivamente (talvez somente reflexo de nossa educação lógico-racional.) pela sociedade.

Neste cenário que apresenta nosso espaço e lugar de estudo permeado por características que se sobrepõem na vida cotidiana do trabalhador da feira, consciente ou não dos fatos, mas de certa forma percebido como informação que gera informação que por seu uso e hábitos torna-se parte de si, expressa nos contatos corporais que o modificam e o transformam. Destacamos três pontos como relevantes:

1. A facilidade tanto do escoamento dos produtos pela beira-rio, quanto, do acesso ao ambiente da feira Manaus Moderna por ser central;

2. A afeição pelo lugar feira “Manaus Moderna” e a oportunidade de trabalho existencial nas relações econômicas que envolvem a oferta e demanda dos produtos comercializados neste ambiente.

3. A esperança do trabalhador da feira de quê a feira “Manaus Moderna” passará por uma reforma que abrangerá desde a pintura até a ampliação para dois andares, bem como, o desejo de quê sua aparência física melhorará para estar em harmonia com este ambiente reformado, com mudanças do vestuário ao nível educacional.

Para evidenciarmos com completude este cenário, selecionamos um registro fotográfico do trabalhador da feira, que em sua descrição sobre o motivo que o levou a registrá-la, culmina com os pontos relevantes acima descritos (figura 17).



Figura 18 - Percepção do trabalhador da feira sobre a ausência de porto para escoamento do produto.

FONTE: D.F.B, 38 anos, produtos regionais

Neste registro o trabalhador da feira revela percepções e sentimentos que trazem informações peculiares com base na topofilia existente nas relações do corpo e o meio

ambiente, à medida que indica na descrição da foto a necessidade da reforma das condições precárias do porto do produtor localizado à frente da feira “Manaus Moderna”, que engloba um fluxo dinâmico necessário e vital para a existência da feira como central de abastecimento, que oportuniza trabalho e se encontra em condições precárias de manutenção no complexo urbano tanto externo à ela quanto interno.

4.3.2 Pontos relevantes da percepção ambiental do trabalhador da feira sobre o ambiente interno e geral da feira “Manaus Moderna”.

Ao observarmos que o trabalhador da feira conduz suas ações no cotidiano de trabalho no ambiente da feira “Manaus Moderna”, de acordo com a realidade apresentada e percebida que lhes dá sentido, como bem nos assinala Berger e Luckman (1985, p.36):

O mundo da vida cotidiana não somente é tomado como uma realidade certa pelos membros ordinários da sociedade na conduta subjetivamente dotada de sentido que imprimem a suas vidas, mas é um mundo que se origina no pensamento e na ação dos homens comuns, sendo afirmado como real por eles.

Acreditamos que o trabalhador da feira ao “experimentar a vida cotidiana no estado de total vigília” (ibidem, p. 38) afirma como real àquilo que conceituou e justificou em suas respostas quanto ao ambiente interno e externo do seu espaço de trabalho (a feira “Manaus Moderna) sendo por nós destacados três pontos do revelar de suas respostas - conforme tabela 08-, para posterior aprofundamento da análise, que foram:

1. As condições precárias do estacionamento (100%), corredores (100%), e limpeza (100%) ao relacionarmos as respostas conceituadas como elementos ruins e péssimos do ambiente;

2. A vontade de aumentar o tamanho de seus boxes (66,7%) que culminam com as respostas sobre a quantidade de boxes (53,3%), uma vez, relacionadas as respostas conceituadas como péssimo, ruim e regular,

3. A percepção ambiental da importância de ações multifacetadas para as reformas no ambiente da feira, tanto da cobertura (100%) e ventilação (100%), quanto da efetivação do setor de primeiros socorros (100%), sendo fundamental a articulação entre os gestores da feira local em conjunto com os trabalhadores da feira e a efetivação de ações do poder público.

Ambiente Geral	Ótimo	Bom	Regular	Ruim	Péssimo
Estrutura interna geral					
Portões	40,0	13,3	40,0	6,7	0,0
Corredores	0,0	0,0	0,0	33,3	66,7
Piso	0,0	33,3	26,7	0,0	40,0
Paredes com grade	6,7	33,3	26,7	26,7	6,7
Banheiros	0,0	33,3	33,3	33,3	0,0
Ventilação	0,0	0,0	0,0	0,0	100,0
Iluminação	0,0	0,0	20,0	40,0	40,0
Cobertura	0,0	0,0	0,0	53,3	46,7
Estrutura interna específica					
Localização	13,3	53,4	13,3	13,3	6,7
Tamanho da banca ou box		33,3	20,0	20,0	26,7
Quantidade de box e bancas	6,7	40,0	33,3	13,3	6,7
Estrutura externa e interna geral					
Estacionamento	0,0	0,0	0,0	26,7	73,3
Segurança	0,0	0,0	6,7	20	26,7
Primeiros Socorros	0,0	0,0	0,0	20	80,0
Água	6,7	53,3	26,7	13,3	0,0
Lixo e Limpeza	0,0	0,0	0,0	60,0	40,0
Esgoto	0,0	0,0	0,0	60,0	40,0

Tabela 8 - Percepção ambiental geral da infra-estrutura do ambiente da feira, em porcentagem (%)

FONTE: Pesquisa de campo, 2007 (grifo nosso)

Salientamos que em todos os registros das fotos o aspecto do estacionamento fora percebido. Destacamos um registro (figura 19) que o trabalhador da feira, não só comenta que o motivo da foto foi o estacionamento, como também explicou em detalhes todo ambiente ao redor, localizando outros aspectos ambientais aqui já expostos pela percepção, conceituação e justificativa de outros trabalhadores da feira, transcrevemos este relato na íntegra

Ah, essa foto ficou exatamente como eu olhei. Mostra o que eu queria, o estacionamento horrível com a sujeira logo na frente da cidade pelo rio que é tão bonito né. Esses muros tão pra cair até um morrer parece que vai ficar assim, olha só de sujo das caixa jogada lá. Tu consegue vê lá no fundo oh, os caminhão também que agora que eu tirei tá calmo mas é muito pior de madrugada, sujeira e carro tudo junto. Os barcos foi pra dizer do nosso estacionamento pelo rio, falta construir um porto pra nós desse lado, lá pro lado do porto é só pra turista vê, por que não funciona ne. É isso, o estacionamento da água e da terra tá horrível demais e ninguém faz nada. (D.N, 41 anos, açougue).



Figura 19 - Percepção sobre estacionamento, porto do produtor e limpeza ao redor da feira.

Fonte: D.F.B., 38 anos, produtos regionais.

4.3.3 Pontos relevantes da imagem corporal sentida pelo trabalhador da feira no cotidiano de trabalho.

Possuir e integrar o corpo no mundo vivido, com discernimento, reflexão prévia, aprendendo, desaprendendo e reaprendendo com os problemas do cotidiano, não é tarefa fácil, porém se deve como *corpo cidadão*¹⁹ ao menos tentá-lo, demonstrando *bom-senso*²⁰.

Para tanto, ao observamos na *vida cotidiana*²¹ dos trabalhadores da feira um intercâmbio contínuo entre seus corpos, outros corpos e objetos ao redor, percebemos um

¹⁹ Daolio (1995, p. 79-100), nos faz refletir sobre o “estado de natureza” e o “estado social” proposto por Lévi-Strauss (1976), direcionando que as diferenças não devem ser pensadas como inferioridade, revelando o contexto sócio-cultural como eixo para o “corpo cidadão”.

²⁰ Geertz (2006, p. 101 a 141), dialoga com as concepções do bom senso como um sistema cultural, destacando algumas propriedades na “quase-qualidade” do bom senso que são: *a naturalidade, praticabilidade, leveza e não-metodicidade*.

caminho árduo para concretização do corpo cidadão nos relatos sobre sua aptidão, aparência e saúde física, partilhados com as relações socioculturais com as mais variadas expressões corporais que exigem *bom-senso* nas relações com “o outro na situação face a face [por ser] mais real para mim que eu próprio” (BERGER & LUCKMANN, 2005, p. 47).

Neste contexto, salientamos três pontos relevantes quanto a imagem corporal (tabela 9) revelada pelos trabalhadores da feira em seu cotidiano de trabalho, que foram:

Imagem Corporal	Satisfeito	Insatisfeito	Tanto Faz
Aptidão Física			
Força Física	60	40	-
Resistência Muscular	26,7	73,3	
Deslocamento Rápido (Velocidade)	46,7	53,3	
Flexibilidade (Abaixar-se e Levantar-se)	26,7	73,3	
Habilidade Motora Grossa e Fina	100	-	
Aparência Física			
Cabelo	73,3	26,7	
Unha	100	0	
Dente	46,7	53,3	
Uniforme	33,3	66,7	
Peso	20	66,7	13,3
Postura	13,3	66,7	20
Saúde Física			
Alimentação	73,3	26,7	
Atividade Física	46,7	53,3	
Respiração	46,7	53,3	
Descanso e sono	20	80	
Resistência à doença e saúde física	46,7	53,3	
Interrelação Sociocultural			
Popularidade	100		
Vocabulário, cumprimento e agradecimento	100		
Ser trabalhador da Feira	93,3	6,7	

Tabela 9 - Imagem Corporal geral do trabalhador da feira, em porcentagem (%).

FONTE: Pesquisa de campo, 2007, grifo nosso.

²¹ Agnes Heller (2004) nos revela que a vida cotidiana é a vida de *todo* homem. Todos vivem sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão do trabalho intelectual e físico. Ninguém consegue identificar-se com sua atividade humano-genética a ponto de poder desligar-se inteiramente da cotidianidade. E, ao contrário, não há nenhum homem, por mais “insubstancial” que seja, que viva tão-somente na cotidianidade, embora essa o absorva preponderantemente. (p. 17)

1. A condição de um *corpo* sacralizado em seus elementos da aptidão e saúde física, à medida que se submetem a diminuto tempo para o seu descanso corporal (80%) na vida cotidiana em detrimento do maior tempo para o trabalho que traz como consequência um sentimento de insatisfação quanto à resistência muscular (60%), flexibilidade (60%), ausência de atividade física (53,3%) e dificuldade de respiração (53,3%).

2. A condição de um corpo ativo ao revelar relações culturais satisfatórias quanto à popularidade (100%), vocabulário (100%) e ser trabalhador (93,3%);

3. A condição de um corpo disciplinado ao revelar pontos relevantes quanto à aparência física, peso (66,3%), uniforme (66,7%) e postura (66,7%).

Na descrição topofílica relatada por uma trabalhadora da feira dentre as fotos registradas (figura 20) em que observamos no relato a necessidade de relaxamento do corpo na realidade do cotidiano de trabalho que de certa forma o sacraliza, disciplina e/ ou o torna ativo, quando nos revela

Vivo na correria aqui, quase não paro aqui pra mostrar roupa ou receber dos cliente, aí saio nesse empurra empurra do corredor, é um estresse sabe, as vezes passo mal com falta de ar por causa de tanta cintura aqui [...] aí vou lá pra frente vê os movimento do barco, gostoso pra gente fiar tipo assim apreciando, acho que ajuda até a acalmar o corpo né. Aí isso eu tirei pra mostrar que o barco é uma terapia pra mim, você relaxa a mente, essa água do rio me faz relaxar bastante. Aí quando volto pra cá tou melhor sabe. (T.S.B., 50 anos, diversos)



Figura 20 - Percepção da trabalhadora da feira sobre os movimentos do barco como terapia e relaxamento.

FONTE: T.S.B., 50 anos, diversos.

4.3.4 As relações existentes entre os pontos relevantes para constituição do quadro de sugestões de melhorias no ambiente da feira “Manaus Moderna”.

Ao pensarmos em demonstrar os pontos relevantes destacados pelo relacionar de nossas unidades de análise que se conjugam com nossos objetivos específicos sobre a história da ocupação, a percepção ambiental e imagem corporal dos trabalhadores da feira “Manaus Moderna” que nos oriente sistematicamente ao nosso propósito, elaboramos mediante a triangulação dos dados (quadro 4) as análises apresentadas a seguir descritas.

História	Percepção Ambiental	Imagem Corporal
<p>- Na importância da construção da feira Manaus Moderna se destacam:</p> <ul style="list-style-type: none"> • a facilidade do escoamento dos produtos pela beira-rio e; • a facilidade de acesso. 	<p>- Com a necessidade deste escoamento e o fluxo dinâmico de pessoas relacionamos algumas percepções ambientais apontadas pelos trabalhadores da feira como péssimo e ruim:</p> <ul style="list-style-type: none"> • o estacionamento; • os corredores • a limpeza 	<p>- O trabalhador da feira faz uso de seu corpo em todo este processo, desde a escolha até a exposição do produto em seu boxe, para isto é necessário possuir:</p> <ul style="list-style-type: none"> • aptidão física quanto a resistência física e flexibilidade e; • saúde física que conjuga a prática de atividade física, melhora de sua respiração, descanso corporal e sono.
<p>- Na permanência da feira Manaus Moderna foram destacadas:</p> <ul style="list-style-type: none"> • a afeição ao lugar; • a oportunidade de trabalho. 	<p>- Sua permanência revela alguns pontos de afeição pelo lugar Box, e espaço de ganhar a vida , que são:</p> <ul style="list-style-type: none"> • localização dos boxes; • tamanho e quantidade dos boxes. 	<p>- Neste elo de afeição com o lugar que também oportuniza o trabalho foram revelados os sentimentos quanto:</p> <ul style="list-style-type: none"> • a popularidade, vocabulário, cumprimento e agradecimento. • ênfase em ser trabalhador da feira
<p>- A perspectiva futura da feira Manaus Moderna aponta para ser :</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pintada e reformada; • Ampliação para dois andares 	<p>- Com esta perspectiva o trabalhador da feira percebe:</p> <ul style="list-style-type: none"> • a necessidade de mudanças em seu boxe; • necessidade de reforma e manutenção, principalmente quanto a melhorias na ventilação, cobertura e primeiros socorros. 	<p>- Ao imaginar-se enquanto trabalhador da feira no futuro ele percebe a necessidade de melhorias quanto:</p> <ul style="list-style-type: none"> • a aparência física (vestuário completo. peso, postura) e educação.

Quadro 4 - Pontos relevantes levantados com a triangulação dos dados.

FONTE: Pesquisa de campo, 2007.

Concomitante a exposição dos pontos acima, propomos uma compreensão geral tanto do ambiente geral da feira “Manaus Moderna”, quanto do trabalhador da feira, na realidade da vida cotidiana de trabalho revelada pelos dados discutidos nesta pesquisa.

a) Em relação ao ambiental geral (gráfico 21) - observamos no cotidiano de trabalho do trabalhador da feira, hábitos que dificultam as alternativas de limpeza do ambiente, bem como, a busca de soluções para os corredores estreitos, escuros e escorregadios. Também salientamos a inadequada infra-estrutura para que se circule melhor o ar no ambiente da feira, que segundo os relatos têm afetado à saúde do trabalhador da feira e trazido desconforto aos cidadãos que circulam neste ambiente.

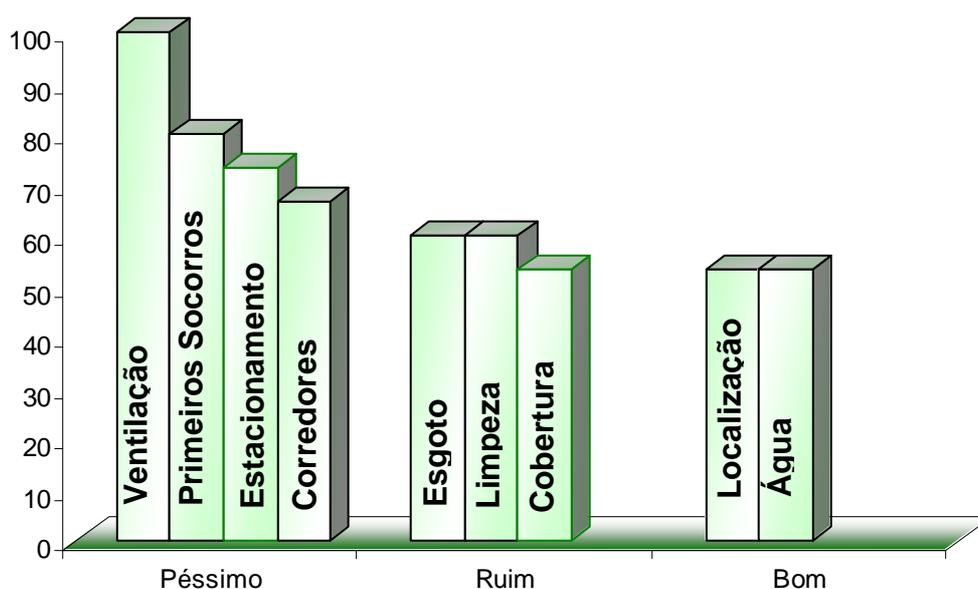


Gráfico 21 - Percentual sobre a Percepção Ambiental geral da feira “Manaus Moderna”.

FONTE: Pesquisa de Campo, 2007.

Observamos que na maioria dos boxes dos trabalhadores da feira não existem lixeiras organizando a exposição dos seus produtos no dia-dia da feira com atos de jogar os restos à frente de seus boxes nos corredores, para que sejam varridos. Sendo que a varrição diária não é suficiente e não contém nem material adequado para sua coleta e, nem recursos humanos suficientes para este serviço, além de não se efetivar lavagem geral da feira, por não se ter condições materiais para tal, ocorrendo raramente uma a cada semestre.

Mediante as situações acima, pensamos no espaço como espaço social que se inter-relaciona com os corpos que nele interfere e com isto o transforma à medida que são influenciados pela posição social que ocupam neste espaço e o direcionam a gostos conforme seu capital econômico e cultural, como bem nos reforça Bourdieu (1996):

[...] o espaço social é construído de tal modo que os agentes ou os grupos são aí distribuídos em função de sua posição nas distribuições estatísticas de acordo com os dois princípios de diferenciação [...] o capital econômico e o capital cultural.[...] o espaço de posições sociais se retraduz em um espaço de tomadas de posição pela intermediação do espaço de disposições (ou do habitus) [...] o habitus é esse princípio gerador e unificador que retraduz as características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco, isto é, em um conjunto unívoco de escolhas de pessoas, de bens, de práticas. (p, 18-23).

Portanto, acreditamos que em relação à limpeza e aos corredores, os hábitos dos trabalhadores na realidade da vida cotidiana de trabalho podem contribuir para piorar ou melhorar a situação destes elementos aqui destacados, pois a própria condição de estar estreito os corredores é devido à ampliação dos boxes pelos próprios trabalhadores da feira. E, o fato de ser escuro é a ausência de manutenção da iluminação do ambiente que já envolve o setor de gestão da feira e as negociações com a Secretária para esta solução que exigem tempo, dinheiro e muita vontade.

b) Em relação ao trabalhador da feira (gráfico 22) – observamos nos pontos relevantes de análise que os trabalhadores da feira possuem um tempo diminuto para o descanso corporal e sono, que segundo seus relatos refletem contato diário quase que inexistente com a família e sem tempo para o lazer que conseqüentemente, prejudicam a busca por um estilo de vida ativo consigo mesmo e com a própria família.

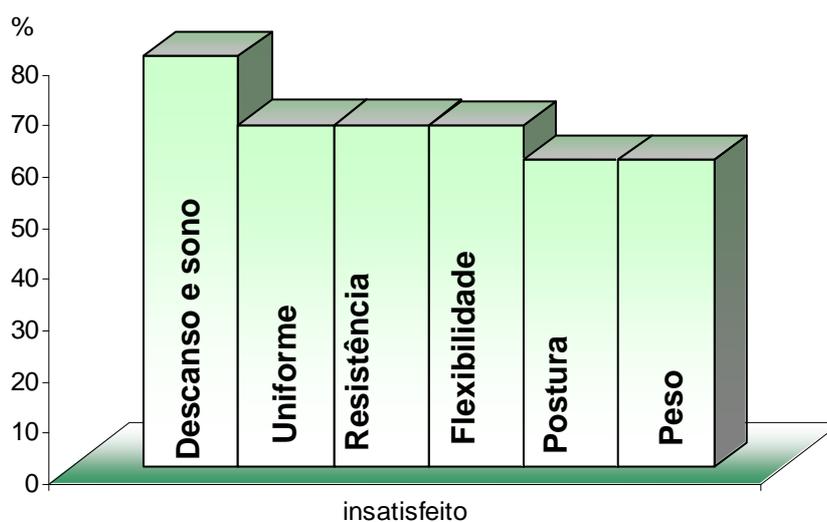


Gráfico 22 - Percentual sobre a Imagem Corporal Geral do grau de insatisfação do trabalhador da feira “Manaus Moderna”.

FONTE: Pesquisa de Campo, 2007.

Para melhor compreensão dos dados, nos preocupamos em relacionar a idade média do trabalhador da feira, seu tempo de trabalho em feira e a jornada de trabalho diária que atualmente exige o cotidiano de trabalho no ambiente da feira “Manaus Moderna” para reforçar o que a Imagem Corporal nos revela em relação às insatisfações do trabalhador com seu próprio corpo, que é interdependente do ambiente que o circunda.

Tendo dentre os quinze (15) entrevistados um idade média de 49, 4 e um tempo de trabalho de 26, 7 anos, inicialmente é observado que a metade da vida deste trabalhador foi realizar sua força de produção em ambiente de feira. Quando nos reportamos à jornada de trabalho observamos que em média é de 14 horas diárias de trabalho, iniciando na madrugada e terminando ao início da noite, como detalhamos: dos quinze (15) entrevistados, cinco (5) trabalham 17 horas por dia; três (3) trabalham 15 horas por dia; quatro (4) trabalham 13 horas por dia e três (3) trabalham 10 horas por dia.

Noda (1985, p.4-6) nos faz refletir sobre as ações do sistema capitalista quanto ao trabalho inserido nas condições gerais do capital como uma atividade exclusivamente

humana, que ao se processar produz um resultado material. E, ainda nos salienta que o no Capitalismo este trabalho se revela em mercadoria, uma vez que, o homem através do trabalho, age propositalmente sobre a natureza, transformando não somente o mundo externo, mas também, a si mesmo em atendimento à lógica imposta para a reprodução do capital, configurando o trabalho como processo de “consumo” da força de trabalho, em que se envolve a divisão e a organização deste.

Posto isto, observamos que no processo de desenvolvimento vigente, guiado pelo Capitalismo não se surpreende a revelação de um corpo sacralizado, marginalizado e ao mesmo tempo tendo que ser disciplinado no cotidiano de trabalho, posto às regras e normas como forma da busca de harmonia para se conviver em sociedade.

Assim, observamos imagens corporais de trabalhadores que têm repúdio ao uniforme, ausência de lazer e de aptidão física. Em que se questiona sobre a eficiência da disciplina mediante as regras, visivelmente não aceitas pelos trabalhadores, desde não contemplar lixeiras em seu Box ao repúdio do uniforme.

Ao observamos o grau de satisfação (gráfico 23) superior em todos os pontos envolvidos em relação ao seu próprio corpo que se configura com outros corpos, percebemos a imagem corporal incorporada a objetos e que se propaga no espaço, ultrapassando os limites do corpo, explicitando na precisão da percepção das sensações corporais, fatos sociais à medida que os fenômenos morais aparecem estar intimamente ligado a ela. Tornando-a interdependente das relações sociais realizadas no cotidiano da vida diária no ambiente da feira “Manaus Moderna”.

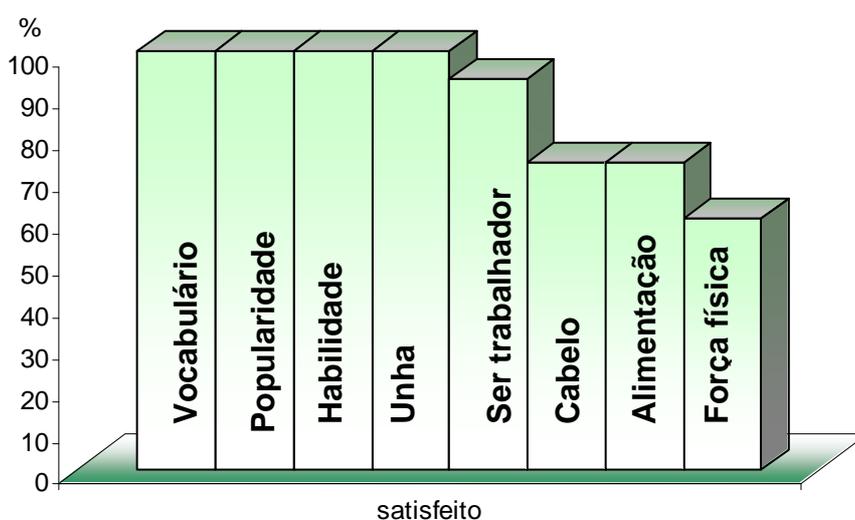


Gráfico 23 - Percentual sobre a Imagem Corporal Geral do grau de satisfação do trabalhador da feira “Manaus Moderna”.

FONTE: Pesquisa de Campo, 2007.

Assim, é neste cenário da relação do corpo do trabalhador (Imagem Corporal) com o ambiente da feira (Percepção Ambiental) sob a ótica dos que nos foi revelado por meio dos pontos relevantes triangulados nos tópicos da importância, permanência e perspectivas futuras da feira, que destacamos algumas sugestões de melhorias no contexto sócio-ambiental da feira “Manaus Moderna”, conforme quadro 5 a seguir:

Sugestão de melhorias	Observação Geral
<ul style="list-style-type: none"> • Manutenção e /ou reforma quanto ao estacionamento, corredor, ventilação e limpeza da feira “Manaus Moderna”, bem como, as condições do porto do produtor. 	Na feira é grande o fluxo de pessoas diárias nas ações comerciais realizadas na compra e venda de produtos seja no atacado ou varejo, revelando a qualquer tentativa de gestão ambiental ações quanto à manutenção e reforma dos aspectos propostos, por serem pontos relevantes para conservação deste ambiente necessário e vital à sociedade como um todo.
<ul style="list-style-type: none"> • Oportunizar aos trabalhadores da feira planos de saúde, cursos de capacitação, esclarecimento quanto à previdência e meios de acesso a prática de atividade física e/ ou lazer. 	Os trabalhadores da feira possuem uma carga horária de trabalho intensa que culmina com a ausência de descanso corporal e o sedentarismo, pontos que identificam uma qualidade de vida em condições precárias, que mostra um desequilíbrio pertinente nas relações homem e ambiente, quando se pretende qualquer ação pública na busca de sustentabilidade local.

Quadro 5 - Sugestão de melhorias no contexto sócio-ambiental da feira “Manaus Moderna”.

FONTE: Pesquisa de Campo, 2007.

Neste sentido, a Imagem Corporal - no “aqui” do corpo do trabalhador figurada mentalmente-, e, a Percepção Ambiental -, no “agora” do ambiente da feira com figuração mental que o produz em forma de imagem-, foram o eixo norteador de todas as informações aqui descritas, que nos levaram a perceber as modificações, transformações e necessidades vitais nas relações existentes na realidade de vida cotidiana do trabalhador da feira com a feira.

CAPÍTULOS V E VI



Figura 21 - Dia das crianças organizado pelos trabalhadores da feira na parte externa do ambiente.

FONTE: Pesquisa de campo, 2007.

Somente os homens que crêem apaixonadamente nos valores e põem em jogo uma vontade apaixonada podem chegar a ser grandes cientistas

SOMBART.

5. CONCLUSÃO

Ao partimos da problemática: Como a Imagem Corporal e Percepção Ambiental dos trabalhadores da feira podem revelar sugestões que possibilitem melhorias no ambiente da feira “Manaus Moderna”? Direcionamos nosso olhar à realidade da vida cotidiana percebida e sentida pelos trabalhadores da feira no ambiente de trabalho, a feira “Manaus Moderna”, que nos possibilitou à luz das teorias da Imagem Corporal e Percepção Ambiental, constituir um quadro de sugestão de melhorias neste ambiente.

Entrelaçar estas teorias para o alcance de nosso propósito foi um instigante desafio, que só pôde ser superado, por termos nos desprovido de um arcabouço de idéias à luz da educação lógico-racional, e termos nos empenhado em concebê-las como transdisciplinar, na busca de compreender a percepção e o sentimento na realidade do “aqui” e “agora” do corpo e nas relações sócio-culturais que o transformam e o modificam a cada gesto, atitude, valores (ideológicos ou não) e sentimentos, compartilhados na realidade da vida cotidiana construída socialmente.

Ao pensarmos na feira como nossa área de estudo e, no trabalhador da feira como o sujeito da investigação, que formam nosso estudo de caso incorporado, à luz das teorias da Imagem Corporal e Percepção Ambiental. Utilizamos algumas fontes de evidências (observação direta, documento, entrevista semi-estruturada e técnica da fotografia) que revelaram informações analisadas quantitativamente e qualitativamente pela abordagem da triangulação de dados que nos permitiu pelo encadeamento lógico do alcance de nossos objetivos propostos chegar às conclusões descritas:

1. Observamos um contexto **sócio-ambiental** complexo com a construção da feira no centro da cidade, que pressupõe uma importância tanto quanto a facilidade de escoamento do produto por se localizar próximo à beira-rio, quanto o acesso ser propício por ser central.

Esta característica traz em seu bojo um fluxo dinâmico na realidade do cotidiano da feira “Manaus Moderna”, apontando dificuldades no sistema infra-estrutural construído, uma vez que, possuía a finalidade de funcionar como feira municipal para venda a varejo, mas que, no engendramento do desenvolvimento da cidade urbana torna-se uma Central de Abastecimento da cidade com venda também no atacado.

Este cenário delineado pelo engendramento do desenvolvimento urbano culmina com as dificuldades no ambiente da feira referente ao **estacionamento, corredores e limpeza**, bem como, revelou sentimentos do trabalhador da feira quanto à sua **aptidão e saúde física insatisfatória**, pois ao fazer uso de seu corpo no processo dinâmico de compra e venda, percebe uma diminuição de sua **resistência muscular, flexibilidade e descanso corporal**.

Assim, o engendramento do urbano da cidade está ligada ao processo histórico da construção da feira e todo seu contexto sócio-econômico, político, cultural e sistema infra-estrutural atual, pois é ao mesmo tempo espaço e lugar que se entrelaça com as práticas individuais e sociais dos trabalhadores da feira e de outros trabalhadores ao redor deste complexo ambiente, permeado pela crise ambiental urbana que assola este local.

2. Observamos um contexto **sócio-cultural** permeado por uma antítese na apreciação pelo lugar, posta pela abordagem topofílica, quando nos relatos dos trabalhadores da feira sobre a permanência da feira no espaço que se encontra, em que ocorrem duas razões sobrepostas:

- A primeira razão é ter um elo com o ambiente que é a referência do seu “ganha pão diário”, tanto que nos dados quantitativos é evidente o nível altíssimo de **satisfação em ser trabalhador**, quase que 100%.

Como também mostram satisfação de 100% em sua **popularidade, vocabulário, cumprimento**, quando em sua imagem corporal às representam como uso de um corpo criativo e espontâneo na estratégia de negócio das relações com o consumidor, a exemplo:

“diga meu patrão, você é que manda” (V.F, 38 anos, açougue), “bom dia minha princesa, vai levar o quê hoje” (S.B.F, 60 anos, produtos regionais).

- A segunda razão é que ao ser o ambiente de seu “ganha pão diário” se caracteriza com uma **jornada de trabalho elevada** (14 horas a média que obtivemos), acaba abnegando outros âmbitos importantes à sua vida, como a família, dedicar o mínimo de tempo para cuidar de sua saúde, bem como, anã existência de um “tempo livre” sem trabalho.

Discorrem em seus relatos sobre a necessidade de terem que alugar alguns flats próximos à feira para dormirem durante a semana, pois precisam estar muito cedo no local de trabalho no outro dia. E que muito raramente saem com a família para passear por estarem cansados da rotina diária de domingo a domingo sem feriado.

Neste contexto o trabalho é a sua vida, é o meio de existência sem a “vivência”, ou seja, é a razão de um corpo marginalizado pelo sistema que o controla e conduz a sacralização do seu corpo em detrimento de Ter o mínimo para sobreviver.

3. Observamos um contexto **sócio-econômico e político** ao pensarmos nos relatos do trabalhador da feira em imaginar uma possível **pintura e reforma no ambiente**, tendo como razão principal, a **ausência de circulação de ar** (100%). Como também pensaram em **melhorias na aparência física** de si mesmo, além de sentirem a necessidade de **educação profissional** e de **atendimento de primeiros socorros**, pois se inserem à realidade do seu cotidiano de trabalho.

Ao imaginarem perspectivas futuras no ambiente como um todo, melhorias no porto do produtor, na cobertura, corredor, limpeza e ventilação, estacionamento e primeiros socorros, nas relações de trabalho, com melhorias quanto à saúde física, educação e lazer, sugeridos pela busca de um tempo maior para si mesmo e com sua família.

Acreditamos que estas relações são decorrência da interdependência entre o ambiente geral da feira que favorece estas condições ao corpo do trabalhador da feira, ao mesmo tempo

que, este corpo gera estas condições, favorecendo ou as melhorando à medida do seu possível, seja com práticas individuais ou sociais. A exemplo quando fazem mudanças em seus boxes e se unem para trocar o piso da feira e buscam se divertirem promovendo o social com festas em datas comemorativas como dia das mães, das crianças, natal, aniversário da feira etc., momento que conjugam novos hábitos em sua vida cotidiana.

4. Observamos que nas relações entre o homem (aqui visto como o trabalhador da feira) e o ambiente urbano (aqui visto como a feira), é evidente as figurações mentais e posteriores atitudes e ações quanto ao espaço e lugar que o circunda.

Portanto, são essas relações interdependentes entre o trabalhador da feira e o ambiente da feira que se conjugam nas práticas individuais e sociais, construídas socialmente e mediadas pelo capital econômico e capital cultural das posições sociais de cada um. Ser trabalhador no ambiente da feira “Manaus Moderna”, que se revela a crise ambiental urbana. Em que, salientamos a necessidade de um olhar mais atento de todos os cidadãos, seja no âmbito comunitário, acadêmico, empresarial e/ ou governamental para com este ambiente de importância ímpar à sociedade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

A organização espacial da feira nos mostra um ambiente complexo na interdependência socioeconômica entre o produtor rural, trabalhador da feira, consumidor e demais pessoas que participam direta ou indiretamente do seu fluxo diário, que a torna em crise ambiental à medida que não fora criada com a finalidade de ser Central de Abastecimento, e, que conseqüentemente, não oferece infra-estrutura adequada para tal e, não se observa ações conjuntas entre as diversas secretarias que estão engendradas no contexto urbano que a insere com pretensão mínima de resolvê-las.

Diante desse contexto recomendamos a necessidade de se fazer valer de fato o que nos orienta a própria Lei N° 123 de 22 de novembro de 2004, em que ressaltaremos alguns de seus artigos que se relacionam aos resultados desta pesquisa, e que, portanto, urge de ações de políticas públicas, seja em âmbito ambiental ou de saúde.

1. Em relação ao Art. 5° que trata sobre a concepção dos Mercados e Feiras Livres na cidade.

- Recomendamos - que se reveja o inciso IV que leva em conta as questões da infra-estrutura física e sanitária adequadas atendendo ao interesse público;

2. Em relação ao Art. 8° que trata da proibição de ampliação da infra-estrutura das feiras e mercados após construção, salvo se houver risco de desabamento ou consenso entre a maioria dos permissionários.

- Recomendamos – que se reveja a situação do ambiente infra-estrutural da feira à medida que historicamente se observa uma fenômeno de ocupação no local super-estimado e, que têm como conseqüência não somente prejuízos a infra-estrutura ambiental, mas sobretudo à saúde do próprio trabalhador que se encontra no cotidiano de trabalho em ambiente insalubre.

3. Em relação ao Art.37 e Art. 38 que trata dos serviços de limpeza, pintura e manutenção física da área externa e de circulação interna nos mercados e feiras e, de que o Município providenciará por métodos apropriados e em intervalo de no máximo seis meses, o extermínio de roedores e insetos nas áreas internas e circunvizinhas dos mercados e feiras;

- Recomendamos - que se pense que compete ao poder público

4. Em relação ao Art. 15º que trata de se reservar locais de estacionamento ao redor de Mercados e Feiras na cidade, sendo responsabilidade da Empresa Municipal de Transportes Urbanos (EMTU).

- Recomendamos - que se pense em projetos e os realize para o fluxo de carga e descarga ali existente, bem como, de condições de estacionamento com sinalizações visíveis para quem a destina.

5. Em relação ao Art.32º que trata dos deveres dos permissionários em suas atividades do cotidiano, em que ressaltamos os incisos III – usar o uniforme; inciso IV- usar no interior de sua banca ou Box, recipiente para coleta de lixo; inciso XI- usar, em lugar de fácil visualização, placas informando de maneira clara os preços de cada produto.

- Recomendamos - que se pense cumprir com algumas ações simples que cotidianamente poderia facilitar as relações sociais e as melhorias de higiene e limpeza de si e do ambiente;

Mediante estas recomendações que deram ênfase aos pontos relevantes encontrados no resultado desta pesquisa, com encadeamento lógico do quadro de melhorias proposto. Salientamos que o cenário da crise ambiental urbana instalada nas proximidades e no interior da feira “Manaus Moderna” não é em nenhum momento posta aqui como ponto de vista político para este ou àquele partido que esteve ou está no poder.

Mas sim, para com que possamos refletir, agir e se necessário reagir, a esta realidade precária em que se encontra não somente o ambiente da feira “Manaus Moderna”, mas à

frente de nossa cidade, ao mesmo tempo bela pela “natureza” natural (o rio) e obscurecida pela “natureza humana” (violência, miséria, prostituição, poluição etc.).

Consideramos que se pense em ações de políticas públicas ambientais e de saúde no espaço e lugar da feira “Manaus Moderna” com a vontade de que possamos ao menos tentar melhorar nossa cidade, com ações conjuntas efetivas - SEMAGA, SEMULSP, SEMSA, SEMMA, INTRANS, CVisa, Comissão Gestora, trabalhador da feira, consumidor, turista etc.-, pois cada um age e reage, modifica e transforma esse ambiente, nas suas relações cotidianas construídas seja pela prática individual ou seja pela prática social, que podem acelerar ou amenizar o processo de crise ambiental urbano observado nesta realidade.

Sugerimos aqui que possamos nos lembrar da feira na busca da harmonia entre o homem e o ambiente, que se traduz pela tão propagada sustentabilidade, em meio a realidade do lucro exarcebado e a privatização dos processos sócio-econômicos, encarpados pelo discurso da garantia de um alto padrão de qualidade de vida. Para tanto, acreditamos que seja inicialmente necessário que se possibilite a universalização dos direitos humanos e a busca por uma sociedade mais comprometida com o destino da humanidade.

REFERENCIAS

ARCURI, I. G. **Memória Corporal: o simbolismo do corpo na trajetória da vida.** São Paulo: Vetor, 2004, 291 p.

BALESTRA, C. M. **A imagem corporal de idosos praticantes e não praticantes de atividades Físicas.** Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de campinas, 2002. Disponível em: http://www4.mackenzie.com.br/fileadmin/Graduacao/CCBS/Cursos/Educacao_Fisica/REMEFE-6-1-2007/art03_edfis6n1.pdf. Acesso em 16.07.2007.

BARBOSA, R.M.S. **Avaliação da Catexe Corporal dos participantes do Programa Educação Física Gerontológica da Universidade Federal do Amazonas.** Tese de Doutorado, Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. Campinas, 2003, 191 p.

BARROS, D. D. **Imagem corporal: a descoberta de si mesmo.** São Paulo. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-9702005000200020&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 16.07.2007.

BERGER, P.L, e LUCKMANN, T. (. **A construção social da realidade: Tratado de sociologia do conhecimento.** Trad. Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 2005, 248 p.

CARLOS, A.F.A. **A cidade.** São Paulo: Contexto, 2005.

_____. **Espaço-Tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana.** São Paulo: Contexto. 368 p.

CAPRA, F. **A teia da vida: uma nova compreensão científica dos sistemas vivos.** 9ª ed. Trad. Newton Roberval Eicheberg. São Paulo: Editora Cultrix, 2004, 256 p.

CAVALCANTI, C. (org.). **Desenvolvimento e Natureza: estudos para uma sociedade sustentável.** 4 ed. São Paulo: Cortez, Recife, PE: Fundação Joaquim Nabuco, 2003.

DAÓLIO, J. **Da cultura do corpo.** Campinas, SP: Papyrus, 1995, 105 p.

DEL RIO, V. **Cidade da mente, cidade real: Percepção Ambiental e Revitalização na área Portuário do RJ.** In: DEL RIO, V e OVEIRA, L. *Percepção Ambiental: a experiência brasileira.* 2ª ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999. p 3-22.

DIAS, G. F. **Iniciação à temática ambiental.** São Paulo: Gaia, 2002.

DRUCKER, P. F. **O melhor de Peter Drucker: obra completa.** Traduzido por: Maria L. Leite Rosa, Arlete Simille Marques e Edite Sciulli. São Paulo: Nobel, 2002.

FAGGIONATO, S. **Percepção Ambiental.** Ambientebrasil Artigo. Disponível em <http://www.ambientebrasil.com.br/composer.php3?base=./educacao/index.php3&conteudo=./educacao/artigos/percambiental.html>. Acesso em: 12.12.2006.

FERRARA, L. D'A. **Olhar Periférico: Informação, Linguagem, Percepção Ambiental.** 2. ed. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo. 1999, 277p.

Feiras de Manaus são caso de saúde pública. Jornal Diário do Amazonas. Manaus, quarta-feira, 03 de outubro de 2007. Cidades Capa. Ano XXII, N°. 10359, 56 p.

FLEISCHFRESSER, V. **Amazônia: Estado e Sociedade.** Campinas, SP: Armazém do Ipê (Autores Associados), 2006.

FRAXE, T.J.P.*et al.* **Natureza e Mundo Vivido: O Espaço e Lugar na Percepção da Família Cabocla/Ribeirinha.** In: SHERER, E. OLIVEIRA, J.A. *Amazônia: políticas públicas e diversidade cultural.* Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: História da violência nas prisões.** 8ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1991. 262 p.

GEERTZ, C. **O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa.** Trad. Vera Mello Joscelyne. 8ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 2006, 367 p

GRANDO, J. C. **Sacralização do corpo: a educação física na formação da força de trabalho brasileira.** Blumenau, SC: Ed. FURB. 1996 138p.

HARVEY, D. **Espaços de Esperança.** Trad. Adail Ubirajara Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Editoras Loyola. 2004, 382 p.

HELLER, A. **O cotidiano e a História**. 7ª ed. Trad. Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. São Paulo: Paz e Terra. 2004, 121 p.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. Traduzido por: Sônia M. S. Fuhrmann. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

LEFF, E. **Saber ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Traduzido por: Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

LYNCH, K. **A Imagem da Cidade**. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes. 1999, 227p.

MACEDO, R.L.G. **Percepção e conscientização ambiental**. Lavras: UFLA/FAEP. 2000

MACHADO, L. M. C. P. **Paisagem Valorizada: A Serra do Mar como Espaço e como Lugar**. In: VICENTE, Del Rio e OLIVEIRA, L. *Percepção Ambiental: a experiência brasileira*. 2ª ed. São Paulo: Studio Nobel, 1999. p. 97-119.

MANAUS. **Lei N.º 123, de 25 de novembro de 2004**. Dispõe sobre a organização e o funcionamento dos Mercados e Feiras no Município de Manaus, e dá outras providências. Prefeitura Municipal de Manaus, Secretaria Municipal de Abastecimento, Mercados e Feiras (SEMAF).

MATARUNA, L. **Imagem Corporal: noções e definições**. Revista Digital. Buenos Aires. Año 10, n.º 71 de Revista Digital - Buenos Aires - Año 10 - N.º 71 - Abril de 2004, abril de 2004. Disponível em <http://www.efdeportes.com/>. Acesso em 09.09.2006.

MARX, K. **Manuscritos Econômicos-Filosóficos**. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2005.

MEDINA, J.P.S. **O brasileiro e seu corpo: educação e política do corpo**. 10ª ed. Campinas, SP: Papyrus. 2005, 135 p.

MINAYO, M.C.S (org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. 108 p.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. 8ª ed. Trad. Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2005, 344 p.

_____. **Saberes Globais e Saberes Locais: o olhar transdisciplinar.** 4^a ed. Rio de Janeiro: Garamond. 2004. 76 p.

NODA, S. N. **As relações de trabalho na produção amazonense de juta e malva.** Dissertação de Mestrado. ESALQ – USP. Piracicaba, São Paulo. 1985, 136 p.

_____. **Etnoecologia: preceitos teóricos de percepção ambiental.** Disciplina optativa. 01-30 de set de 2006. 30 Slides. Notas de Aula.

OKAMOTO, J. **Percepção Ambiental e Comportamento – visão holística da Percepção Ambiental na Arquitetura e na Comunicação.** São Paulo: Ed. Mackenzie. 2002, 263 p.

OLIVEIRA, J. A. **Manaus de 1920-1967- A cidade doce e dura em excesso.** Manaus: Editora Valer/ Governo do Estado do Amazonas/ Editora da Universidade Federal do Amazonas. 2003

_____. *et al* **Amazônia: políticas públicas e diversidade cultural.** Rio de Janeiro: Garamond. 2006 p. 233-258.

PENNA, A. G. **Percepção e Realidade: introdução ao estudo da atividade perceptiva.** Rio de Janeiro: Ed. Imago. 1997, 188 p.

SANTOS, M. **A Natureza do Espaço: Técnica e tempo, razão e emoção.** 4^a.ed. 1. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004, 384p.

SHILDER, P. **A Imagem do Corpo: as energias construtivas da psique.** 3^a ed. Trad. Rosanne Wertman. São Paulo: Martins Fontes. 1999, 405 p.

SOUTO MAIOR, A. **História Geral.** São Paulo, Editora São Paulo, 1978.

TAVARES, M. C. G. C. F. **Imagem Corporal: conceitos e desenvolvimento.** Barueri, SP: Manole, 2003, 147p.

TRIVIÑOS, A. N. S. (2006). **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas. 176 p.

TUAN, Y. F. **Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência.** Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL. 1983, 250 p.

_____. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente.**

São Paulo: DIFEL. 1980, 289 p.

YIN, R.K. **Estudo de caso: planejamento e métodos.** 3^a ed. Trad. Daniel Grassi. Porto

Alegre: Bookman. 2005, 212 p.

APÊNDICE

APÊNDICE 01 – Marco Lógico

Tema	Problema	Hipótese	Objetivo geral
<ul style="list-style-type: none"> • A Percepção Ambiental e Imagem Corporal dos trabalhadores da feira “Manaus Moderna”: desafios e superações no cotidiano de trabalho. 	<ul style="list-style-type: none"> • Como Percepção Ambiental e Imagem Corporal dos trabalhadores da feira podem revelar sugestões que possibilitem melhorias no ambiente da feira “Manaus Moderna”? 	<ul style="list-style-type: none"> • A percepção do ambiente e os sentimentos sobre si mesmo do trabalhador da feira na realidade da vida cotidiana de trabalho, podem revelar pontos relevantes que possibilitem sugestões de melhorias neste ambiente. 	<ul style="list-style-type: none"> • Analisar a Percepção Ambiental e Imagem Corporal dos trabalhadores da feira para constituição do quadro de sugestões de possíveis melhorias no ambiente da feira “Manaus Moderna”

APÊNDICE 01 – Marco Lógico (Continuação)

Objetivo Específico	Questão Norteadora	Proposição	Unidade de Análise	Tópico	Técnica
a) Caracterizar a história da ocupação da feira “Manaus Moderna”.	Como os trabalhadores da feira recordam a história da construção da Feira Manaus Moderna?	<ul style="list-style-type: none"> • A caracterização da história da construção da feira, revela pontos relevantes sobre o vínculo topofílico com o ambiente da feira. 	- Topofilia	<ul style="list-style-type: none"> • O ambiente da feira “Manaus Moderna” e o trabalhador da feira: história e perspectiva futura. 	<ul style="list-style-type: none"> - Documentação (Yin, 2005) - Entrevista semi-estruturada (Yin, 2005)
b) Descrever a Percepção Ambiental do trabalhador da feira sobre o ambiente da “Feira Manaus Moderna”	Como os trabalhadores da feira percebem o ambiente interno e externo da feira “Manaus Moderna”?	<ul style="list-style-type: none"> • A percepção do trabalhador da feira sobre o ambiente interno e externo, revelam pontos relevantes em forma de conceitos que variam de ótimo à péssimo. 	- Percepção Ambiental	<ul style="list-style-type: none"> • O ambiente da feira “Manaus Moderna” e o trabalhador da feira: a imagem corporal e a percepção ambiental. 	<ul style="list-style-type: none"> - Documentação (Yin, 2005) - Observação Direta; (Yin, 2005)
c) Identificar a Imagem Corporal deste trabalhador nas relações corpo/mente neste ambiente	Como os trabalhadores da feira sentem seu corpo nas relações cotidianas com este ambiente?	<ul style="list-style-type: none"> • A imagem que o trabalhador da feira tem de si mesmo nas relações interdependentes com outras imagens corporais e objetos, revelam pontos relevantes em nível de satisfação (ou não). 	- Imagem Corporal		<ul style="list-style-type: none"> - Entrevista semi-estruturada; (Yin, 2005)
d) Relacionar os dados da Imagem Corporal e Percepção Ambiental dos trabalhadores da feira	Como a Imagem Corporal e Percepção Ambiental se relacionam?	<ul style="list-style-type: none"> • A análise dos dados da relação entre as teorias da Imagem Corporal e Percepção Ambiental revelam pontos relevantes sobre a realidade da vida cotidiana, que possibilitam a composição do quadro de sugestões de melhorias para o ambiente da feira “Manaus Moderna” 	- Realidade da vida cotidiana.	<ul style="list-style-type: none"> • O ambiente da feira “Manaus Moderna” e o trabalhador da feira: desafios e superações na realidade do cotidiano de trabalho. 	<ul style="list-style-type: none"> - Técnica Fotográfica (Ferrara, 1999)

APÊNDICE 02 – Roteiro de entrevista

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO AMBEINTE
E SUSTENTABILIDADE NA AMAZÔNIA

Projeto: A imagem corporal e percepção ambiental dos os trabalhadores da “Feira Manaus Moderna”

Pesquisadora: Jozilma Batalha Pinto de Souza

Orientadora: Sandra do Nascimento Noda

No. _____ Data:/...../ 200.... Hora: _____

1. IDENTIFICAÇÃO

Nome do Entrevistado(a): _____

.Sexo: Fem. () Masc. ()

Idade: () 18 a 30 anos () 31 a 45 anos () 46 - 60 anos () + de 61 anos

Local de Nascimento: _____ UF: . _____ Local de Moradia: _____

Grau de escolaridade: () Nunca estudou () Não lê e não assina o nome

() Só assina o nome () 1ª a 4ª

() 5ª a 8ª () Ensino Médio Incompleto

() Ensino Médio Completo () EJA

() Ensino Superior

Estado Civil: () Solteiro () Casado () União Consensual

() Viúvo () Separado

3. PROCESSO DE CONSTRUÇÃO E GESTÃO

Objetivo: Caracterizar a história da ocupação da “Feira Manaus Moderna”

1.1. Você já era “feirante” antes de vir trabalhar aqui?

a) () Sim b) () Não Por quê?

1.2. Há quanto tempo você trabalha aqui na Feira Manaus Moderna?

1.3. Você tem algum parente que trabalha aqui na feira?

() Sim Quantos? Trabalham com o quê?

() Não Você gostaria de ter? por quê?

1.4 Você sabe quando foi construída esta feira? E quem foi o responsável pela construção?

a) Sim b) Não Por quê?

1.5. Você foi procurado pelos responsáveis para dar alguma sugestão nesta construção?

a) Sim b) Não Por quê?

1.. Você acredita que foi importante a construção desta Feira para a sociedade?

a) Sim b) Não Por quê?

1.7- Você sabe qual a zona da cidade que se localiza esta feira?

a) Norte b) Sul c) Centro-Sul d) Centro-Oeste e) Leste f) Oeste

1.8 – Você acredita que esta feira permanecerá na história da cidade?

Sim ou Não Por quê?

1.9. Você conhece a instituição responsável pela administração da Feira Manaus Moderna?

a) Sim b) Não Qual é? O que faz?

1.10 Você sabe qual a função da comissão gestora?

1.11. Você sabe qual a função do Sindicato?

1.12. Como você imagina a feira e o feirante no futuro?

2. PERCEPÇÃO AMBIENTAL

Objetivo: Descrever a percepção ambiental dos trabalhadores da feira sobre o ambiente da “Feira Manaus Moderna”

2.1 .Você mudaria algum aspecto do seu ambiente de trabalho?

a) Sim b) Não Qual (is) ? Por quê?

2.2 . Como você percebe o seu espaço de trabalho (banca, box etc) quanto ao (a) ?

a) Localização

Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo Por quê?

b) Tamanho

Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo Por quê?

b) Quantidade de box

Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo Por quê?

2.3 Como você percebe o espaço da feira para o fluxo de pessoas diárias quanto ao (a):

a) Portão de entrada e saída

Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo Por quê?

b) Corredores da Feira

Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo Por quê?

c) Tipo de Cobertura

Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo Por quê?

- d) Tipo de Iluminação
 Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo Por quê?
- e) Tipo de Piso
 Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo Por quê?
- f) Tipo de Ventilação
 O B RE RU P Por quê?
- g) Banheiros
 Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo Por quê?
- h) Estacionamento
- i) Serviço de Primeiros Socorros
 Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo Por quê?
- j) Segurança
 Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo Por quê?
- k) Limpeza e lixo
 Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo Por quê?
- l) Serviço de escgoto
 Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo Por quê?
- m) Ventilação
 Ótimo Bom Regular Ruim Péssimo Por quê?

IMAGEM CORPORAL

Objetivo: Identificar a Imagem Corporal dos trabalhadores da feira

3.1 Como você se sente sendo trabalhador (a) na Feira Manaus Moderna?

Sinto-me satisfeito Não sinto nada, tanto faz. Sinto-me Insatisfeito Por quê?

3.2 Como você se sente no cotidiano de trabalho na feira em relação a :

1. Aptidão Física

a) Sua condição de força física

Sinto-me satisfeito Não sinto nada, tanto faz. Sinto-me Insatisfeito Por quê?

b) Sua condição de deslocamento rápido

Sinto-me satisfeito Não sinto nada, tanto faz. Sinto-me Insatisfeito Por quê?

c) Sua condição de flexibilidade do corpo

Sinto-me satisfeito Não sinto nada, tanto faz. Sinto-me Insatisfeito Por quê?

d) Sua condição de resistência muscular

Sinto-me satisfeito Não sinto nada, tanto faz. Sinto-me Insatisfeito Por quê?

2. Aparência Física

a) Seu peso

Sinto-me satisfeito Não sinto nada, tanto faz. Sinto-me Insatisfeito Por quê?

b) Sua postura

Sinto-me satisfeito Não sinto nada, tanto faz. Sinto-me Insatisfeito Por quê?

d) Seu cabelo

Sinto-me satisfeito Não sinto nada, tanto faz. Sinto-me Insatisfeito Por quê?

e) Sua unha

Sinto-me satisfeito Não sinto nada, tanto faz. Sinto-me Insatisfeito Por quê?

f) Seu dente

Sinto-me satisfeito Não sinto nada, tanto faz. Sinto-me Insatisfeito Por quê?

g) Sua roupa

Sinto-me satisfeito Não sinto nada, tanto faz. Sinto-me Insatisfeito Por quê?

3. Saúde Física

a) Sua respiração

Sinto-me satisfeito Não sinto nada, tanto faz. Sinto-me Insatisfeito Por quê?

b) Seu descanso corporal

Sinto-me satisfeito Não sinto nada, tanto faz. Sinto-me Insatisfeito Por quê?

c) Seu sono

Sinto-me satisfeito Não sinto nada, tanto faz. Sinto-me Insatisfeito Por quê?

d) Sua resistência à doenças

Sinto-me satisfeito Não sinto nada, tanto faz. Sinto-me Insatisfeito Por quê?

e) Sua prática de atividade física e/ ou lazer

Sinto-me satisfeito Não sinto nada, tanto faz. Sinto-me Insatisfeito Por quê?

4. Relação Social

a) Vocabulário (cumprimento e agradecimento)

Sinto-me satisfeito Não sinto nada, tanto faz. Sinto-me Insatisfeito Por quê?

b) Popularidade

Sinto-me satisfeito Não sinto nada, tanto faz. Sinto-me Insatisfeito Por quê?

c) Ser Feirante

Sinto-me satisfeito Não sinto nada, tanto faz. Sinto-me Insatisfeito Por quê?

APÊNDICE 03 – Termo de Concordância**UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DO AMBIENTE E
SUSTENTABILIDADE NA AMAZÔNIA**

Eu, _____, nº RG _____
responsável pela _____, autorizo a realização da
pesquisa da Dissertação de Mestrado da pesquisadora JOZILMA BATALHA PINTO DE
SOUZA , nº RG 1350338-3 intitulada: Imagem Corporal e Percepção Ambiental dos
trabalhadores da Feira Manaus Moderna, do Programa de Pós-Graduação em Ciências do
Ambiente e Sustentabilidade da Amazônia da Universidade Federal do Amazonas, ciente
de que os resultados desta pesquisa serão veiculados através de artigos científicos em
revistas especializadas e/ou em encontros científicos e congressos, isto é, para fins
exclusivamente científico-didáticos, sem identificação nominal.

Fui informado que, se esse material vier a ser utilizado, no futuro, para fins de pesquisa,
será solicitado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na medida em que isto for
possível. Em qualquer circunstância, o projeto será submetido ao Comitê de Ética em
Pesquisa em Seres Humanos local, ao qual cabe a aprovação final.

Assinatura: _____

Termo preenchido por: _____

Manaus, _____ / _____ / _____

APÊNDICE 04 – Carta ao feirante (Técnica Fotográfica)

Manaus, 15 de Outubro de 2007.

Prezado (a) Trabalhador (a) da Feira Manaus Moderna,

Estou entregando a você uma máquina fotográfica com 24 poses. Esta máquina é simples e de fácil manuseio para que possa registrar fotos na área interna e/ou externa do seu ambiente de trabalho, no caso, a Feira Manaus moderna.

Você pode acionar o flash para as fotos internas.

Divida as fotos entre o que você gostaria que **melhorasse** e o que você considera **bom**, nos seguintes assuntos:

- No espaço de sua banca ou Box
- No espaço da Feira
- Da sua imagem como trabalhador da feira (relacionamento com o cliente, colegas e o ambiente).

Fotografe tudo o que achar importante e que você gostaria de mostrar e conversar em relação a estes assuntos, tanto para o que se vê de bom, quanto para o que quer de melhorias.

Você terá direito a registrar 24 fotos, dividindo-a como você desejar entre os assuntos acima descritos.

Boas Fotos

Contamos com você.

Jozilma Batalha

ANEXO

ANEXO 01 - Quadro com os endereços dos mercados e feiras municipais da cidade, organizada em planilha excell.

Localização dos Mercados e Feiras por Zona da cidade de Manaus					
Quantidade	Mercados e Feiras	Nomes	Rua	Bairro	Zona
1	Mercado municipal	Adolfo Lisboa	Rua Dos Bares	Centro	Zona Sul
2	Mercado municipal	Araujo Lima	Rua São Bento	Glória	Zona Oeste
3	Mercado municipal	Carneiro da Mota	Rua São Benedito	Morro Da Liberdade	Zona Sul
4	Mercado municipal	Dorval do Porto	Av. Djalma Batista	N.Sra. Das Graças	Centro Sul
5	Mercado municipal	Jorge de Moraes	Rua Leopoldina Peres	Educandos	Zona Sul
6	Mercado municipal	Maximino Corrêa	Rua Emiliomoreira	Praça 14	Zona Sul
7	Mercado municipal	Senador Cunha Melo	Av Constantino Nery	Centro	Zona Sul
8	Mercado municipal	Walter Rayol	Av 7 De Setembro	Cachoeirinha	Zona Sul
9	Feira do produtor	Zona Leste	Av Autaz Mirim	Jorge Texeira	Zona Leste
10	Feira do produtor	Sto Antonio	Rua São Pedro	Santo Antonio	Zona Oeste
11	Feira municipal	Compensa II	Av. São Pedro	Compensa	Zona Oeste
12	Feira municipal	Alvorada I	Rua 4 C/Av B.	Alvorada I	Centro Oest
13	Feira municipal	Alvorada II	Av. J. C/ Rua 08	Alvorada Ii	Centro Oest
14	Feira municipal	Coroado III	Alameda Cosme Ferreira	Coroado Iii	Zona Leste
15	Feira municipal	Japiim I	Rua Gal. Rodrigo Otávio	Japiim	Zona Sul
16	Feira municipal	Aeroporto	Av Torquarto Tapajós	Flores	Centro Sul
17	Feira comunitária	Cidade do Leste	Av Penetração	Cidade Do Leste	Zona Leste
18	Feira comunitária	Compensa	Av. São Pedro	Compensa	Zona Oeste
19	Feira comunitária	Liberdade	Av.Liberdade	Terra Nova Ii	Zona Norte
20	Feira comunitária	Riacho Doce I	Rua Ipiranga	Riacho Doce I	Zona Norte
21	Feira comunitária	Riacho Doce III	Rua Vasco Da Gama	Cidade Nova I	Zona Norte
22	Feira comunitária	Grande Vitória	Rua Iraque	Grande Vitória	Zona Leste
23	Feira comunitária	João Paulo I	Rua Itaúba	João Paulo	Zona Leste
24	Feira comunitária	Jesus me Deu	Rua Alecrim	João Paulo	Zona Leste
25	Feira comunitária	Cosama	Rua Bispo Pedro Maça	Cidade Nova I	Zona Norte

26	Feira comunitária	Oswaldo Frota	Cj.Francisca Mendes	Cidade Nova	Zona Norte
27	Feira comunitária	Lírio do Vale	Rua Des. João Machado	Lírio Do Vale	Zona Oeste
28	Feira comunitária	Japiim	Av Manaus Moderna	Distrito Industrial	Zona Leste
29	Feira comunitária	Palmeiras	Rua Das Palmeiras	Cidade De Deus	Zona Norte
30	Feira comunitária	Monte Pascoal	Rua São Lourenço N°471	Monte Pascoal	Zona Leste
31	Feira comunitária	Mundo Novo	Rua 07	Cj. Mundo Novo	Zona Norte
32	Feira comunitária	Multirão	Rua Penetração Iii	Amazonino Mendes	Zona Norte
33	Feira comunitária	Novo Israel	Rua Ezequiel N°56	Novo Israel	Zona Norte
34	Feira comunitária	Nossa Senhora Rosário	Av Chico Mendes	Novo Israel	Zona Norte
35	Feira municipal	São José I	Rua Rosário	São José I	Zona Leste
36	Feira municipal	São José II	Rua 01	São José Ii	Zona Leste
37	Feira municipal	Cel. Jorge Texeira	Rua Barão De São Domingos	Centro	Zona Sul
38	Feira municipal	Cob. Jorge Texeira	Av. Penetração	Jorge Texeira 1 Etapa	Zona Leste
39	Feira municipal	João Sena	Rua 07	Alvorada I	Centro Oest
40	Feira volante	Prefeito I	Volante	Volante	Qualquer Zona
41	Feira volante	Prefeito ii	Volante	Volante	Qualquer Zona
42	Feira municipal	Quarentão	Av. São Pedro	Compensa Ii	Zona Oeste
43	Feira municipal	Do 40	Rua Alan Kardeck	Igarapé Do 40	Zona Sul

Localização dos Mercados e Feiras por Zona da cidade de Manaus					
Quantidade	Mercados e Feiras	Nomes	Rua	Bairro	Zona
44	Mini shopping	Nac	Av. São Pedro	Compensa	Zona Oeste
45	Feira comunitária	Alfredo nascimento	Rua Omar Aziz	Alfredo Nascimento	Zona Norte
46	Feira comunitária	Amadeu botelho	Cj.Amadeu Botelho	Cidade Nova	Zona Norte
47	Feira comunitária	Amazonino mendes	Rua Da Penetração Ii	Amazonino Mendes	Zona Norte
48	Feira comunitária	M. Santos	Rua Marcelo Santos	Zumbi	Zona Leste
49	Feira comunitária	C. Ferreira	Alameda Cosme Ferreira	Zumbi	Zona Leste
50	Feira comunitária	Ayrton senna	Rua Das Camélias	Jorge Texeira	Zona Leste
51	Feira comunitária	Castanheira	Cj.Castanheira	Zumbi	Zona Leste
52	Feira comunitária	Ceasa	Ceasa	Distrito Industrial	Zona Leste
53	Feira municipal	Armando mendes	Av. Perimentral	Armando Mendes	Zona Leste
54	Feira municipal	Bairro da paz	Av. Esperança	Bairro Da Paz	Centro Oest
55	Feira municipal	Banana	Rua Pedro Botelho	Centro	Zona Sul
56	Feira municipal	Betânia	Av. Adalberto Vale	Betânia	Zona Sul
57	Feira municipal	Cajual	Rua Amazonas	Morro Da Liberdade	Zona Sul
58	Feira municipal	Cidade nova i	Av.Noel Nutels	Cidade Nova	Zona Norte
59	Feira municipal	Conquista	Av. Penetração	Grande Vitória	Zona Leste
60	Feira municipal	Glória	Rua Osvaldo Cruz	Glória	Zona Oeste
61	Feira municipal	Japiinlândia	Rua Portugal	Japiinlândia	Zona Sul
62	Feira municipal	Jardim dos barés	Rua Jardim Botânico	Jardim Dos Bares	Zona Oeste
63	Feira municipal	Maués	Rua Maués	Cachoeirinha	Zona Sul
64	Feira municipal	Nova esperança	Rua Nova Esperança	Col. Antônio Aleixo	Zona Leste
65	Feira municipal	Panair	Rua Bento José De Lima	Colônia O. Machado	Zona Sul
66	Feira municipal	Parque dez	Rua Do Comercio	Parque 10	Centro Sul
67	Feira municipal	Peixe vivo	Rua Arsenal De Marinha	Colônia O. Machado	Zona Sul
68	Feira municipal	São francisco	Rua General Carneiro	São Francisco	Zona Sul
69	Feira municipal	São jorge	Rua 1º De Maio	São Jorge	Zona Oeste
70	Feira comunitária	Nova luz	Av. Penetração	Jorge Teixeira 4º Etapa	Zona Leste

71	Feira comunitária	Novo aripuanã	Rua São Jorge	Colônia Sto Antônio	Zona Norte
72	Feira comunitária	Nucleo 23	Rua Jordão	N. Sra. De Fátima	Zona Norte
73	Feira comunitária	Puraquequara	Rua Santa Luzia	Puraquequara	Zona Leste
74	Feira comunitária	Santo agostinho	Rua Solimões	Santo Agostinho	Zona Oeste
75	Feira comunitária	Santo agostinho/jonasa	Av. Rio Negro	Santo Agostinho	Zona Oeste
76	Feira comunitária	Santa luzia	Rua Santa Luzia	Cidade De Deus	Zona Norte
77	Feira comunitária	Santa marta	Rua Santa Marta	Cidade De Deus	Zona Norte
78	Feira comunitária	Simão ii	Rua 03	Cj.Francisca Mendes I	Zona Norte
79	Feira comunitária	Bairro da união	Rua Barreirinha	Bairro Da União	Centro Sul
80	Feira comunitária	União j. Texeira	Av.Penetração C/ Rua 08	J. Texeira 4 Etapa	Zona Leste
81	Feira comunitária	Vitória	Rua Rio Grande	Novo Aleixo	Zona Norte
82	Feira comunitária	Vale do amanhecer	Rua Bem-Te-Vi	Vale Do Amanhecer	Zona Sul
83	Feira comunitária	11 de outubro	Alameda Cosme Ferreira	Zumbi I	Zona Leste
84	Feira comunitária	Carlos braga	Rua Xerox- Com. Shap	Distrito Industrial	Zona Leste
85	Feira comunitária	Galileia	Rua 07 Conj. Osvaldo Frota I	Cidade Nova I	Zona Norte
86	Feira comunitária	Cel. Vivaldo	Rua Zacarias	Alfredo Nascimento Ii Et	Zona Norte
87	Feira comunitária	Monte das oliveira		Monte Das Oliveira	Zona Norte
88	Feira comunitária	N. Sra. Fátima	Al. Esperança	Nossa Sra. De Fátima	Zona Norte
89	Feira comunitária	Cidade de deus	Rua Carlos Alberto	Cidade De Deus (Invasão)	Zona Norte
90	Feira comunitária	Zona sul (crespo)	Rua Jv Silva C/ Av. Rodrigo Octavio	Crespo	Zona Sul
91	Feira municipal	Bairro da raiz	Rua Delfim De Souza	Raiz	Zona Sul
92	Feira comunitária	Val paraíso	Av.Sumaré	Val Paraiso	Zona Leste

ANEXO 02 – Recorte do Jornal Diário do Amazonas de 03.10.2007.

